



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

ÉMERSON AROLDO RODRIGUES DE ANDRADE

**A CORRIDA AO PALÁCIO. DA REDENÇÃO; AO PAI: ANÁLISE DO DISCURSO
DE JOSÉ MARANHÃO E RICARDO COUTINHO NO GUIA ELEITORAL DE 2010**

CAMPINA GRANDE

SETEMBRO DE 2014

ÉMERSON AROLDI RODRIGUES DE ANDRADE

**A CORRIDA AO PALÁCIO. DA REDENÇÃO; AO PAI: ANÁLISE DO DISCURSO
DE JOSÉ MARANHÃO E RICARDO COUTINHO NO GUIA ELEITORAL DE 2010**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Dr. Moisés de Araújo Silva

CAMPINA GRANDE

SETEMBRO DE 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A554c Andrade, Emerson Aroldo Rodrigues de

A corrida ao palácio. Da Redenção; ao pai: [manuscrito] : análise do discurso de José Maranhão e Ricardo Coutinho no guia eleitoral de 2010 / Emerson Aroldo Rodrigues de Andrade. - 2014. 117 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

Orientação: Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva, Departamento de Comunicação Social.

1. Guia eleitoral 2010. 2. Personagens políticos. 3. Discurso político. I. Título.

21. ed. CDD 320.1

EMERSON AROLDO RODRIGUES DE ANDRADE

**A CORRIDA AO PALÁCIO, DA REDEÇÃO; AO PAI: ANÁLISE DO DISCURSO
DE JOSÉ MARANHÃO E RICARDO COUTINHO NO GUIA ELEITORAL DE 2010**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para a obtenção do
Título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo.

Campina Grande, 17 de Setembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Moisés de Araújo Silva 10,0

Prof. Dr. Moisés de Araújo Silva

Maria do Socorro T. Palito Santos 10,0

Prof(a). Maria do Socorro Tomaz Palito Santos

Gisele Mansi Sampaio de Araújo 10,0

Prof (a). Gisele Sampaio

Média 10,0
Moisés de Araújo Silva

AGRADECIMENTOS

Depois de todo o trabalho e tempo dedicado a este estudo, quero primeiramente prestar minha gratidão a Deus onipotente e todo poderoso. Trindade Santa, que por sua graça infinita em um ato de extremo amor me concedeu o dom da vida e permitiu – me que chegasse até aqui. Quero também agradecer a meus pais (Antônio e Eliane) que nesta terra me receberam em um enorme e confortável lar de amor e compreensão e me ensinaram os caminhos a serem trilhados e a forma como caminhar. Mesmo nos deslizos estenderam as mãos, me acolheram e como verdadeiros modelos do amor de Deus me mostraram que estamos sujeitos a cair e em um carinho inesgotável me concederam nova chance.

Agradeço também ao meu irmão Ellison Aron, ele é um dos grandes presentes que Deus me deu e foi razão de muitos sorrisos e esperanças quando tudo parecia sem jeito e sem razão, foram seus olhos e seus sorrisos e seu bom humor que mostraram mais uma vez as carícias de Deus na minha vida.

A minha noiva e futura esposa Iara Guimarães, que me recebeu em sua vida e ajudou a construir um pedaço de homem que faltava. Ela é responsável por construir em mim um novo aspecto de caminhada na vida, com seu carinho, paciência e compreensão evitou muitas vezes que cometesse erros e em momentos de tantas cobranças, soube dizer “estou aqui” e, de fato, permaneceu comigo. Mostrou que vale a pena ser firme nos nossos sonhos, e mais ainda, foi fiel a Deus, esperou nas suas promessas e hoje vivemos o cumprimento do início destas afirmações testemunhadas com a chegada de Maria Clara, dom de Deus nas nossas vidas, para sanar as dúvidas que por ventura existiam e corroborar os planos divinos para nós.

Aos meus irmãos da Comunidade Católica Obra Nova do Coração de Maria, em especial Marli Maria, Maurício Junior, Vladimir, Vanderle, Carlinhos, Camila Brito, os irmãos do grupo Cristo Jovem 2010 – 2012 e a turma vocacional 2012, que foram mais um, dos tantos presentes de Deus em minha vida. Com vocês aprendi o verdadeiro sentido da palavra felicidade e o quão vale à pena e é importante uma

verdadeira amizade, vocês são minhas sandálias na estrada que leva a Deus, sem vocês fica difícil caminhar.

Agradeço a Verônica Guimarães que me acolheu em sua residência permitindo ficar em Campina Grande e concluir o curso e de forma indireta agradeço a todos que passaram por minha vida ao longo desses anos, por dias ou meses quando estava no pensionato da Rua José Bonifácio no Centro de Campina e também aos da minha turma 2010.1. Aos professores do Curso de Comunicação Social que foram importantes setas nesse caminho de aprendizagem e profissionalismo.

De forma especial agradeço ao meu orientador Dr. Moisés Araújo, a sua paciência ao longo desses dias e também o interesse pelo trabalho, o que mostra que o senhor não está apenas cumprindo exigências acadêmicas, mas junto com o aluno levando a sério o trabalho e a pesquisa. Muito Obrigado.

Por último, não posso deixar de agradecer a Bem Aventurada e Sempre Virgem Maria, mãe de Deus e nossa mãe, que desde minha infância ouviu as singelas orações que fazia, e posso afirmar que me alcançou já várias vezes de seu Filho e Meu Senhor Jesus Cristo, inúmeras graças e bênçãos. Por sua intercessão a graça de Deus se fez tantas vezes presentes em minha vida e fui livrado do mal e da tentação. A ela, que Deus quis usar como ponte entre a terra e o céu, para trazer ao mundo a salvação em Jesus, recorro trilhando o mesmo caminho que Deus abriu por ela, usando-a como ponte para chegar a Jesus. Sua presença materna é a melhor e mais eficiente ferramenta para caminhar junto a Cristo. A ela peço sempre sua poderosa intercessão, virgem medianeira de todas as graças, Rainha do céu abaixo de Deus e acima dos anjos, primeira cristã, rogai por nós.

Por fim a todos que também indiretamente contribuíram com meu trabalho e me acompanharam até aqui, a todos, Muito Obrigado !

Não se desencoraje, pois, se na alma, existe o contínuo esforço de melhorar, no final o senhor a premia fazendo nela florir, de repente, todas as virtudes como num jardim florido.

São Padre Pio de Pietrelcina

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a eleição para governador da Paraíba em 2010 com a disputa centrada no segundo turno da campanha. O objetivo do projeto diante deste contexto temático foi de analisar o discurso presente no guia eleitoral dos dois candidatos (Ricardo Coutinho e Zé Maranhão) e a partir desta análise traçar uma comparação em torno dos personagens políticos trabalhados por Schwartzberg. Para tal estudo foi usada a metodologia da análise do discurso segundo a escola francesa e por meio desse chegamos à conclusão do discurso sustentado pelos dois candidatos como o Redentor e o Pai da Paraíba. Ao longo da análise fica claro também que estes personagens não são tipos fixos e que a condição de produção da imagem destes tipos pode variar de acordo com o contexto sócio – histórico.

Palavras-Chave: Guia Eleitoral 2010, personagens políticos, discurso político.

ABSTRACT

The present work has as its study object the election for governor of Paraíba in 2010 with the dispute centered on the second round of the campaign. The aim of the project on this thematic context was analyzed in this election guide of the two candidates (Ricardo Coutinho and Ze Maranhão) speech and from this analysis a comparison chart around political characters per worker Schwarzenberg. For this study the methodology of discourse analysis was used according to French school and through this we conclude the discourse sustained by the two candidates as the Redeemer and Father of Paraíba. Throughout the analysis it is also clear that these characters are not fixed types and production condition of these image types can vary according to the socio - historical context.

Key-Words: Election Guide 2010, political figures, political discourse

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - PERSONALIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO PODER	14
1. PERSONALIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO PODER.....	15
1.1. A POLÍTICA ENQUANTO ESPETÁCULO	15
1.2. A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS	21
1.2.1 O Herói	22
1.2.2 O Homem Comum	24
1.2.3 O Líder Charmoso	25
1.2.4 O Pai.....	25
1.3. RICARDO E ZÉ MARANHÃO HERDEIROS DA TRADIÇÃO E OCUPANTES DE UMA POSIÇÃO.....	28
1.4. JOSÉ TARGINO MARANHÃO – BREVE HISTÓRICO.....	31
1.5. RICARDO VIEIRA COUTINHO – BREVE HISTÓRICO	33
1.6. O HORÁRIO ELEITORAL GRATUITO	34
1.7. O SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES DE 2010	36
1.8. OS PERSONAGENS POLÍTICOS NA REALIDADE PARAIBANA.....	37
CAPÍTULO II - A ANÁLISE DO DISCURSO: QUADRO TEÓRICO E SEU ROTEIRO DE ANÁLISE	39
2. A ANÁLISE DO DISCURSO.....	40
2.1. A ANÁLISE DO DISCURSO SEGUNDO A ESCOLA FRANCESA.....	40
2.2. A MANUTENÇÃO DA ORDEM EM UMA SOCIEDADE: A REPRODUÇÃO DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NAS FORMAÇÕES SOCIAIS.....	42
2.3 O ESTADO COMO ORGANIZADOR DA REPRODUÇÃO DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	46
2.3.1 Os Aparelhos ideológicos de Estado	46
2.4 SOBRE A IDEOLOGIA	47

2.5 CONCRETIZANDO O DISCURSO – LÍNGUA E IDEOLOGIA.....	52
2.5.1 Formação Discursiva. Determinação da Ideologia por um sujeito discursivo	53
2.6 A FORMA SUJEITO DO DISCURSO E O INTERDISCURSO.....	55
CAPÍTULO III - A ANÁLISE DO CORPUS E A IDENTIFICAÇÃO DOS DISCURSOS SUSTENTADOS PELOS SUJEITOS POLÍTICOS	59
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS A PARTIR DA COLETA E ANÁLISE DO CORPUS.....	60
3.1 A ANÁLISE DO CORPUS.....	63
3.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109

INTRODUÇÃO

Para o homem a vida pode ser mais do que um período em que este caminha sobre a terra em busca de dar sentido aos seus principais anseios e realizar os desejos que a natureza lhe impõe. Como SER este indivíduo desde cedo dispõe de enorme sede em desbravar o mundo ao seu redor. Sabemos, devido aos conhecimentos existentes em nossa sociedade, que nossos antepassados surgiram como indivíduos com vontade de vida em comunidade. Afinal, seja pelo sentido mais evolucionista do “homo sapiens” seja pela visão religiosa cristã. Que domina o imaginário cultural de nossa sociedade, o homem se tornou, ou nasceu um ser social, na visão da primeira, e foi feito ser social, de acordo com a segunda. Sendo assim um ser que vivia em grupo, o homem percebeu desde cedo a necessidade de organizar esse modo de vida, que hoje comumente chamamos de sociedade. De criar regras para gerir essa vida social como também indivíduos que fossem responsáveis por essa organização, surgia aí o fenômeno social, ou atividade, chamada Política como também os políticos, se bem que no momento aqui narrado não podemos dizer que já se existia a noção exata e definida de política, mas estava ali contudo, o germe do que seria mais tarde aperfeiçoado por tantos outros grupos cada vez maiores desses indivíduos (Povos) a exemplo do povo egípcio, e finalmente os gregos e romanos.

Em nosso mundo ocidental, essa atividade de gerir a vida social ganhou novos aspectos à medida que as relações entre os indivíduos foram sofrendo alterações e evoluções constantes ao longo de todo o tempo. Nesse campo de relação social o fenômeno comunicacional desempenha sem dúvida um forte e importante papel e é ele o principal propulsor dessas mudanças como também o principal personagem desse câmbio das relações interpessoais. É na comunicação entre os indivíduos que tem se dado de forma ampla as principais mudanças na esfera das relações interpessoais. Tendo em vista que a necessidade da comunicação é fator de grande importância para a vida em sociedade, e à medida que os padrões culturais vão evoluindo, tal fator ganha mais importância. Comunicar supõe “por em comum” nesse caso as ideias e os pensamentos, além de ser uma

necessidade básica do homem. No campo da política e da administração social, saber comunicar as ideias é matéria de tamanha importância para aqueles que ocupam as cadeiras da liderança social. Sendo assim, não é fenômeno tão moderno quanto se pensa a preocupação dos líderes da política com a forma e o modo de comunicação entre estes e o povo. Políticos de ontem e de hoje estão extremamente preocupados com sua imagem diante da *Urbi* ou da *Polis* e seus membros. Afinal essa “imagem”, depende de suas boas estratégias comunicacionais, seja diante da plateia no coliseu, ou diante da plateia no monitor de televisão. Comunicar, e comunicar-se bem, é ganhar e manter respaldo diante do povo.

Portanto, diante de nossa realidade social, cada vez mais emaranhada e dependente dos trejeitos comunicacionais, a atividade política mais do que nunca precisa estar em constante adaptação no tocante ao seu desenrolar nas variadas formas de interação, agora não somente por meio do grito ou dos escritos, mas de satélites e novas plataformas comunicacionais multimidiáticas e interativas. Se antes a imagem pública era importante para qualquer político, hoje atua como critério de vida ou morte.

Na encenação do processo político, todas as características que ele comporta se fazem necessárias serem compreendidas e no nosso caso especificamente em que tratamos da política numa situação particular, observamos não somente o modo como ela é feita na sociedade nos tempos da multimidiatização como também em uma região específica que é o estado da Paraíba.

Como produção humana a atividade política acaba fazendo parte do jeito de ser de um povo, torna-se uma expressão de seu modo de pensar e agir sobre a vida social, nesse caso a cultura política brasileira mostra nos mostra que a identificação do povo com seus representantes políticos se dá de forma não muito diferente do que ocorre nos demais países inseridos dentro do sistema capitalista, daí a similaridade do processo eleitoral em todo o mundo principalmente nas eleições dos estados republicanos.

A paraíba dentro desse contexto não somente se insere dentro do processo de espetacularização da política como também comporta certas particularidades em

torno da criação dos seus personagens políticos, por ter na disputa eleitoral sempre uma corrente política dominante que se altera no poder por meio das condições legais cabíveis a cada época e perpetua sua ideologia de administrar a máquina pública usando dos próprios meios oficiais do poder, situação também comum em outros estados do nordeste que herdaram em sua cultura política traços dos antigos coronéis do tempo da república das oligarquias. Detendo-nos apenas na Paraíba verificamos que essas oligarquias apenas se adequaram as condições políticas de cada tempo escondendo-se por trás de coligações e legendas partidárias.

Esclarecemos porém, que nosso objetivo nesse estudo não é a cultura política paraibana, mas analisar o discurso em meio a esse processo de espetacularização através da atuação dos dois indivíduos que disputaram as eleições para o governo do estado no segundo turno do pleito eleitoral para governador em 2010. São eles José Targino Maranhão (PMDB) e Ricardo Vieira Coutinho (PSB). Nesse trabalho analisamos como a imagem dos respectivos candidatos foi construída no Guia Eleitoral Gratuito do TRE – PB e o discurso desses candidatos que compôs o objetivo principal desse trabalho.

Para isso estaremos utilizando da teoria da Escola Francesa de Análise do Discurso como instrumento de análise metodológica das falas / enunciados de cada um dos candidatos durante sua apresentação como personagens políticos específicos.

A forma como esses personagens são construídos será abordada no primeiro capítulo, para isso utilizaremos das idéias do político francês Roger Gerard Schwarzenberg acerca da construção dos papéis que são incorporados pelos indivíduos, como se fossem personagens de uma peça teatral. Nosso estudo se auxiliou da noção da política enquanto espetáculo, ou seja, do processo de espetacularização dessa atividade em nossa sociedade.

Estaremos assim utilizando de métodos científicos atrelados as respectivas teorias que tratam do processo de espetacularização, analisando como esse processo se deu na Paraíba no referido período, provar que ele existe, e identificar como cada candidato se enquadra enquanto vedete nesse processo.

Feito isso teremos no segundo capítulo, um explanação sobre a Teoria da da Escola Francesa de Análise do Discurso, baseando – nos nas ideias de Michel Pecheux e Luis Althusser abordando a ideia de formações ideológicas em referência a sociedade, como também as peculiaridades dessas formações e o modo como elas se mantêm de maneira que esta gera estruturas discursivas onde se desenvolve o sentido dos enunciados, essas estruturas, resultados de um “processo discursivo” são transpassadas e criadas dentro da Ideologia da Classe dominante, que se mentem e se realiza nos e por meio dos Aparelhos de Estado.

Após entendermos a situação externa ao discurso e as condições de sua produção passaremos a vê-lo dentro da ação como concretização da língua e meio de comunicação entre indivíduos sujeitos a Ideologia. De forma que o discurso ao ser emitido pelo sujeito é a explanação de sua posição enquanto tal, dentro das condições de produção. Assim por exemplo surge o Interdiscurso, o sempre dito já em algum lugar e que é colocado ali pelo sujeito, o processo de formação discursiva é o grande campo de configuração onde o discurso articula-se, analisando esse processo entenderemos então a posição de cada sujeito a partir do que ele fala.

O nosso terceiro capítulo traz a metodologia usada e também a análise do discurso destes dois personagens (Ricardo Coutinho e Zé Maranhão) como sujeitos atuantes em uma ideologia, sujeitos políticos que tem seu comportamento enquadrado como papéis teatrais que os mesmos estão sempre a interpretar, a mesma análise será de certa forma, acompanhada da explanação do contexto político do momento em cada situação a fim de facilitar e esclarecer a posição dos mesmos como sujeitos políticos falantes dentro do contexto político que abordamos como espetacularizado.

Capítulo I

Personalização e Espetacularização do Poder

CAPÍTULO 1

1. PERSONALIZAÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO DO PODER

1.1. A POLÍTICA ENQUANTO ESPETÁCULO

A marca dos governantes não se restringe mais apenas a ícones e outros objetos de simbologia, mas também a própria imagem e desempenho do indivíduo frente a uma plateia exigente no que tange à beleza e não às ideias, frutos da nova cultura política que respiramos, a qual a imagem vem ganhando cada vez mais espaço e importância para aqueles que decidem quem há de governá-los. Seu representante não basta apenas ter boas ideias, tem que ter boa aparência.

Sobre esse modo de vida em sociedade, tudo o que existe acaba se tornando uma mercadoria porque lhe é atribuído um valor. Esse processo se dá a partir do momento que o consumismo passa a atuar como determinante fundamental das relações de troca entre os indivíduos, sendo essas trocas no campo simbólico, material, etc. Com isso, ou seja, a partir do momento que as relações passam a ser determinadas pela necessidade de lhes ser atribuído um valor, o consumismo, alma do sistema capitalista, se torna modelo padrão de atuação das classes dominantes que por sua vez usam de diversas artimanhas e plataformas para conseguir alcançar sua maior meta: lucrar. Para lucrar é necessário que o produto exposto seja interessante.

Na política, o lucro se relaciona a conquista do Estado pelas classes dominantes, o ganho aqui não é financeiro, mas simbólico, é o ganho do poder, e com o poder o ganho dos meios de produção dominante, das estruturas de produção e de lucro da sociedade.

Essa filosofia de funcionamento de nossa sociedade se mostra perfeitamente compreensível e aceita a partir do momento que lançamos nosso olhar sobre as relações atuais em todas as esferas sociais que envolvem a troca de algum bem. O futebol que se transformou em um negócio que movimenta milhões de reais mensalmente, ou ainda o exemplo dos produtos midiáticos como novelas, filmes, seriados, desenhos animados, e outros.

Como se pode perceber, debruçando-nos sobre esses pontos, toda a atuação dos atores que compõem esses produtos ou dos jogadores de futebol, primeiro exemplo citado, é que além de se portarem como artistas no programa que estão gravando ou se apresentando, essas pessoas se portam como artistas se transformam em vedetes também fora desse espaço, na vida cotidiana, como pessoas públicas passam a viver um modo de vida que não é seu apenas para sustentar o papel que exercem na mídia. A razão disso é exercer no mundo real a mesma influência a fascínio que exercem no teatro virtual que é a tela da TV.

O termo Vedete, de origem italiana (*vedétta*) pelo francês *vedette*, foi incorporado no Brasil como sinônimo de grande atração em qualquer evento - embora seu significado e origem esteja adstrito às grandes estrelas do período áureo do teatro de revista.¹

Para essa análise o termo vedete foi usado com o mesmo significado original de Artista principal do Espetáculo, porém nesse caso mudamos a referência das atrizes do teatro de revista para os personagens publicizados pela mídia, a exemplo dos candidatos políticos, muda também o sentido de que aqui a plataforma teatral não é mais a revista, mas sim a tela da TV e as demais plataformas midiáticas.

Essa encenação acontece não apenas com artistas ou ídolos dos esportes, mas com todos que se publicizam através de alguma plataforma midiática. Os indivíduos comuns passam a atribuir a estes “atores”, vedetes da vida real, uma imagem de superioridade, de distância ou de admiração pelo fato de interpretarem um papel. Todo esse processo pode ser entendido como o Espetáculo, que seria o estágio atual das relações de troca entre os indivíduos na sociedade. Sendo assim,

¹ No Aurélio, dicionário da Língua Portuguesa, o termo consta como “*sf.*1. Atriz de teatro de revista; corista. 2. Artista principal do Espetáculo”.

e como dito não somente os artistas ou ídolos estariam envolvidos no espetáculo, mas também a classe política, por exemplo, que se usa das plataformas midiáticas como forma de construir uma imagem social, um papel social que na maioria das vezes não corresponde a sua conduta enquanto indivíduo, mas que acaba sendo interpretada por este diariamente enquanto pessoa pública, para preservar a imagem criada na mídia, o que acaba transformando essa figura na vedete da vida real que foi citada acima.

No caso da classe política esse processo assume certas características que o torna especial se comparado ao que ocorre em outros níveis da sociedade. Isso porque nele estão diretamente ligados a encenação desses personagens e as várias formas de adaptação destes ao perfil de “público alvo”. Aqui usamos o termo público para se referir a sociedade, ao povo, pois já que estamos tratando de espetáculo, encenação, personagens, vedetes, etc, não existe termo mais adequado para nos referirmos àqueles que assistem tudo isso e ainda participam do processo, a plateia.

A medida que o capitalismo passa a ser o engenho primordial das relações interpessoais assistimos o processo de mercantilização dessas relações. Como dito acima, tudo vai aos poucos aderindo valor de mercadoria. No que tange a política Andrade (2011) nos diz que há muito tempo deixou de ser exclusivamente a tática ou a estratégia adotada pelos candidatos para através do debate livre e rico em uma determinada variedade de ideias se chegar à chefia do poder executivo, da liderança da máquina do estado, ou simplesmente a possibilidade de ocupar algum cargo político. Agora essa tática mudou, passou a ser aprimorada e ganhou novos traços em sua definição transformando-se no que chamamos de espetáculo político, ou de encenação política.

Schwartzberg não deixa claro quando essa “automação” espetacular da política teve início, mas podemos inferir que tal mudança iniciou-se a partir do momento que o capitalismo se firma como modelo econômico hegemônico a nível global, ainda em seus primórdios a partir da evolução do mercantilismo e atrelado a isso as mudanças ocorridas no campo da política com a Revolução francesa e não somente ela como todas as atividades que tinham como ponto de partida a sociedade e seus estereótipos sofreram, ou melhor, foram obrigadas a adotar novas

medidas e estratégias de apresentação perante os indivíduos que agora tinham um novo “modus” de comportamento, uma nova mentalidade.

A sociedade contemporânea é movida pela produção do espetáculo. A imagem, o brilho, a criação de algo que seja perfeito, cerca a vida social moderna em todas as suas áreas. No campo político isso não é diferente, para (BALANDIER, 1982, pg. 05) em “todas as formas de arranjo da sociedade e de organização dos poderes encontra-se, sempre presente, governados dos bastidores, a teatrocracia. Ela regula a vida cotidiana dos homens em coletividade.” A política se molda com o passar do tempo e se adequa a ele, (MAAR, 1993) recorda que a atividade política continua em movimento, aberta a novas transformações

A criação de personagens, ícones e vedetes no campo político geram no público, que é o eleitorado, a crença em atores sociais que sejam perfeitos para o comando do poder, gerando assim sua personificação política, para alguns, mesmo que esse personagem não ostente o poder definitivo.

Devido aos meios de comunicação estarem mais próximos do eleitor, e cada vez mais cotidianamente inseridos ao seu contexto social, a personalização do poder na política se efetiva a partir do momento em que a mídia passa a imagem do político salvador, herói, pai da população; apresentando assim personagens que estão fora da rotina da população.

Devido à conquista da democracia em muitos Estados no último século, que antes eram regidos por regimes de monarquias ou ditaduras, a política passou a apresentar personagens adaptados ao advento da sociedade civil e a vontade desta, que passou a ter o poder de interagir no campo político. A sociedade civil, que aqui abordamos como a grande massa proletária e os setores de classe média e emergentes, passou a possuir um fator primordial no processo eleitoral, o de escolher o seu governante; com esta nova configuração modificou-se também o modo da relação política entre governantes e governados. O discurso que antes era feito na intenção de apenas conquistar a simpatia do público, agora passa a se enriquecer de elementos com o intuito de não apenas obter a simpatia, mas de conquistar o voto, pois a permanência no poder depende exclusivamente do querer do eleitorado.

Para (RUBIM, 1999) A política passa a ser uma atividade e a ter componentes além das fronteiras da instituição estatal, porque incorpora todos os gêneros e classes sociais. Para isso o melhor aliado da política são os meios de comunicação em massa, devido à proporção com que alcançam o meio social, atingindo todas as suas classes e gêneros, o que a atividade política agora precisa alcançar através das técnicas desenvolvidas por eles e pela publicidade.

Neste palco, a espetacularização da atividade política ganha proporções maiores que o comum. O debate de ideias deixa de ser o centro político, dando espaço a personagens que, associados à cultura de tal sociedade, transmitirão ideias. Como afirma Schwartzemberg (1977, p. 09): “A política, outrora, eram ideias. Hoje são as pessoas, ou melhor, personagens. Pois cada dirigente parece escolher um emprego e desempenhar um papel. Como num espetáculo.”

A disputa política agora se enfoca no melhor personagem, no que estará mais capacitado, o mais bem instruído para que possa ostentar o poder político. Transmitindo intelecto, força, poder pessoal, e muitas vezes uma vida particular adequada aos padrões da sociedade, esses personagens captam a atenção e fixam no público a imagem de que realmente possui tal perfil, despertando assim a curiosidade e consolidando um rótulo que será facilmente reconhecido. Uma vez consolidado o perfil, o ator político deve sempre segui-lo sem modificar o padrão, podendo variar o seu papel. Esses papéis trazem uma identificação maior do público, uma vez que através deles os atores políticos transmitem o retrato fiel de uma personalidade que não se encontra frequentemente na sociedade, e através de sua performance apresentam-se capacitados para o comando do poder.

Sem dúvida essas vedetes políticas projetam uma imagem de marca heterogênea, feita de diferentes traços e calcada em diversos mitos. Em proporções variáveis. Mas elas se especializam em alguns grandes papéis do repertório político.” (SCHWARTZEMBERG. 1997. p.17)

Para (BALANDIER, 1982) tal processo tem forte relação com a nova maneira de administrar o Estado e com as novas características da Política enquanto espetáculo. Se antes o governante demonstrava seu poder através da força bruta, hoje faz isso através do encantamento criado pelo Estado Moderno, e através da

encenação de papéis enquanto personagem político. Essas construções simbólicas mostram-se mais eficientes e racionais, do ponto de vista do convencimento, do que a própria força bruta, tais atitudes se justificam pelo fato de todas as ações dentro do capitalismo visarem o lucro e as eficiências das mesmas. As ditas construções espetaculares de manutenção do poder através do espetáculo, ou da encenação das vedetes (personagens) políticas, são sempre mais eficientes e financeiramente viáveis para os que lutam para convencer a população do que o simples uso da força bruta.

É interessante aqui observarmos que no caso da encenação política a caracterização do personagem vai, em alguns casos gerar na sociedade dois fenômenos distintos que Schwartzberg vem classificar como Personalização e Personificação, esses dois processos seriam modos de reconhecimento dos indivíduos para com os políticos, formas com que os cidadãos dentro de suas singularidades enxergariam e tratariam os seus dirigentes.

O autor ainda vem nos dizer que cada um dos papéis assumidos, - encenados pelos políticos que agora passam a ser personagens políticos, já estão de certa forma predeterminados pelo espetáculo político. Como homens públicos todo o seu modo de comportamento enquanto indivíduo se transforma e adquire aspectos de encenação, tudo agora, a partir do momento em que o indivíduo se torna um homem público, passa a ser determinado pelas artimanhas do espetáculo, tanto seu modo de vida particular, em casa com a família, como seu modo de vida público encenando um dos cinco personagens de Schwartzberg, O Herói, O Homem Comum, O Líder Charmoso, O Pai e a Mulher Política.

1.2. A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS

Passemos agora a tratar desses papéis determinados por Schwartzberg como também dos fenômenos de Personificação e Personalização. A respeito desses dois fenômenos acrescentemos primeiro que ambos se tratam de uma espécie de modo ou forma de reconhecimento estabelecido entre os indivíduos e a figura (vedete) “Artista principal do Espetáculo”, personagem interpretada pelo candidato, de tal forma que essa encenação usada como dito no início do texto para alçar a chefia do executivo acaba se perpetuando mesmo passadas as eleições e contribuem para que ele, atingindo elevados índices de aceitação favorável junto ao público, ou a um determinado grupo da sociedade seja visto como o poder em pessoa. Isso é o que Schwartzberg vem chamar de personalização, o indivíduo empresta sua face ao poder, que dentro dessa esfera espetacular da política traz a exigência de ser visto, algo abstrato precisa ter uma face para que seja idolatrado, venerado, cultuado como um ídolo, um ícone do poder, do espetáculo, símbolo maior do grau de domínio capitalista que impera sobre a sociedade.

O indivíduo personaliza o poder em seu corpo, empresta sua face para o poder, e assim as pessoas não mais o vê como um ocupante de um cargo político eletivo ou majoritário, mas como que a pessoa agora dominasse o cargo, como se as leis a ele se curvassem e não mais esse se curvasse às leis. Como, de fato, pelo menos teoricamente acontece.

Ainda sobre a personalização o autor chama a atenção para outro fenômeno que ele vem chamar de poder pessoal, que embora difira de personalização tem para alguns teóricos um pouco de semelhança. O poder pessoal se refere ao domínio exercido pelo indivíduo sobre a máquina pública, é em poucas palavras, a facilidade, ou ao mesmo tempo a autoridade detida por este indivíduo de forma influente sobre as diversas esferas burocráticas do poder, a ponto de existir quase um domínio ditatorial ou monárquico, - não chegando no entanto a tais patamares - por parte desse ator político.

Além da personalização, surge o fenômeno da personificação, um caso digamos, mais acentuado de representação do poder a ponto de os indivíduos da sociedade verem no homem público, não a cara do poder, mas além disso o próprio poder. No fenômeno da personificação o grau de encantamento atingido pela sociedade em torno da figura política é tão grande, que agora ele não é visto somente como um ocupante de cargo de poder, ou detentor dos traços do poder, mas como o próprio poder, o poder em forma de gente.

Nesse processo o personagem não mais interpreta um papel, pois a máscara aqui para a população não mais existe, tendo em vista o grau de encantamento da mesma, o ser político se transforma no poder em pessoa, tal como o faraó egípcio, o deus na terra, tal como alguns grupos sociais brasileiros enxergam o ex-presidente Lula não como o ex-presidente, mas sim como **Lula Presidente**. Para esses setores da sociedade brasileira Lula, embora não ocupe mais o cargo de Presidente da República, continua o sendo para essas pessoas, que enxergam em sua face o Estado brasileiro.

Dentro desse panorama de magia do espetáculo é que surgem os papéis políticos. Ainda quanto a eles Schwartzberg vem destacar cinco tipos, destes tipos, quatro em particular tem pequenos aspectos em comum e idiossincrasias que os diferenciam.

1.2.1 O Herói

Seria um dos papéis mais apelativos, pelo fato de se constituir sempre em torno de uma divinização do personagem, característica chave desse papel. O herói acaba aparecendo sempre em momentos de tragédia ou de reconstrução ou recuperação da nação e de setores importantes desta, momentos em que a população passa por grandes dificuldades.

Um exemplo são os mitos das revoluções, que após a vitória acabam sendo idolatrados pelo povo como verdadeiros ídolos, semideuses, e quando não substituindo o lugar do próprio Deus, exemplos não faltam como Che Guevara, Fidel Castro, Mao Tsé tung, Stalin, e no Brasil uma mistura de Herói, em seu primeiro mandato e de Pai durante o segundo, Getúlio Vargas, idolatrado durante o Estado Novo como um semi-deus, e depois em 1954 chamado pelo povo de “O Pai dos Pobres”, e igualmente venerado por este, volta por seus braços a chefia do Estado brasileiro. Além da figura de Vargas, outro grande nome da chamada revolução de 30, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, ex-presidente do Estado da Paraíba, foi para alguns grupos da sociedade brasileira da época, reverenciado e adorado a ponto, de seu assassinato inesperado ter gerado no povo, com ajuda de “meios provedores do espetáculo” é claro, uma grande comoção, que é uma das características dos heróis apontadas por Schwartzberg em seu texto.

O uso de ideias nacionalistas durante a campanha eleitoral, também é uma forma eficiente de “unir” o povo em prol de um objetivo em comum. O candidato, que nesse caso interpreta o papel de herói é colocado como “Salvador da Pátria”, e desta maneira, consegue angariar votos. Esse modo de agir é uma forma adotada pelo governante (personagem) de convencer através da encenação, forma que o espetáculo - estágio em que se encontram as relações de poder que rodeiam o estado moderno – adotou.

Dentro disso, o sistema político remete ao que Balandier chama de *teatrocracia*, o governante se transforma em vedete, passa a atuar dentro da encenação de uma peça teatral apresentada num teatro que atrai milhões para seu entorno. A mídia, e em alguns casos outros tipos de plataforma, são utilizados e também se transformam no teatro do estado moderno - o provedor dos espetáculos. Essas plataformas são adaptadas à situação em que o espetáculo acontece e na maioria dos casos os atores políticos também modificam a cena, pois cada região tem suas particularidades políticas e conseqüentemente existe uma adaptação do modo de se espetacularizar, de se criar vedetes locais, de acordo com tais particularidades. É como se o ator político adaptasse o personagem ao palco disponível.

1.2.2 O Homem Comum

O papel do homem comum é totalmente o oposto do herói, tanto que é identificado pelo próprio Schwarzenberg como o papel de “o anti-herói”, não pelo fato de ser contra a prática adotada anteriormente, mas pelo fato de seu modo de agir ser totalmente diferente. O homem comum é o tipo de personagem que reflete a sociedade como um todo, ele não é intelectual, não é semi-deus, isolado do resto do mundo, nem é charmoso e detém grandes armas de sedução para cativar a população, esse personagem é extremamente simples. Aliás simplicidade é a palavra-chave desse papel. O sucesso do homem comum está justamente em se mostrar de forma simples para o povo, a ideia é tentar passar que o fato de ele ser um indivíduo simples não o impediu de chegar a um alto posto. Como se apelasse para os desejos pessoais das mais variadas classes sociais, que se veem, se reconhecem naquele homem humilde.

O homem comum sempre aparece em momentos de instabilidade política, de um risco que pode emergir a qualquer momento, é por isso que atrai tanto carisma da população, o fato de ser simples não faz dele um homem de mistério que transforma o poder em algo sagrado, longe e intocável, a população confia no *cammonman* por ser justamente um indivíduo simples, ela o conhece, o reconhece, e confia nele, afinal ele é um dos seus. A confiança no homem comum difere da confiança no pai, quanto a este existe uma confiança devido a sua experiência em lidar com a máquina pública, em gerir crises, e não devido a sua simplicidade, isso aliás nas circunstâncias que elevam o pai ao poder não trazem segurança, nem confiança por parte da população.

1.2.3 O Líder Charmoso

O mais apelativo dos papéis, um verdadeiro show midiático, uma ilustre montagem de cores, sons, imagens e encenações pré-moldadas pela indústria do entretenimento, do espetáculo em que a política se transformou, essa é a essência do papel do líder charmoso. O homem que não é comum aos demais, ele é ser humano, é comum quanto a isso, mas tem charme, glamour, beleza, encanto, talvez não tenha tanta ideia, tanta proposta, mas tem o que a população precisa naquele momento: a beleza passageira, o encanto, a arte de seduzir, tanto que a figura do líder charmoso só vem surgir em períodos de calma econômica e política em níveis diplomáticos, pois a população nestes períodos respira aliviada, e então vem a buscar algo que lhe seja atraente, que a faça “sonhar” que dê aquilo que ela precisa de forma agradável e prazerosa, sem tanta simplicidade como o homem comum, sem tanto temor e respeito como o herói, nem com tanta esperança em que algo dê certo como o pai, o líder charmoso resume todos os desejos e os satisfaz de forma rápida eficaz e não tediosa nem desgastosa para a população. Esse personagem faz de seu dia, tanto na vida pública como na vida particular, uma eterna peça de teatro.

1.2.4 O Pai

A figura do personagem político “Pai”, sempre vem à tona em períodos de possíveis crises, de turbulências previstas. Já salva pelo herói, amadurecida com o homem comum e deliciada com o líder charmoso a população agora procura experiência administrativa no próximo personagem que guiará os rumos do estado,

é daí que vem a figura do Pai, o líder que já governou, que entende a máquina, que saberá o que neste momento se faz melhor para os rumos futuros do País.

Como bem diria Schwartzberg, todos os personagens cansam, passam, pois nem tudo dura para sempre, o espetáculo não é eterno, mas é eterno enquanto dura, mas só até aí, depois torna-se monótono, tedioso, cansativo; em momentos onde a população não mais busca um dos seus por acreditar ser o problema vindouro superior de mais para o líder simples, nem busca ilusões devido ao fato do momento político cobrar amadurecimento, é nessas horas que a esperança da população recai sobre o pai, quase sempre o herói de outrora, o papel do pai traz como “mandamento chave” a firmeza das decisões. Nesse papel o seu representante, embora outrora tenha aderido ao roteiro do herói, precisa agora nem por um instante, descer de sua glória e majestade, nem que seja por um momento, para ouvir e dialogar com o seu povo, demonstrando sempre firmeza, certeza e convicção do que fala, pois o intuito maior nesse ato é tentar passar aos eleitores, responsáveis pela sua vaga na cadeira de “Faraó” a sensação de segurança, de que tudo será resolvido, é só confiar, aguardar e tudo vai dar certo, pois os rumos do estado estão agora nas mãos do “Pai”, ou seja, do herói, ou quando não, do ídolo de outrora.

Dentro dos papéis trabalhados pelo autor, um deles, que se refere a figura da mulher não será por nós abordado, tendo em vista que os personagens envolvidos no processo político que se constituiu como nosso objeto de estudo são figuras masculinas, e com a figura do pai, último personagem trabalhado, concluímos a explanação sobre os papéis masculinos trabalhados por Schwartzberg, e que se fazem suficiente para nos debruçarmos sobre o objeto.

Resumindo digamos que, o Herói e o Líder Charmoso, ambos se mostram superiores a seus “súditos” se isolam em seu olimpo, o líder charmoso consegue ao mesmo tempo estar distante e próximo da população, a distância deste com a sociedade é apenas de se mostrar superior, capaz de resolver tudo por ser assim, naturalmente superior aos demais, mas não a ponto de se mostrar intocável, diferente do herói que evita parecer o líder charmoso que precisa constantemente estar à amostra, para manter seu personagem vivo, já que a essência desse papel de sedutor é justamente o charme que precisa estar constantemente sendo

mostrado para que seu personagem continue sendo procurado, assediado pela população principalmente pelas mulheres como um “super – star”.

O herói diferentemente não aparece tanto em público, este prefere ser resguardado. Para o herói não importa chamar a atenção como super-star, mas sim ser respeitado, temido, idolatrado como um semi deus, característica própria desse papel, a divinização. Em ambos os casos percebemos a presença dos dois fenômenos de identificação descritos anteriormente, personalização e personificação, sendo a primeira mais comum ao líder charmoso, o que não impede que o mesmo venha a personificar o poder, sendo a personificação mais comum ao herói, visto como o poder em pessoa, como sendo o próprio Estado.

Outros dois papéis que se deixam parecer e ao mesmo tempo são diferentes em sua essência são o do Pai e o do Homem Comum, a figura do Pai se mostra como uma imagem de irmandade, de respeito, mas não de culto como o herói, o pai desperta na sociedade a confiança, pelo fato de já o reconhecerem, e por assim ser a população de certa forma se reconhece nesse personagem, tal como no homem comum que é o espelho da sociedade, a diferença básica entre os dois é que no caso do homem comum, ele não se mostra experiente em suas atitudes tal como o pai se mostra, como já dito a população se reconhece neste não por sua simplicidade mas por já ter tido nele depositado a confiança e o respeito outrora, e sabe que o Pai é a figura que dá o que o povo precisa naquele momento, confiança para o momento difícil que passam. Quanto ao homem comum a população se reconhece neste pela simplicidade que a figura do mesmo deixa transparecer e não pela sua experiência já que este não a possui.

1.3. RICARDO E ZÉ MARANHÃO HERDEIROS DA TRADIÇÃO E OCUPANTES DE UMA POSIÇÃO

Façamos agora um esclarecimento da conjuntura política paraibana que se faz necessário entender a fim de identificarmos a posição política que Ricardo e ZÉ Maranhão sustentaram durante a campanha de 2010. Podemos sintetizar com (Mello 2010) que após o fim do governo militar em 1985 com a eleição de Sarney para a presidência da República, chegam com força ao plano nacional as atitudes ligadas ao populismo e ao assistencialismo, atitudes estas que já se viam e ocorriam na Paraíba desde 1982 com as eleições para o governo paraibano onde (P) MDB e ARENA – PDS disputavam os votos da nova divisão de classes que surgia na capital do estado fruto da nova política de industrialização adotada durante o governo militar que beneficiava a industrialização das capitais e cidades litorâneas em detrimento das cidades do interior, nesse pleito o populismo de Wilson Braga da antiga ARENA obteve vitória sobre o discurso renovador do falecido Antônio Mariz em toda a Paraíba, exceto em João Pessoa. No restante do Estado o Braguismo se consagrou como força política que estava presente no estado do Litoral ao Sertão.

A vitória do (P)MDB em João Pessoa, embora pequena deveu-se ao fato de que o grupo que apoiava Mariz, foi o grupo que abandonou o PDS após aquele partido escolher o nome de Tarcísio Burity para futuro governador do Estado, por decisões vindas diretamente da alta cúpula do partido em Brasília. Esse grupo, junto com outros dissidentes engrossaram as fileiras do (P)MDB apoiando o nome de Mariz, escolhido na convenção do partido do movimento democrático para disputar o governo estadual. Ao engrossar as fileiras do partido esse conjunto, que agora se compunha como a nova classe alta e média alta da capital paraibana deu suporte ao discurso renovador marizista, dando a vitória a este em bairros mais urbanizados e intelectualizados da capital, fato que não ocorreu em outras áreas do estado onde o populismo braguista, tendo do seu lado a máquina estatal e a força do regime militar, conseguiu levar a maior quantidade de votos:

No que diz respeito à eleição de 82, a capital paraibana ganha realce por ter sido palco de confronto entre o populismo do deputado Wilson Braga e a emergência do discurso renovador do falecido Líder Antônio Mariz, adotado pelo PMDB nos estertores do regime militar. Mariz recorreu a uma linhagem reformista, como estratégia para atrair a então decantada classe média. Vinha aureolado pela dissidência que logrou capitanear em 78 no PDS, sucedâneo da ARENA, em represália ao fato de ter sido preterido na convenção homologatória, que consagrou Tarcísio Burity. (MELO, 2010, P.19)

Após a eleição de 1982 os pleitos seguintes em 1986,1990, 1994 e 1998, apenas deram continuidade a esse ciclo de disputas entre o assistencialismo Braguista perpetuado durante os governos de Burity, Milton Bezerra Cabral, Ronaldo Cunha Lima e Cícero Lucena, e o reformadorismo de Antonio Mariz que conseguiu chegar ao poder oficialmente em 1995, e teve nas figuras de Zé Maranhão e Roberto Paulino seus principais sucessores e representantes. O último ano desse ciclo seria 1998, onde ocorre um racha dentro do então consolidado PMDB paraibano dividindo as principais correntes que conduziam o partido, de um lado o assistencialismo dos Cunha Lima, e do outro o reformadorismo e reconstrução marizista com Zé Maranhão e outros grupos regionais que o acompanharam.

Após esse ponto (o racha do PMDB) temos o entendimento sobre a construção dos papéis de Ricardo e Zé Maranhão, afinal como vimos acima o principal “caráter” do homem comum é sua proximidade com a população, característica que como visto Wilson Braga detinha muito bem e que se perpetuou ao longo de quatro ciclos eleitorais através de personagens que expunham e personalizavam muito bem esse papel, tendo no lado oposto a figura de Pai personalizada por Mariz, como um homem experimentado e que entendia a máquina pública e que estaria a postos para “acudir” o estado em tempos de crise, o que realmente ocorreu em 1995, após uma sucessão de 4 líderes comuns a frente do governo do estado, a população clamava por experiência e moralidade, características presentes na figura de Mariz, e que se perpetuaram, ou melhor, foram sendo construídos também na imagem de seu sucessor Zé Maranhão até 2010 quando as coisas se invertem.

Em 2010, uma nova aliança política mudou de forma radical e inesperada os rumos da política paraibana, o prefeito de João Pessoa Ricardo Coutinho do PSB firma uma aliança com o ex-governador do estado Cássio Cunha Lima, herdeiro do

nome e da força da oposição paraibana desde 1998 e que entrou para a história política do estado como o primeiro governador cassado. Era a comprovação de que se firmava ali um pacto entre as forças da oposição com o PSB, partido que detinha a prefeitura da capital e que rompera com o PMDB para ampliar sua influência política e se firmar como partido de renome frente aos grandes grupos políticos atuais, o plano socialista era ter em 2010 o Palácio da Redenção sob controle, visando, junto com o domínio de outros estados, ao pleito presidencial de 2014. Para realizar esse sonho o PSB contava assim, com a insatisfação do grupo liderado pelos Cunha Lima, e também pelo DEM, antigo PFL de Efraim Moraes. Interesses a postos, a aliança foi firmada e o resultado veio com a vitória do PSB para o Palácio da Redenção, e a consagração da oposição com Cássio no Senado, eleito com mais de 1.000.000 de votos.

O fato político mudou definitivamente a estratégia de apresentação dos candidatos, isso ocorre devido o fato de que após 2002 experimentamos uma nova etapa no desenvolvimento sócio-econômico do Brasil, com efeitos diretos na Paraíba, principalmente os primeiros efeitos da política assistencialista do Bolsa Família implementada no último governo de FHC.

Mudanças na estrutura social acarretam mudanças nos perfis políticos, afinal como nos ensina Maquiavel, o príncipe deve parecer charmoso ao seu povo, e saber dar a este o que quer de forma adequada e na hora que quer, assim os nossos personagens se adequaram de forma rápida as exigências da platéia, e o resultado dessa peça “tele-teatral” foi visto em 2010. O palco para isso foi o Guia Eleitoral Gratuito do TRE, exibido entre 09 e 29/10/2010 nos horários de 13hs as 13hs30min e de 20hs30 as 21hs. É essa encenação e o discurso desses personagens que é nosso objeto de estudo nesse trabalho. Uma vez explicados como surgem, quantos e quem são os personagens do espetáculo político, e identificados estes com nossos “atores” façamos agora uma breve explanação biográfica sobre os dois candidatos em questão e em seguida sobre o Guia Eleitoral.

1.4. JOSÉ TARGINO MARANHÃO – BREVE HISTÓRICO

José Targino Maranhão, ou simplesmente Zé Maranhão, nasceu em Araruna, em 6 de setembro de 1933. É um empresário e político brasileiro filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Filho de Benjamim Gomes Maranhão, ex-prefeito de Araruna, e de Dona Benedita Targino Maranhão (Dona YaYá), já foi deputado estadual, deputado federal, senador, vice-governador e governador do estado da Paraíba em três ocasiões.

Começou a sua carreira política quando eleito deputado estadual em 1955 pelo PTB, partido pelo qual volta a ser eleito deputado estadual por mais dois mandatos consecutivos. Em 1965, por ventura do AI – 2 (Ato Institucional número 2)² não só o PTB como todos os demais partidos políticos são extintos e alocados em dois grandes grupos, a ARENA que com a constituição de 1967 se converte em PDS e o MDB que assume o nome de PMDB. Devido a isso em 1967 Maranhão filia-se ao PMDB, pelo qual volta a ser eleito deputado estadual, ficando no cargo até 1969.

Em 1982, elege-se deputado federal constituinte, voltando a se eleger ao cargo em 1986, na legislatura 1987 - 1991. Em 1990 volta a concorrer a uma vaga de deputado federal, sendo eleito neste mesmo ano para o período 1991 - 1994.

Em 1994, é eleito vice-governador na chapa de Antônio Mariz, e acaba assumindo o mandato em virtude da morte do titular, cerca de dez meses depois de ter assumido o mandato de governador. Em 1998 disputa a candidatura a reeleição pelo PMDB. O grupo liderado pelo então senador Ronaldo Cunha Lima e por seu filho, o então prefeito de Campina Grande, Cássio Cunha Lima, queriam indicar o nome de Ronaldo para a disputa do governo. Com uma vantagem apertada, Maranhão vence Ronaldo na convenção do PMDB e é indicado candidato. Na eleição para governador, é eleito com cerca de 80% dos votos válidos, sendo o

² O Ato Institucional Número Dois (AI-2) foi baixado por Castelo Branco, em 27 de outubro de 1965, como resposta aos resultados das eleições que ocorreram no início daquele mês. Seguindo a estratégia delineada pelos militares anteriormente a [31 de março de 1964](#), foi necessária a edição de mais um [Ato Institucional](#), agora com 33 artigos, pois certos dispositivos da [Constituição de 1946](#) não eram compatíveis com a nova ordem "revolucionária".

governador mais votado do país naquele ano em termos percentuais, reelegendo-se assim governador da Paraíba.

Em 2001, rompe politicamente com a família Cunha Lima, que migra para o PSDB. No ano seguinte Maranhão renuncia ao governo do estado para candidatar-se ao senado obtendo 831.083 votos, sendo o senador mais votado da Paraíba naquela eleição. No governo do estado entra em seu lugar o vice-governador Roberto Paulino, que com seu apoio se torna o candidato do PMDB ao governo, mas acaba sendo derrotado por Cássio Cunha Lima que vence Paulino no segundo turno.

Em 2006, Maranhão disputa novamente o governo da Paraíba, desta vez contra o então governador Cássio Cunha Lima que foi eleito em segundo turno com cerca de 51% dos votos. Após a confirmação pelo Tribunal Superior Eleitoral da cassação de Cunha Lima em 2008 pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba por uso indevido de programa social em ano eleitoral, José Maranhão é reconduzido em 17 de fevereiro de 2009 ao Palácio da Redenção como governador do Estado, por ser o segundo colocado nas eleições de 2006.

Governador da Paraíba pela terceira vez, Maranhão concorre novamente ao cargo de governador do estado nas eleições de 2010, buscando o seu quarto mandato, mas acaba sendo novamente derrotado no segundo turno, dessa vez pelo ex-prefeito de João Pessoa e seu ex-aliado político Ricardo Coutinho do PSB que obteve 53,70% dos votos válidos contra seus 46,30%.

Nas eleições de 2012, é indicado pelo PMDB como candidato a prefeito de João Pessoa e mais uma vez é derrotado nas urnas, obtendo apenas o quarto lugar e ficando de fora do segundo turno com uma votação de 69.978 votos (18,87% dos votos válidos).

1.5. RICARDO VIEIRA COUTINHO – BREVE HISTÓRICO

Ricardo Vieira Coutinho nasceu em João Pessoa em 18 de novembro de 1960 é um político brasileiro filiado ao PSB, partido o qual é presidente estadual, e desde 2010 ocupa o cargo de Governador da Paraíba. Ricardo foi vereador em João Pessoa (1993-1999), deputado estadual (1999-2004) e prefeito da capital paraibana por duas vezes, sendo eleito pela 1ª vez em 2004 e reeleito em 2008. Renunciou à prefeitura de João Pessoa em 31 de março de 2010, durante o período de seu segundo mandato, para disputar o governo da Paraíba, sendo eleito no segundo turno para o cargo de governador com 1.079.164 votos (53,70% dos votos válidos).

Filho de Coriolano Coutinho (agricultor) e Natércia Vieira (costureira) é casado com a jornalista Pâmela Bório e tem dois filhos: Ricardo Filho, do seu primeiro casamento e Henri Bório, da sua união com Pâmela. Fez o “primário”, como se chamava naquela época o atual Ensino Fundamental I, no Instituto La Salle e o “ginásio” (Ensino Fundamental II) foi cursado no Colégio 7 de Setembro, ambas escolas localizadas no bairro de Jaguaribe. Parte de seu Segundo Grau (Ensino Médio) foi feito na Escola Estadual Bairro dos Estados e o “3º ano científico” (Terceiro ano do Ensino Médio) no Colégio Águia. Em 1977, passou no vestibular da UFPB, para o curso de Farmácia. Curso este que começou a cursar em 1978, já na reta final da ditadura militar em que reaparecem os movimentos estudantis, atividades que ocasionam o seu interesse pela política.

Enquanto estudante Ricardo Ajudou na reabertura do Centro Acadêmico de Farmácia da UFPB em 1980, tornando-se, posteriormente, presidente do mesmo. Quando já formado em Farmácia, conquistou, via concurso público, uma vaga de farmacêutico no Hospital Universitário da capital paraibana (HULW). Neste período passou a ter contato com a Associação dos Funcionários da Universidade Federal da Paraíba, que foi o embrião do atual Sintesp-PB. (Sindicato dos trabalhadores em Saúde Pública do Estado da Paraíba). Em 1984, aos 24 anos, o Ministério da Educação estava oferecendo um curso de especialização para farmacêuticos de

Hospitais Universitários de todo país, com apenas 25 vagas, Coutinho foi o nome indicado pela UFPB, para ir ao Rio de Janeiro participar então da especialização.

Naquele estado começou a militar nos movimentos sindicais, participou intensamente dos movimentos em torno da criação da Central Única dos Trabalhadores. Voltou à Paraíba em 1985, ano em que foi implantada a modernização da farmácia hospitalar na UFPB. No movimento sindical, assumiu a presidência do Sindicato dos Farmacêuticos. Planejando juntar todas as categorias de saúde, funda o SindSaúde em 1990. Neste ano, tornou-se dirigente da Central Única dos Trabalhadores (na área de comunicação do movimento) e foi candidato a deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores, mas não conseguiu ser eleito, após isso Coutinho passou por vários cargos políticos.

Como candidato a governador Coutinho contou com o apoio de lideranças como o ex-governador Cássio Cunha Lima. Durante a campanha, ficou em desvantagem em todas as pesquisas, mas ainda assim termina o 1º turno na frente, levando a eleição para o 2º turno e se elegendo governador da Paraíba no dia 31 de outubro de 2010, derrotando o então governador e candidato a reeleição José Maranhão do PMDB com 1.079.164 votos (53,70% dos votos válidos).

1.6. O HORÁRIO ELEITORAL GRATUITO

O horário político, horário eleitoral gratuito no português brasileiro ou direito de antena ou tempo de antena no português europeu é um espaço reservado por lei, dentro das programações de televisão e rádio, para propaganda eleitoral dos candidatos concorrentes, a fim de cada um apresentar seus projetos de governo.

No Brasil, o horário eleitoral gratuito é exibido, no período eleitoral, simultaneamente em todas emissoras de TV aberta do país. Ele foi instituído pela lei Nº 4.737, de 15 de julho de 1965, que criou o Código Eleitoral Brasileiro. Os horários eleitorais são veiculados em dois períodos na televisão: um das 13h às 13h30m e

das 20h30m às 21h00m. No rádio, é das 7h às 7h30m e das 12h às 12h30m. Os comerciais gratuitos isolados são veiculados todos os dias, em horários alternados durante a programação. Dentro do contexto em que se insere a campanha eleitoral alvo de nosso estudo e os personagens que fazem parte desse processo o horário eleitoral gratuito funcionou como palco em que ocorre esse processo de encenação dos referidos personagens.

No segundo turno, o guia eleitoral exibido, por força de lei em todos os canais de TV da Paraíba e emissoras de rádio durou cerca de 10 minutos para cada um dos candidatos que disputavam o processo eleitoral, ao todo foram gerados cerca de 21 programas para ambos os candidatos, o guia era transmitido em rede e gerado pela TV Tambaú de João Pessoa e para o rádio pela emissora oficial do governo paraibano a Rádio Tabajara FM também de João Pessoa³. O programa era assistido em cem por cento do território paraibano através das estações geradoras de televisão presentes nas cidades de Campina Grande e João Pessoa como também de suas repetidoras⁴ espalhadas por vários pontos do território estadual.

Nossa preocupação aqui em analisar apenas o segundo turno, deve-se ao fato de que foi somente neste período que ficaram claras e expostas diretamente as posições políticas das duas frentes que estavam na disputa, diferentemente do primeiro turno que foi disputado por cerca de 07 candidatos, o segundo escrutínio das eleições de 2010 colocava frente a frente os dois candidatos, fazendo com o que discurso se voltasse exclusivamente para essa linha de “debate” colocando os dois projetos em linha de análise, o que facilita a identificação do nosso objeto e o contexto de sua análise.

³ Para maiores informações conferir: <http://tre-pb.jusbrasil.com.br/noticias/2288121/corregedoria-eleitoral-sorteia-emissoras-de-radio-e-tv-para-gerar-o-guia-eleitoral>

⁴ Para mais informações consultar a Lista de emissoras de Televisão da Paraíba, disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_emissoras_de_televis%C3%A3o_do_Brasil

1.7. O SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES DE 2010

O processo eleitoral de 2010 envolveu a disputa para seis cargos políticos. Deputado estadual e federal, Senador, Presidente da República e Governador, nesse último caso a Paraíba contou com seis candidatos no primeiro turno que dentro desse processo funcionaram como peças chaves para empurrar a disputa para o chamado segundo turno. O sistema eleitoral a duas voltas⁵ (português europeu) ou com dois turnos (português brasileiro) é um sistema de votação utilizado para a escolha de um único vencedor, ao qual se exige ter mais de metade dos votos válidos (50%+1). No primeiro turno, os eleitores votam em um dos candidatos que se apresentaram na eleição. Porém, se nenhum desses candidatos obtiver mais da metade dos votos, então os que têm menos de uma certa proporção, ou, o que é mais comum, todos os candidatos com exceção dos dois mais votados, são eliminados da votação, e aí vem o segundo turno que é feito apenas entre os candidatos que não foram eliminados na primeira volta. Deste modo, é distinto do sistema eleitoral a uma volta (ou uninominal maioritário), no qual é eleito o mais votado independentemente da percentagem de votos recebidos.

Este sistema é muito utilizado em todo o mundo para a eleição por sufrágio universal de presidentes (ou títulos equivalentes), como é o caso do Afeganistão, Argentina, Áustria, Brasil, Bulgária, Chile, Colômbia, Croácia, Chipre, Eslováquia, Eslovênia, Finlândia, Gana, Guatemala, Indonésia, Polónia, Portugal, República Dominicana, Roménia, Sérvia, Ucrânia, Uruguai e Zimbábue. Por vezes encontra-se o mesmo sistema aplicado a eleições legislativas.

No Brasil este procedimento foi introduzido com a Constituição Federal de 1988, para evitar que o eleitorado venha a desistir daquele que considera o melhor candidato para apoiar outro mais forte, que tenha mais chances de ser eleito, evitando assim uma terceira opção, que seria a mais desagradável, se persistir o empate, é levado em consideração a idade dos candidatos, e o mais velho é eleito.

⁵ Segundo turno: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_eleitoral_a_duas_voltas

Em 2010 a Paraíba participou do processo eleitoral que obedecendo as regras constitucionais ocorreu simultaneamente em todos os estados da federação. O pleito teve o primeiro turno realizado em 03 de Outubro daquele ano no qual se sagraram os dois candidatos que continuariam a participar do processo disputando um segundo turno, Ricardo Coutinho (PSB) e Zé Maranhão (PMDB) obtendo os mesmos no referido turno eleitoral respectivamente 1.079.164 e 930.331 votos.

1.8. OS PERSONAGENS POLÍTICOS NA REALIDADE PARAIBANA

Antes de partirmos para o próximo capítulo onde trabalhamos a teoria da Análise do Discurso, teoria esse que fundamentará nosso estudo em torno da construção da imagem de nossos candidatos, faz-se necessário lembrar por via das dúvidas, que esses papéis abordados por Schwartzberg não são tipos fixos e imutáveis que qualquer político em qualquer parte do mundo tem de assumir. Na verdade esses papéis são frutos da observação do autor em torno do comportamento de alguns políticos em seu país de origem, a França, e que por serem baseados – tanto os papéis quanto a forma de comportamento desses políticos que serviram de inspiração para a identificação desses personagens pelo autor – no novo modo de vida em sociedade fundamentado no *modus operandi* capitalista, são comuns não somente na realidade francesa ou européia e ocidental, mas em praticamente todo o mundo, onde a influência da sociedade do espetáculo, presa as artimanhas multimidáticas, chegou.

Dessa forma, é possível identificar políticos assumindo um desses papéis tanto na França, na Espanha, nos Estados Unidos. No Brasil e em especial também aqui na Paraíba. Esses papéis, como dito, não são fruto da imaginação do autor, mas sim do próprio sistema, é ele quem os criou, os nutre e os modifica, como também pode criar outros papéis, tendo em vista que eles são fruto da realidade e a realidade varia de país para país, de continente para continente e de região para

região. Assim o que para nós pode ser um Herói talvez não o seja para um espanhol ou um norte americano por exemplo, e talvez tenhamos aqui ou lá papéis políticos únicos e que somente a realidade de cada região é capaz de criar, o que Schwarzenberg fez foi apenas sistematizar esse processo em torno de cinco figuras específicas.

Capítulo II

A Análise do Discurso: Quadro teórico e seu roteiro de análise

CAPÍTULO 02

2. A ANÁLISE DO DISCURSO

2.1. A ANÁLISE DO DISCURSO SEGUNDO A ESCOLA FRANCESA

No capítulo anterior especificamos os objetos que pretendemos analisar, e a teoria que servirá de base para nosso estudo. Estabelecidos pois estes campos façamos agora uma apresentação mais detalhada e precisa desse método teórico que será por nós utilizado que é a Análise do Discurso segundo a escola francesa, tendo em autores como Michel Pêcheux⁶ um de seus principais expoentes. Antes de falarmos da análise do discurso segundo a escola francesa abordemos antes o que seria em si um discurso e essa metodologia de análise. Quanto ao primeiro (ORLANDI, 2000, p. 15) diz que Discurso significa “em curso”, em movimento. Assim, a discursividade implica a compreensão de que a mensagem é construída no interior de uma conversa e é a concretização de um ato. A noção de discurso é uma consequência da premissa hermenêutica de que a interpretação do sentido deve levar em conta que a significação é construída no interior da fala de um determinado sujeito.

A Análise do Discurso é uma prática e um campo da linguística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes em um texto. É muito utilizada, por exemplo, para analisar textos da mídia e os aspectos

⁶ Contemporâneo a Pêcheux está Michel Foucault, também na França, e também incomodado por questões semelhantes, mas propondo uma outra via de compreensão, que ele também chama de "discurso" por exemplo em "Archeologie du Savoir". O discurso de Pêcheux não é o discurso de Foucault. E se pensarmos na tradição anglófona a distância aumenta, porque o discurso de Norman Fairclough também não se aproxima das questões francesas. Para efeitos de nossa análise iremos utilizar a noção de Pêcheux acerca do discurso e de suas regras e contextos de produção e materialização.

ideológicos que os engendram. Sua base é proposta a partir do materialismo histórico que põe em questão a prática das ciências humanas e a divisão do trabalho intelectual, de forma reflexiva.

A análise do discurso é dessa forma uma tentativa de compreender quais são os discursos e efeitos de sentido despertados e que o sujeito sustenta na sua fala, sendo que usamos aqui o termo fala como sinônimo de exposição material do discurso. Diante disso o sujeito exprime posições que veremos mais à frente são ideológicas e remetem aos papéis destacados no capítulo anterior.

Ao abordarmos o materialismo histórico, filosofia sobre a qual se fundamenta essa metodologia estamos aqui tratando da idéia de que o discurso, algo construído dentro de um contexto, de uma formação ideológica específica se materializa através da língua, é na materialização onde podemos dizer que ele sofre as interferências do ambiente e se concretiza se torna sólido, através do dizer, já saindo desse processo articulado dentro desses parâmetros .

A Formação Discursiva logicamente vai obedecer mesmo antes de este discurso ser materializado às regras ideológicas ao qual o sujeito locutor, encontra-se inserido. Porém, não é possível analisar o discurso enquanto não passar para o plano material através de onde já nasce estruturado e adequado pela ideologia. Uma das leituras materialistas possíveis dentre as que os autores de linha marxista abordam quanto ao discurso é que este seria a prática social de produção de textos. Isto significa que todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, as Condições de Produção de onde o discurso emerge.

O discurso está vinculado à posição ideológica do(s) seu(s) emissor (es) e à sociedade em que vive(m). Para entender assim, o processo de Formação Discursiva, as Condições de Produção do discurso, precisamos entender primeiro o sistema de reprodução das Condições de Produção e o que isso vem a ser como também o papel do que chamamos de a Ideologia, determinante da posição que o sujeito ocupa e de seu reconhecimento a esse posto.

2.2. A MANUTENÇÃO DA ORDEM EM UMA SOCIEDADE: A REPRODUÇÃO DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NAS FORMAÇÕES SOCIAIS.

Sabemos que nos é necessário entender as Condições de Produção do discurso e o papel da Ideologia como dito anteriormente. O discurso como também já foi afirmado é reconhecido, identificado, legitimado e é “incorporado” pelo sujeito, essa incorporação é o reconhecimento do indivíduo, que na verdade não existe, já que este é sempre já sujeito, com um discurso ligado a uma posição social. O sujeito cresce em uma sociedade (formação social) e desde o dia que sai do ventre de sua mãe, a até antes mesmo de nascer, o sujeito tem uma posição, que lhe é dada pela Ideologia, um nome, uma função para sua idade, o que deve e o que precisa fazer, aquilo que ele necessita, etc.

Assim ele não pediu um nome, ou nenhuma das classificações que lhes foi dada, mas ao tomar ciência do que e de quem é já se reconhece como tal. Nesse reconhecimento e por se colocar como tal o sujeito “incorpora” inerente a sua posição, é justamente aqui que está a importância de entendermos as CP e a Ideologia, pois só assim será possível traçar os pormenores dos discursos.

As Condições de Produção estão ligadas diretamente ao sujeito e as situações, sendo estas presas as circunstâncias da enunciação, ou seja o contexto imediato.

O que são pois as condições de produção? Elas compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental, (...) Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio – histórico, ideológico. (ORLANDI, 2000, p. 30).

Dito isso começamos nossa explicação sobre a reprodução das condições de produção pelo seguinte ponto, para que qualquer detentor dos meios de produção

se mantenha ele precisa ao longo do tempo reproduzir as formas de produção que o mantêm vivo, dessa forma o sistema que rege todo esse processo chamado de capitalista, funciona como uma espécie de regra de vida a ser observada por aqueles que vivem nele, exploradores, explorados e ajudantes dos exploradores precisam planejar suas atividades segundo a posição que ocupam dentro da Formação Social.

Nesse sistema o fabricante de cadeiras, por exemplo, precisa de matéria prima para sua fábrica e de força produtiva (trabalhadores), mas ele não faz tudo isso sozinho, ele se utiliza de outros capitalistas que fornecem a ele a madeira e este de um outro que lhe fornece às máquinas necessárias para a exploração da madeira e assim sucessivamente dentro de um eterno e enorme ciclo de dependência que se mantém e que é o sistema capitalista.

Como se assegura a reprodução da força de trabalho? Ela é assegurada em se fornecendo à força de trabalho os meios materiais para a sua reprodução: através dos salários. Os salários aparecem na contabilidade de cada, mas como “capital aplicado em mão de obra”, e não como uma condição da reprodução material da força de trabalho. (ALTHUSSER, 1975. pg. 107)

Dentro desse sistema é necessário ter a mão de obra, ou seja, os trabalhadores, eles formam a força produtiva que mantém a engrenagem funcionando e também precisam ter suas condições de reprodução garantidas, para isso está o salário disponibilizado pelo sistema. O salário vem a ser apenas uma parcela do valor produzido pelo dispêndio da força de trabalho e é indispensável a sua reprodução tendo em vista que por ele se assegura a condição material para a sua reprodução. Mantêm-se com isso a reprodução das condições de produção da força produtiva.

Entretanto é exatamente assim que ele “funciona”, pois os salários representam apenas a parcela do valor produzido pelo dispêndio da força de trabalho, indispensável a sua reprodução ou seja, indispensável à recomposição da força de trabalho pelo assalariado (os meios para pagar a moradia, a alimentação e o vestuário, em suma, para permitir que o assalariado torne a se apresentar no portão da fábrica no dia seguinte – e em todos os outros dias que deus lhe conceder); convém acrescentar:

indispensável para criar e educar os filhos em quem o proletariado se reproduz. (ALTHUSSER, 1975. pg. 107)

Mas o sistema nos ensina e alerta que não basta apenas reproduzir a força produtiva, mas essa reprodução deve manter junto a ela as condições de reprodução da ideologia dominante que mantém os trabalhadores subordinados a essa engrenagem como também as condições para a qualificação dessa força produtiva por meio de aparelhos estatais que reproduzem em suas práticas a própria ideologia dominante que mencionamos acima.

Faz-se necessário aqui esclarecermos que os aparelhos estatais estão divididos entre AIE (Aparelhos Ideológicos de Estado) que detalharemos mais a frente e ARE (Aparelhos Repressivos de Estado). Por hora basta sabermos que o AIE funciona predominantemente pela Ideologia enquanto os ARE pela violência se bem que os Aparelhos Ideológicos podem usar em determinados momentos a violência dentro dos ambientes onde o mesmo exercem as funções como também o Aparelho Repressivo fazer uso da ideologia para fazer cumprir a “lei” usando da violência apenas para disciplinar:

Trata-se de fato que o Aparelho (Repressivo) de Estado funciona maciça e predominantemente pela *repressão* (inclusive a repressão física), e secundariamente pela ideologia. (Não existe um aparelho puramente repressivo.) Por exemplo, o exército e a polícia também funcionam pela ideologia, tanto para garantir sua própria coesão e reprodução quanto nos “valores” que propõem para fora. Do mesmo modo, mas no sentido inverso, é essencial dizer que, por sua vez, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam maciça e predominantemente pela *ideologia*, mas também funcionam secundariamente pela repressão, ainda que, no limite, mas somente no limite, esta seja muito atenuada e escondida, até mesmo simbólica. (ALTHUSSER, 1975. pg. 116)

É por meio de aparelhos estatais como a escola, por exemplo, ou o Exército e a religião que a ideologia se reproduz e perpassa entre as gerações de classes trabalhadoras e é também, aí, na escola que ocorre a qualificação dos trabalhadores (sociedade) respeitando aquilo que se chama divisão internacional do trabalho. É na escola que se aprende a ler, a contar a redigir usando as regras e as normas cultas da língua, é lá que se aprende também as leis que devem ser obedecidas pelo trabalhador e que ele deve respeitar, caso contrário uma outra instituição, a polícia

por exemplo, irá puni-lo usando leis estabelecidas em determinada formação social para distinguir entre aquilo que é certo ou errado.

Hoje, podemos deixar claro que a escola é o principal aparelho estatal, pois junto à família é ela que acompanha a criança desde a infância até sua fase mais madura e, portanto, está presente durante quase todos os momentos da vida daquele indivíduo, enxertando o mesmo com cargas enormes de ideias e opiniões que para a Ideologia são normais. A grande diferença da escola em relação à família embora as duas sejam Aparelhos Ideológicos é que a primeira está diretamente ligada ao poder estatal enquanto a segunda funciona obedecendo aquilo que acha certo e assim o acha por reconhecer sua função como instituição ocupante de um papel definido também pela Ideologia.

Dentro disso, escola e família caminham lado a lado na formação do sujeito, porém uma é diretamente ligada ao poder estatal enquanto a outra se dispõe para esse por ocupar uma posição de sujeito e não por estar diretamente ligada a ele, embora dependa do estado em muitas coisas. Faz-se necessário antes de continuarmos esclarecer que o indivíduo não sabe que é sujeito como se ele visse a realidade externa sabendo que aquilo seria sua identidade e que teria de escolher o que tirar da Ideologia para seu proveito. Isso não ocorre pois ao se reconhecer como sujeito não importa que posição ele ocupe, sujeito político, religioso, etc, ele está naquele momento se reconhecendo enquanto tal por interpelação da própria ideologia como veremos mais adiante.

Toda Formação Social determinada se baseia em cima de uma estrutura de duas partes sendo a primeira formada pela relação entre as forças produtivas e as relações ou condições de produção e que é a base que sustenta a superestrutura dividida em dois níveis ou duas instâncias que seria a jurídico – política e a ideológica e que abriga diferentes ideologias. Sendo assim pela ótica marxista a sociedade se baseia em cima das relações de produção e na natureza destas.

2.3 O ESTADO COMO ORGANIZADOR DA REPRODUÇÃO DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

2.3.1 Os Aparelhos ideológicos de Estado

Para que se possa amadurecer e progredir na teoria sobre o Estado devemos antes de tudo entender que além de Poder Estatal e Aparelho de Estado, que é predominantemente Repressivo surge também uma outra realidade que é o Aparelho Ideológico de Estado, esse aparelho na verdade não é algo uno mas abriga uma pluralidade de Aparelhos ideológicos de Estado (AIE's) esses aparelhos se manifestam a primeira vista em instituições distintas e especializadas.

Daremos o nome de Aparelhos Ideológicos de Estado a um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas (ALTHUSSER, 1975. pg. 114)

Mesmo com todas as restrições, podemos de momento considerar algumas instituições como Aparelhos Ideológicos de Estado:

- O AIE (o sistema das diferentes igrejas)
- O AIE escolar (o sistema de diferentes “escolas”, públicas e particulares)
- O AIE familiar
- O AIE jurídico
- O AIE político (o sistema político incluindo os diferentes partidos)
- O AIE sindical
- O AIE da informação (imprensa. Rádio e televisão)
- O AIE cultural

Constatando a existência desses aparelhos observamos que os mesmos não têm uma ligação direta tal como o ARE com o Estado e o poder estatal, este pertence inteiramente ao domínio público enquanto que os AIE em sua grande

maioria ao domínio privado, quanto a essa distinção entre o público e o privado Althusser em seu Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado cita Gramsci que faz uma observação acerca dessa diferença que para o mesmo só existe diante do direito burguês e que vale somente nos domínios que ele chama de subalternos e onde esse mesmo direito exerce a sua autoridade.

A distinção entre o público e o privado é uma distinção interna ao direito burguês, e válida nos domínios (subalternos) em que o direito burguês exerce sua “autoridade”. O domínio do Estado lhe escapa, por estar “além do direito”: o Estado, que é o estado da classe dominante, não é público nem é privado; ao contrário, é a condição para qualquer distinção entre o público e o privado. (ALTHUSSER, 1975. pg. 115)

O domínio do aparelho do estado lhe escapa por estar “além do direito” enquanto que o estado que é o estado de classe nem é público nem privado mas antes disso é a condição para qualquer distinção dessa natureza, aquilo que a classe dominante detém abertamente por meio do Estado é público sendo o restante mesmo que dominado por ela de outras formas é privado, essa distinção ainda assim não tem importância pois não interessa a natureza da instituição que o AIE se manifesta mas sim a forma com que eles atuam.

2.4 SOBRE A IDEOLOGIA

Sabendo pois, que existem aparelhos de Estado, onde a Ideologia se reproduz e sendo estes aparelhos, formas de certa “publicização” dela junto a formação social, podemos afirmar que a Ideologia acontece por meio dos Aparelhos Ideológicos, ela se realiza, acontece neles. É ainda por meio de sua atuação nesses aparelhos que a Ideologia assegura a reprodução das relações de produção.

Abordando até aqui a importância da Ideologia e seu papel e função junto das classes dominantes e dos aparelhos de Estado visando à manutenção das condições de reprodução das relações de produção, se faz necessário agora discutirmos o que de fato vem a ser a Ideologia.

Para Marx a ideologia é um sonho, é o sistema de ideias e representações que domina a mente de um homem ou de um grupo social. Ela é algo que embora perpassa a história não tem uma história própria.

Dessa forma não há como pensar uma teoria das ideologias particulares, por exemplo, porque seguindo esse pensamento elas são apenas expressões das posições de classe ou das classes e frações de classes e não tem uma história própria, mas sim a história dessas classes. Aquilo que nós chamamos de ideologias particulares “regionais” são apenas posições de representação do mundo por parte dessas classes e não existem como ideologias. “uma teoria das ideologias se baseia, em última instância na história das formações sociais” (Althusser, 1975. pg. 124), mas o que existe é sim uma grande Ideologia que é a Ideologia da classe dominante. Quanto à natureza desta em a Ideologia alemã, como visto acima, Marx concebe a ideologia como pura ilusão e afirma que toda a sua realidade lhe é externa.

Para Marx, portanto a ideologia é uma montagem imaginária, um puro sonho, vazio e fútil, constituído pelos “resíduos diurnos” da única realidade plena e positiva: a da história concreta dos indivíduos concretos, materiais, produzindo materialmente sua existência. É com base nisso que a ideologia não tem história já que sua história está fora dela. Ela é meramente o reflexo pálido, vazio e invertido da história real, nela não tem uma história própria.

Por um lado, penso ser possível afirmar que as Ideologias *têm uma história própria* (ainda que esta seja determinada, em última instância, pela luta de classes); e por outro, creio ser possível afirmar *eu a ideologia em geral não tem história* – não num sentido negativo (sua história lhe é externa), mas num sentido absolutamente positivo (ALTHUSSER, 1975. pg. 125)

Por isso que, mesmo afirmando que não há como pensar uma teoria das ideologias particulares, porque as mesmas não têm história própria, mas sim a

história das posições de classe, pode-se ir contra essa afirmação e arriscar dizer que por não serem ideologias de fato, mas sim representações, a história dessas classes pode também ser a história dessas ideologias justamente porque elas são representações reais dessas classes que realmente existem. Althusser aborda duas teses sobre a atuação da ideologia que nós procuramos resumir da forma mais precisa nos parágrafos abaixo:

TESE 01 A ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.

Admitimos que as ideologias assim não correspondem a realidade mas se referem a ela, de forma que a sua interpretação permite identificar as condições de mundo que estão por trás dela e de vida dos homens naquele mundo ideológico. Na ideologia os homens representam para si mesmos suas condições reais de existência sob forma imaginária.

O que ‘os homens’ ‘representam para si’ na ideologia não são suas situações reais de existência, seu mundo real; acima de tudo, é sua relação com essas condições de existência que se representa para eles na ideologia. (ALTHUSSER, 1975. pg. 127)

O que se reflete na representação imaginária do mundo encontrada na ideologia são as condições de existência dos homens, ou seja, seu mundo real. O que é representado na ideologia, portanto, não é o sistema das relações reais que regem a existência dos indivíduos, mas a relação material desses indivíduos com as relações reais em que vivem.

TESE 02: A ideologia tem uma existência material.

Quando refletimos sobre os aparelhos de estado dissemos que cada um deles era a representação de uma ideologia ou da Ideologia e que, portanto, por meio das práticas desses aparelhos, de suas ações a ideologia se tornava real. Assim essa tese sustenta que enquanto sujeito age conforme o que acredita, suas convicções nasceram de sua experiência no convívio social, assim ele se realiza como sujeito no momento que a Ideologia o interpela enquanto tal, já que ela é,

como dito, a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais em que vivem.

O sujeito quando age traz para si a sua representação de mundo sua ação como sujeito subordinado àquela ideologia que ele crê e acredita como certo, mesmo quando ele está apenas pensando estar ali agindo já como um sujeito pois o que ele acredita é resultado da sua representação ideológica de classe a ideologia particular.

Um indivíduo acredita em Deus, ou no dever, ou na justiça, etc. Essa crença decorre [...] das ideias do indivíduo em questão, ou seja, dele como sujeito provido de uma consciência que contém as ideias de sua crença. Desse modo, isto é, mediante o dispositivo “conceitual” absolutamente ideológico assim instaurado [...] o comportamento (material) do sujeito em causa é uma decorrência natural. (ALTHUSSER, 1975. pg. 129)

O sujeito em questão porta-se de tal ou qual maneira, adota tais e tais comportamentos práticos e, mais importante, participa de algumas práticas submetidas a regras, que são as do aparelho ideológico, de que dependem “as ideias” que ele, pensando agir com plena consciência, livremente adotou como sujeito que se reconhece enquanto tal.

Em qualquer dos casos, na Ideologia, se reconhece, portanto, apesar de sua deformação imaginária, que as “ideias” de um sujeito humano existem ou devem existir em seus atos, e que, quando isso não acontece, ela lhe atribui outras ideias correspondentes aos atos (mesmo perversos) que ele de fato pratica. Assim, dissemos que, no que tange a um único sujeito (tal ou qual indivíduo), a existência das ideias que formam sua crença é material, pois suas ideias são seus atos materiais, inseridos em práticas materiais regidas, por rituais materiais, os quais, por seu turno, são definidos pelo aparelho ideológico material de que derivam as ideias desse sujeito. As ideias se concretizam nos atos materiais praticados pelo sujeito. A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos e estes se reconhecem nela como tal.

Em todo esse esquema, observamos que a própria representação ideológica da ideologia, é forçada a reconhecer que todo “sujeito” dotado de uma “consciência”, e confiando nas “ideias” que sua “consciência” lhe inspira e livremente aceita, deve

“agir de acordo com suas ideias” – portanto deve inscrever suas ideias, como sujeito livre, nos atos de sua prática material. Se não o fizer está errado. Nessas práticas a ideologia se realiza e o indivíduo se realiza nelas pois se reconhece como sujeito dela e demonstra isso nos seus atos.

Dentro do processo de reconhecimento do sujeito com a Ideologia aparecem duas realidades que abordamos de forma sintética utilizando como exemplo para que didaticamente se torne mais fácil a compreensão a ideologia religiosa. Vejamos que nela, por exemplo existe o indivíduo (usamos esse termo aqui apenas para fins de explicação já que não existem indivíduos frente a Ideologia) que é sempre já sujeito como explicamos anteriormente, tendo em vista que a medida que ele vai crescendo vai sendo formado pela Ideologia e quando chega na tenra idade de discernimento já se reconhece como um sujeito “religioso” seja um cristão, um muçulmano, um budista, etc.

Nesse processo o “indivíduo” se vê como um sujeito assujeitado a um Sujeito maior a quem ele deve respeito e obediência, nesse caso a Deus, ou a Buda. O reconhecimento dele como sujeito (pequeno) não é somente em relação ao Sujeito, mas também a outros sujeitos que assim como ele se reconhecem da mesma forma, Althusser chama esse processo de relação especular, ou seja, é como se o ser se visse diante daqueles sujeitos e do Sujeito e ali se encontrasse, se reconhecesse a tal ponto de subentender que aquela realidade faz parte dele e a ele pertence de tal forma que ambos estão infiltrados um no outro.

Essa relação especular na realidade é dupla, pelo seguinte modo. Os sujeitos se reconhecem como uma comunidade ligada ao sujeito. Refletem-se nele ao mesmo tempo em que se refletem uns nos outros. Por isso essa relação é dupla.

O que equivale a dizer que toda ideologia é centrada, que o Sujeito Absoluto ocupa o lugar singular do Centro e interpela a seu redor a infinidade de indivíduos a se tornarem sujeitos, numa dupla relação especular, de tal ordem que *sujeita* os sujeitos ao Sujeito, ao mesmo tempo que tempo que lhes dá, no Sujeito em que cada sujeito pode contemplar sua própria imagem (...), a *garantia* de que isso realmente concerne a eles e a Ele. (ALTHUSSER, 1975. Pg. 137).

A ideologia e sua crença assim são algo natural na vida do sujeito de tal forma que ele vive, acorda e vai dormir como ser religioso e a religião sempre esteve já ali, ele é fruto dela, a prova de que ele se reconhece enquanto tal são suas práticas cotidianas, o sujeito é um indivíduo atuante na ideologia no sentido que age de acordo com o que ela é, e que ele acredita. Uma das formas concretas e práticas de atuação do sujeito como ser submetido pela Ideologia está na sua forma de se expressar por meio do discurso que é por este emitido, a concretização do discurso e a relação ideológica será detalhada nas páginas seguintes.

2.5 CONCRETIZANDO O DISCURSO – LÍNGUA E IDEOLOGIA

As nossas afirmações aqui começam no sentido de apontar que a lingüística é constantemente procurada fora de seus domínios por meio da semântica, sintaxe e fonologia para dar fim a algumas discussões já históricas desse campo de estudo. Esse é um dos motivos pela qual ela é invocada na Análise do Discurso, metodologia a qual usamos nesse trabalho. “os homens falam, as línguas existem, seu estudo objetivo (científico) é possível” (Pecheux, 19 . pg. 87). A linguística define a língua como sendo um sistema dotado de leis internas, que são seu objeto de estudo.

Todo sistema lingüístico, enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma autonomia relativa que o submete a leis internas as quais constituem, precisamente, o objeto da linguística (Pecheux, 19. Pg. 90).

Ou seja, um sistema lingüístico que possui autonomia relativa em relação à luta de classes, pois a mesma não é uma língua de classes, mas a língua toda de um povo como recorda o autor citando as palavras do líder soviético Stalin.

A indiferença da língua em relação a luta de classes caracteriza a autonomia relativa do sistema lingüístico [...] o fato de que as classes não sejam “indiferentes” a língua se traduz pelo fato de que todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes [...] Dito isso observaremos que a solução proposta por Stalin – a língua está a serviço da sociedade concebida como um todo (Pecheux, 1988. pg. 92)

Dentro desse processo inicia-se, o que convém chamarmos de processo discursivo, e é sobre a base dessas leis internas que ele se desenvolve, e não enquanto expressão de um puro pensamento, de uma pura atividade cognitiva, etc., que utilizaria acidentalmente os sistemas lingüísticos, mas pelo contrário o processo discursivo seria a atividade cognitiva pondo a língua em curso, trabalhando dessa forma o discurso sendo a língua o objeto de materialização deste. Surge o discurso à medida que se expressa por meio da língua àquilo que era puro pensamento. Os processos discursivos trazem em si contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua e que são constituídas pelas relações que mantêm entre si estes processos, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classes.

2.5.1 Formação Discursiva. Determinação da Ideologia por um sujeito discursivo

A língua ao ser utilizada é vista por parte de quem a usa como um sistema dotado de estruturas bem definidas. A Ideologia é quem diz como o sujeito age e determina a sua forma de falar, essa determinação é a formação discursiva, ou seja, uma lei que rege o discurso. Sendo assim, Frege determina que o funcionamento da língua tenha alguma coisa a ver com o que ele chama de o pensamento, assim ao falar tornamos o que até então era ilusão como uma realidade. Porém, ao dizer usamos geralmente pré – definições sobre o objeto que estamos falando e muitas

dessas pré – definições não são próprias de quem diz, mas por se tratarem de um objeto de pensamento são frutos de sua ilusão sobre aquilo de que se expressa.

Ao atribuir um nome próprio no caso um substantivo a determinado objeto, estou fazendo ali a determinação da coisa baseado no meu pensamento sobre aquilo, eu vejo aquilo sei o que vejo e sei o que é e o que falar sobre aquilo, assim ao substantivar um objeto estamos apenas evocando o que já existe sobre ele e dando-lhe um nome, por exemplo, a disciplina que traz a memória de grandes homens e de fatos importantes que já ocorreram é História, mas o termo história já existe e de forma sintética podemos dizer que é aquilo que se refere a uma seqüência de acontecimentos em determinado período de tempo e que alguém usou para se referir a uma disciplina escolar, como também os nomes disciplina e escolar tem uma origem em uma outra situação mas que nesse caso também foi adaptada como nome próprio.

Faz-se necessário dizermos que isso só é possível porque a Ideologia garante as evidências do que é o quê?

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é um soldado, um operário [...] evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado queriam dizer o que realmente dizem e que mascaram assim, sob a transparência da linguagem, aquilo que claramente é o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (Pecheaux, 19 .pg.160)

O contexto que determina o sentido dessas afirmações é possível por meio das Formações Discursivas, instituição não física que está acima da formação social e que ao mesmo tempo está profundamente nela ligado.

Formação discursiva é aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...] as palavras, expressões, proposições, etc, recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. (Pecheaux, 19 .pg.160 / 161)

Dentro dessa formação tudo que é dito já foi dito antes, isso é o “inter-discurso” que é formado pelo pensamento mais o objeto de pensamento que é pré-

existente. Em relato sintético, podemos afirmar que se o sujeito evoca aquilo que já foi dito e “pré – construído” está aqui agindo “falando” como sujeito, portanto como um sujeito que se reconhece na Ideologia como veremos a seguir. Antes de prosseguirmos façamos a distinção de que o Interdiscurso é o discurso pronto que lá estava em algum lugar e que ao ser ‘usado’ pelo sujeito passa a ser o pré – construído no discurso dele, pois já estava pronto em outro lugar, e foi apenas emoldurado por este.

2.6 A FORMA SUJEITO DO DISCURSO E O INTERDISCURSO

Quando o sujeito se expressa, dizemos que ali ele se reconhece como sujeito pertencente aquela ideologia, assim ele se esvazia e se reconhece na ideologia onde se encontra. O processo que gera esse discurso como já vimos e que chamamos de Formação Discursiva determina o sentido que as palavras ganham dentro daquela situação.

Dentro dessa **formação ideológica** os indivíduos são interpelados em sujeitos – discursivos, pelas **formações discursivas** que representam na linguagem. Assim se reconhecemos que a formação discursiva é o lugar da constituição do sentido, podemos afirmar que toda formação discursiva dissimula pela clareza do que nela se constitui, sua dependência com respeito as demais formações discursivas no complexo das formações ideológicas definidos mais acima.

É essa dependência de uma formação discursiva e outra que constitui o Interdiscurso, ou seja, o discurso entre os discursos. É a objetividade material contraditória do interdiscurso que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente” sob a dominação dos complexos das formações

ideológicas. Dentro da estrutura – “O Interdiscurso” existem duas estruturas que são determinadas dentro da própria constituição deste que são o pré-construído e as articulações:

Propomos chamar interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade – contradição – subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas. (Pechaux, 19 .pg 162)

Sobre a estrutura do Interdiscurso formado por pré construído e articulações acrescentamos que:

A objetividade material contraditória do interdiscurso [...] determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” [...] sempre “antes em outro lugar e independentemente” [...] Descobrimos, assim, que os dois tipos de discrepância, respectivamente, o efeito de encadeamento do pré – construído e o efeito que chamamos articulação [...] são na realidade determinados materialmente na própria estrutura do interdiscurso. (Pechaux. 19 .pg.162)

A Ideologia em Geral como forma de interpelação dos indivíduos em sujeitos se realiza através desse complexo das formações ideológicas e fornece a cada sujeito sua realidade, enquanto sistema de evidências e significações percebidas. As estruturas do pré – construído e das articulações presentes no Interdiscurso que é a relação entre essas formações discursivas determinam o próprio sujeito, impondo e dissimulando-lhe seu assujeitamento sob esquecimentos, isto é, através da estrutura discursiva da forma sujeito:

“o pré-construído corresponde ao ‘sempre já aí’ da interpelação ideológica que fornece – impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o mundo das coisas) ao passo que a ‘articulação’ constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ele representa no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma sujeito”. (Pechaux. 19 .pg.164)

Sempre que nos remetemos ao interdiscurso para formular nossas explanações, levamos junto consigo uma espécie de memória daquilo à que

estamos nos referindo. Essa memória porém não é individual e não pertence as lembranças do sujeito mas sim uma memória coletiva que compõe o leque de expressões e representações do todo complexo com dominante, portanto do interdiscurso. Se por este entendemos o discurso pronto em outro lugar, digamos que este lugar que não se refere a um espaço físico, funciona como um depósito onde está o interdiscurso armazenado. Este lugar e o interdiscurso são, didaticamente explicando a memória discursiva, que é acionada pelo sujeito e que não está nele quando se busca o discurso pronto que lá estava.

Na construção do discurso, portanto, vários mecanismos são acionados, todos eles exteriores ao indivíduo e que o perpassam por comporem sua posição de sujeito, de forma imperceptível, mas eficiente e determinante, assim podemos antes de partir para o terceiro capítulo o qual se realizará de forma definitiva a análise, é possível fazermos um resumo do que foi dito da seguinte forma:

Existem formações ideológicas com regras de comportamento interno para os indivíduos (A Sociedade e as suas leis). Essas regras são ditadas pela Ideologia, conjunto de idéias pré – definidas realizadas e aplicadas por meio dos Aparelhos de Estado à sociedade pela classe dominante.

Os indivíduos (que são sempre já sujeitos) são interpelados por essa Ideologia como sujeitos por meio da ação desses aparelhos, principalmente os Aparelhos Ideológicos. As ações de reconhecimento desse indivíduo como um sujeito são vistas nas suas práticas, pois ele age conforme o que acredita e julga certo. Dentro dessas práticas está o dizer, explanação material da língua onde se concretiza o discurso, formado na Ideologia dentro do processo de formação discursiva que está atrelado a formação ideológica.

Ao se expressar por meio da língua o sujeito concretiza o discurso, é aí que se abre o leque de oportunidades de analisar esse discurso, pois o mesmo traz consigo, devido as Condições de sua Produção, realidades inerentes a formação ideológica de onde saiu e que pela Ideologia expressam as condições reais de existência de quem o produziu. .

No capítulo posterior iremos analisar o discurso de Zé Maranhão (candidato a reeleição ao Governo da Paraíba) e Ricardo Coutinho (Candidato pela primeira vez

ao cargo) nesse contexto e diante do que foi apresentado até aqui já nos é possível pré – estabelecer que ambos já ocupam a posição de sujeitos políticos, como iremos corroborar mais adiante, a começar pelo nome aplicado aos mesmos para se apresentarem ao público, nomes fictícios para cada um.

Conforme já levantado em estudo anterior no projeto de pesquisa sobre a espetacularização da política foi verificado que o que aqui chamamos de sujeitos políticos ocupam posições no campo político que na pesquisa anterior são abordados como “papéis” e estes sujeitos na interpretação destes “papéis” são personagens, conforme foi detalhado ao longo do capítulo primeiro.

Nossa análise agora desloca-se não para a identificação destes papéis, não é este nosso foco principal, mas para a identificação do discurso sustentado por estes personagens em sua função “papel” de candidatos ao governo. Analisar o discurso destes e assim identificar que tipo específico de sujeitos políticos estes são e se como sujeitos agem da mesma forma enquanto personagens políticos este é o objeto da análise no terceiro capítulo. Como o discurso político não é homogêneo. Então dentro do discurso político existem outros que lhe vão dar sentido. O analista precisa identificá-los.

Capítulo III

**A análise do corpus e a identificação dos discursos
sustentados pelos sujeitos políticos**

CAPÍTULO 03

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS A PARTIR DA COLETA E ANÁLISE DO CORPUS

Tendo explanado no capítulo anterior a teoria que fundamenta nossa pesquisa e ainda muito antes a cerca do contexto político em questão, onde nasce o processo eleitoral que fornece o nosso *Corpus* de análise, passamos neste terceiro capítulo a trabalhar a análise propriamente dita, lembrando que iremos analisar o Horário Eleitoral Gratuito com a finalidade de identificar os discursos de Ricardo Coutinho e Zé Maranhão enquanto candidatos ao Governo do Estado da Paraíba no segundo turno das eleições de 2010.

Os discursos em questão fazem parte do projeto político da campanha durante o segundo turno das eleições de 2010 no Brasil. A título de esclarecimento vale recordar que o primeiro turno da referida campanha teve início oficialmente em 06 de Julho de 2010 após o reconhecimento por parte do TSE do registro de todos os candidatos. Os primeiros guias eleitorais foram exibidos em 18/08/2010 de 13h00min as 13h30min e das 20h30min as 21h00min, dentro desse período que durou até 29/09/2010 ocorreram as apresentações do guia de todos os candidatos alternando a exibição dos programas de campanha dos candidatos a deputado e senador.

O segundo turno da campanha ocorreu de 05 a 29 de Outubro, sendo disponibilizados todos os dias da semana, inclusive o domingo, para a propaganda dos candidatos. O tempo era de 40 minutos sendo 20 para os candidatos a governador já que paralelamente ocorreu a campanha a presidência da república. Pela lógica, Ricardo e Zé dispuseram de 10 minutos cada durante a campanha nos guias eleitorais exibidos durante estes dias.

Antes de prosseguirmos sobre o procedimento metodológico usado no trabalho fazemos uma breve explicação da metodologia baseada na Análise do Discurso que não tem um método fechado de estudo conforme nos lembra Marques:

Mas qual é a relevância dessas questões no que tange à metodologia a ser utilizada em AD? Ora, a Análise do Discurso é um campo de pesquisas que não possui uma metodologia pronta. Isto significa que ao lançar mão dos elementos constitutivos do arcabouço teórico que balizarão suas análises, o analista do discurso estará ao mesmo tempo alçando os dispositivos metodológicos. (Marques. V.5. N° 1. 2011. pg. 63)

O material coletado para o *Corpus* foi extraído do website *youtube*, entre 13 e 19 de outubro de 2013, especializado na divulgação e armazenamento de vídeos na rede mundial de computadores. Para maior precisão da pesquisa foram coletados todos os vídeos da campanha no segundo turno desde o primeiro ao último programa exibido sobre os dois candidatos. Para análise, porém não foram utilizados todos os programas, mas por meio de critério de importância usamos apenas os programas, que pela linha teórica, se mostravam como elementos chave para o êxito do trabalho.⁷ De posse desse material todo o conteúdo audível foi transcrito em texto, para que, a partir daí, pudéssemos aplicar a referida metodologia.

A partir da transcrição das falas dos personagens decorreu a análise dos discursos obtidos. Para tal análise, como já foi mencionado nos utilizamos da teoria da Escola Francesa de Análise do Discurso de Michel Pecheux. A análise foi realizada através de enunciados.

Os enunciados nada mais são do que recortes de texto das falas transcritas dos personagens para forma de texto, os quais transmitem efeitos de sentido. Segundo Orlandi, apud Marques (1989, p. 36), o recorte refere-se a uma unidade discursiva entendida como fragmentos correlacionados de linguagem e situação.

Tudo o que foi dito até aqui pode ser resumido da seguinte forma: Enunciados, nada mais são do que recortes das falas transcritas dos personagens

⁷ A coleta do material se deu por meio de plataformas tecnológicas de computador, chamadas softwares, usamos o Real Player como forma de obter por meio de uma técnica chamada Download, os programas disponibilizados no *youtube* e que foram armazenados em uma área específica na memória de computador.

retiradas do Horário Eleitoral para forma de texto, os quais transmitem efeitos de sentido. Na nossa análise abreviaremos a palavra “enunciado” para a letra inicial do nome de cada candidato a fim de facilitar a compreensão e própria identificação dos enunciados ao longo dos discursos de cada um. Ela será seguida de um número que se estenderá em uma seqüência, assim o enunciado 1 do discurso do candidato Ricardo Coutinho, será o R1 e na seqüência, R2, R3,..., R10, ..., R15,..., R25, etc., fazendo essa divisão da mesma forma nas partes da propaganda referentes a Zé Maranhão usando a inicial Z1, Z2, Z3 ... e assim sucessivamente. Esse critério foi adotado para não perder o fio do discurso com as quebras de seqüência entre os dias de propaganda eleitoral.

A marcação se dá de forma contínua para todos os programas. No momento das análises dos enunciados, destacamos as falas transcritas como forma de facilitar a identificação das mesmas usando a fonte “negrito” e mesmo após essa identificação será utilizado o traço para sublinhar termos ou expressões importantes para a compreensão dos efeitos de sentido. Como num mesmo programa aparecem vários participantes além dos próprios candidatos, separamos cada enunciado e dentro dele a denominação de sua função do programa.⁸

A partir dos Enunciados foram realizadas as análises dos discursos provenientes do guia eleitoral de Maranhão e Ricardo em conseqüência dos discursos que perpassam cada candidato.

⁸ Por exemplo: Locutor, Locutora, Apresentador, Apresentadora, Sonoras, Jingles, Ricardo, Zé, Cássio, etc

3.1 A ANÁLISE DO CORPUS

Diante do exposto na metodologia de análise começamos o nosso estudo com o programa número 01⁹ do Guia Eleitoral do segundo turno do candidato Ricardo Coutinho exibido em 09 de Outubro de 2010 entre 13h00min e 13h30min e também à noite entre 20h30min e 21h00min. Este dia marcava o início da corrida eleitoral no segundo turno rumo ao Palácio da Redenção. Agora o processo se firmava diretamente entre duas forças políticas opostas e com o mesmo objetivo. Em ordem de análise trataremos primeiro dos programas do candidato Ricardo Coutinho e em seguida de Zé Maranhão.

R1. Locutor: No primeiro turno os principais institutos de pesquisas davam a vitória de Maranhão como certa. A Consult, contratada pelo Correio da Paraíba, dava uma vantagem de mais de 20%. O Data associados chegou a falar em uma diferença de cerca de 700.000 votos para Maranhão. O IBOPE errou até na boca de urna.

“Vamos agora aos resultados da boca de urna para a Paraíba. Segundo o IBOPE, Zé Maranhão do PMDB foi reeleito” (Voz de Willian Boner, Jornal Nacional da TV Globo do Rio de Janeiro).

Locutor: Mas a Paraíba não caiu no conto das pesquisas e o resultado todos já sabem. Ricardo ganhou o primeiro turno e vai ganhar o segundo também. A Paraíba mostrou que não se rende, não vende e não se deixa enganar. A verdadeira pesquisa é a da urna e a das ruas.

Neste primeiro enunciado, vemos que é acionado um discurso estatístico, pois o mesmo apresenta logo de início uma série de dados numéricos de pesquisas em torno do primeiro turno através de institutos de pesquisa. O efeito de sentido provocado com isso é que essa estatística não é digna de credibilidade, e não é um resultado sério, o referido efeito de sentido é passível de percepção através do

⁹ Como os programas foram exibidos em uma sequência e na página de onde foram selecionados estão agrupados em Guia 001, 002, etc. Mantemos essa mesma denominação para cada programa de forma que a numeração dos mesmos refere-se a ordem com que foram veiculados.

surgimento de uma palavra logo na segunda linha do enunciado. **A Consult, contratada pelo Correio da Paraíba** (grifo nosso) – Se observarmos as Condições de Produção do Discurso veremos que a palavra “contratada” aciona o sentido de uma subordinação ou comprometimento, como uma paráfrase discursiva de “encomenda”, deslizando para manipulada. Ou seja, os dados estatísticos não são fiéis aos resultados.

A resposta para isso está justamente em torno das Condições de Produção, que apontam para o seguinte detalhe: o Sistema Correio, empresa de comunicação sediada na cidade de João Pessoa, teve uma posição muito bem definida na política paraibana e um engajamento fiel nas eleições de 2002 e 2010 principalmente no que tange à corrente política encabeçada pelo PMDB nas eleições dos anos mencionados e da qual o empresário Roberto Cavalcanti, diretor presidente da referida empresa ocupava lugar de destaque na coligação política de seu partido o PMDB e que na época apoiava Zé Maranhão.

Na época, Roberto Cavalcanti era Senador da República pela Paraíba, partido bastante interessado na política local, em especial nessas duas últimas campanhas. Ao analisarmos a cobertura dada pelo Correio da Paraíba por meio das reportagens vinculadas ou publicadas nos vários veículos de comunicação do sistema sobre o governo do opositor de seu diretor presidente, Cássio Cunha Lima, principalmente aos erros da gestão do mesmo, é fácil notar de que lado se colocava o Sistema Correio, e o porquê disso. Diante dessa situação é mais fácil compreendermos porque se questiona a credibilidade das pesquisas mencionadas em R1, principalmente pela coincidência entre serem contratadas pelo Correio da Paraíba e darem a vitória a Zé Maranhão.

A relação entre o Sistema Correio e Zé Maranhão e o fato de as pesquisas terem sido contratadas pela empresa, dão certo tom de desconfiança e dizem que os resultados foram manipulados. Na frase **O IBOPE errou até na boca de urna**, fica claro que este erro se trata de um erro proposital o que corrobora a afirmação de que pesquisa não é séria.

A situação, é que essas pesquisas fossem tidas como certas já que é acionado inclusive o discurso do JN da TV Globo “**Vamos agora aos resultados da**

boca de urna para a Paraíba. Segundo o IBOPE, Zé Maranhão do PMDB foi reeleito” (Voz de Willian Boner). As Condições de Produção do discurso apontam para o fato de se usar o Jornal Nacional como forma de corroborar a afirmação das pesquisas, o resultado da eleição contrário ao que elas afirmavam é que junto com a fonte e a forma com que foram feitas dão as mesmas o descrédito de seus resultados.

Ao longo do R1 é acionado outro discurso que reafirma a fragilidade dessas estatísticas: **Locutor: Mas a Paraíba não caiu no conto das pesquisas** - o que vemos aqui é o interdiscurso. Esse discurso acionado de outro lugar está subjacente ao discurso poético. No discurso poético existe uma expressão popular chamada “conto do vigário”. No contexto popular a expressão original é “cair no conto do vigário”. No âmbito de produção do discurso no campo poético, cair no conto do vigário é ser enganado, dar credibilidade a alguém suspeito e de conduta duvidosa.

Desse modo, ao dizer A Paraíba não caiu no conto das pesquisas, tal dizer desemboca numa paráfrase discursiva, onde há uma metaforização do termo **vigário** por **pesquisas**. As pesquisas, como já mencionado, são manipuladoras, sua história é um “conto”, uma mentira. Assim é perceptível nesta parte do R1, que todos os paraibanos estavam dando apoio a Ricardo e não se deixaram enganar pelo conto manipulador das pesquisas. Aqui não vemos uma pessoa, mas a Paraíba sendo usada para acionar a ideia de pertencimento dos sujeitos. O termo **A Paraíba** está sendo usado para substituir uma pessoa que não caiu no conto do vigário, que não caiu no conto das pesquisas, a Paraíba é esperta não se deixou enganar, e por conta disso o R1 complementa: **o resultado todos já sabem. Ricardo ganhou o primeiro turno e vai ganhar o segundo também.** Pelo texto então o sentido de generalização, reunião de eleitores de Ricardo como “Paraíba” por inteiro. A Paraíba, e todos, aqui são a mesma coisa, todos, já sabem, a Paraíba já sabe, Ricardo ganhou uma vez e por ser esperta a Paraíba sabe que ele vai ganhar a segunda vez também.

Para confirmar o primeiro efeito de sentido apresentado logo no começo do enunciado sobre a credibilidade das pesquisas o locutor diz: **A Paraíba mostrou que não se rende, não se vende e não se deixa enganar.** – Pelas Condições de Produção o verbo “render” remete ao fato de que na maioria das vezes quando em

uma corrida eleitoral um candidato se mostra a frente em todos os pontos e quesitos da campanha, o eleitor sob o suposto de não perder o voto, acaba votando no candidato que apresenta mais vantagens na campanha, é nesse sentido que o locutor menciona que A Paraíba não se rende, não se vende, pois uma coisa é a percepção do instituto “contratado” e outra a da Paraíba. A pesquisa e a Paraíba são coisas diferentes daí a afirmação final **A verdadeira pesquisa é a da urna e a das ruas.**

R2. Voz de multidão “Ricardo Governador”

Jingle: Eita ! Do litoral ao sertão, cada um tem um 40 batendo no coração. Vem cá, vem me dar sua mão, cada um tem um 40 batendo no coração.

Apresentadora: Olá, muito obrigado por quase um milhão de votos para Ricardo e para o futuro de nossa terra, muito obrigado pela vitória no primeiro turno. Elegemos Cássio senador com a maior votação de nossa história, foi uma vitória maiúscula da Paraíba

No R2 vemos que, conforme explicado anteriormente, o efeito de sentido sustentado é que a Paraíba, no todo, vota em Ricardo Coutinho, a afirmação disso vem logo no início do enunciado, nessa transcrição nomeamos como Voz de multidão o momento onde no programa de TV aparece cena de pessoas em um comício gritando **Ricardo Governador** – essa multidão embora não seja a Paraíba toda, no contexto aqui apresentado a representa e corrobora o efeito de sentido de que todos, ou seja, que a Paraíba estava com Ricardo e que ele é **o futuro de nossa terra**. Outro fato que ainda corrobora o mesmo efeito de sentido está no Jingle no E2 **Jingle: Eita ! Do litoral ao sertão, cada um tem um 40 batendo no coração. Vem cá, vem me dar sua mão, cada um tem um 40 batendo no coração.** – ou seja, a ideia é a mesma, e vemos o grande esforço até aqui de firmar a noção de que toda a Paraíba está com Ricardo, todos estão com ele, **do Litoral ao Sertão**, portanto todo o Estado, e cada pessoa, tem um 40¹⁰ batendo no coração.

¹⁰ 40 é o número eleitoral do Partido Socialista Brasileiro, o PSB, legenda do Governador, e então candidato Ricardo Coutinho.

Neste momento mesmo de forma simples, é usado o sentido de individualidade, até então ausente no enunciado, pois sempre se refere as pessoas de forma indireta por meio de metáforas como “A Paraíba”, “a voz das ruas” e agora vemos “cada um”, – A Paraíba, somos todos nós, eu e você, e **cada um tem um 40 batendo no coração**. Por outro lado, essa individualidade só reforça a ideia geral, pois cada um junto forma o todo.

O jingle ainda aponta para a opção sentimental feita pelo povo, ao afirmar que **cada um tem um 40 batendo no coração**. – e o apelativo **Vem cá, vem me dar sua mão** – evoca o sentido de união, de que todos, até sentimentalmente estão unidos em torno de um ideal comum.

Ao longo da análise dos enunciados começa - se a perceber um hiato entre “institutos de pesquisa” e “Paraíba”. A ideia neste caso, é que o único fator favorável a Maranhão são as pesquisas, porém como demonstrado em R1, estas pesquisas são falsas e isso fica bem claro quando o locutor diz: **A verdadeira pesquisa é a da urna e a das ruas** – e estas apontam que a Paraíba, portanto todos estão com Ricardo.

Mais adiante é sustentado novamente uma fala indireta, que, como vimos, predominou ao longo de boa parte dos enunciados. Nesse caso notamos que a afirmação não se dirige a um eu, o uso de um eu ou um você individualiza e tiraria aqui a noção sustentada anteriormente de sentimento coletivo em torno de um ideal comum. Assim a apresentadora se dirige a um “vocês”, que como vimos é a Paraíba, que seria um eu e um você, vemos na frase da mesma a afirmação: **Olá, muito obrigado por quase um milhão de votos para Ricardo e para o futuro de nossa terra, muito obrigado pela vitória no primeiro turno**. O grifo aqui é nosso para afirmar o sentido de opinião coletiva em torno do sentido de trabalho conjunto e de que todos, um eu e um você, a Paraíba, elegeu Ricardo. Senão vejamos: **Elegemos Cássio senador com a maior votação de nossa história, foi uma vitória maiúscula da Paraíba**. Os grifos nas palavras acima corroboram o que nossa análise tem apresentado até agora e acionam um efeito de sentido do ato monumental, da ruptura, da ação diferenciada, do diferente. Os agradecimentos não são a um você, mas a um nós, que **Elegemos**, fizemos algo inédito na **nossa**

história e para o bem de toda **a Paraíba**. E quem é a Paraíba? Mais uma vez, somos Eu e Você.

Incluído dentro dessa afirmação de sentimento conjunto percebe-se que o **Elegemos Cássio senador**, demonstra, pelas Condições de Produção do discurso, que Cássio, que já havia sido Governador, teve uma boa aceitação, mesmo tendo sofrido ataques a sua imagem devido à cassação de seu mandato enquanto governador. Portanto, estão juntos Cássio, Ricardo e A Paraíba. A Paraíba e Ricardo Coutinho estão do mesmo lado, porque estão do lado de Cássio e Cássio está do nosso lado. Pelas Condições de Produção do discurso, essa afirmação a época era muito importante, já que a candidatura de Ricardo gravitava em torno do apoio e da imagem de Cássio.

R3. Apresentadora 2: Seu voto no dia três significou a escolha de uma nova Paraíba e mostrou nas urnas o que as ruas já diziam, vencemos o medo, pode abrir seu melhor sorriso, todo mundo tem um 40 batendo no coração. Muito obrigada.

Ricardo Coutinho: Minhas primeiras palavras, neste segundo turno, refletem meu maior sentimento: gratidão a toda a Paraíba, por todo o seu apoio e empenho. Pela confiança dos paraibanos chegamos ao segundo turno e chegamos na frente. Muito obrigado por esses votos, que são o aval de uma nova Paraíba. Vencemos mentiras e desconfianças. A esperança venceu o medo. Nossa caminha em busca de uma nova Paraíba continua, com desafios ainda maiores, mas com a certeza de que a verdade libertará a Paraíba da opressão e do medo, da perseguição e da retaliação. A Paraíba mostrou que não se curva nem se amedronta, não se rende nem se vende. Vai chegar o dia em que o nosso povo caminhará livre, independente e seguro, de cabeça erguida. Sem precisar olhar pro lado ou pro chão. Cada um desses quase um milhão de votos multiplica minha responsabilidade com a nossa terra. Quero retribuir tanta confiança com muito trabalho para apressar o passo de nosso desenvolvimento. Para fazer a Paraíba avançar 40 anos em 4. E sua vida ficar muito melhor.

Em R3 a apresentadora usa a expressão **vencemos o medo** essa frase faz funcionar o interdiscurso. Esse discurso provém da campanha de Lula a presidência

da República em 2002, e foi usado lá, produzindo o mesmo aspecto político. Pelas Condições de Produção do discurso podemos explicar o sentido do sintagma “vencer o medo”. Vejamos que em 2002 a situação era inusitada, pois era a primeira vez que Lula estava com grandes chances de vencer as eleições, depois de várias candidaturas. Houve uma intriga com isso, um discurso contrário a se propagar que o fato de Lula e o PT assumirem a presidência iria causar uma série de distúrbios na sociedade, uma série de benefícios que estavam sendo prestados pelo governo iria acabar, havia um sentimento de angústia nacional e muitos falavam até de uma situação apocalíptica, na propaganda do PSDB, por exemplo, a atriz Regina Duarte, aparecia dando um depoimento em tom de tristeza e ansiedade, dizendo temer a ascensão do PT ao poder, usando a frase “Eu tenho Medo”.

Com a apuração da eleição de 2002 e a vitória de Lula, surgiu o dizer “A Esperança Venceu o Medo”. Esse passou a ser o mote do PT em torno de uma série de questionamentos e atitudes em torno do governo. No caso político local, o medo girava em torno do fato de Ricardo nunca ter sido Governador, diferente de Maranhão, que já tinha bastante experiência no tema. É por isso e para fazer oposição a esse discurso que surge o dizer “Uma nova Paraíba” na frase **Seu voto no dia três significou a escolha de uma nova Paraíba**. Ou seja, é preciso abandonar o velho, se referindo a Maranhão e suas táticas “já conhecidas” de governo. Abandonar as velhas táticas, escolhas políticas. Por isso se expõe o discurso

O fato de Maranhão já ter sido governador várias vezes é usado aqui de forma negativa, pois se aponta para isso, como uma estagnação. A Paraíba precisava e escolheu “algo novo”, e vemos que esse novo foi vitorioso no 1º turno, isso geraria um temor pelo fato de Ricardo não ter sido ainda governador, uma série de temores parecidos com os de quando Lula havia sido eleito em 2002. Daí o porquê da vitória no 1º turno é apontado com a afirmação **vencemos o medo**, além do que a vontade popular se manteve, o que é confirmado em **mostrou nas urnas o que as ruas já diziam**.

Portanto, retomando o discurso anterior no R1, as pesquisas que apontavam Maranhão como eleito eram falsas, o medo de Ricardo se eleger foi vencido, pois **ele ganhou o primeiro turno** e como disse o locutor **vai ganhar o segundo**

também. Assim, se A Paraíba é esperta; ela não caiu **no conto das pesquisas**, votou sem medo e com esperança; **A esperança venceu o medo** (R3), o que comprova que **a Paraíba está com Ricardo** (R2) e a verdadeira pesquisa é a das ruas, pois Nós, A Paraíba, **mostrou nas urnas o que as ruas já diziam** (R3).

Depois disso ainda no R3, há um pequeno afastamento. Aparecem lado a lado um eu e um tu, agora é usada a expressão, **pode abrir seu melhor sorriso.** O tu é dirigido a cada cidadão, pois depois de vencer o medo você pode sorrir. É um convite a comemoração, a confirmação de que a escolha foi uma escolha certa, observemos a reafirmação de **que todo mundo tem um 40 batendo no coração.** Vemos que não se usa, por exemplo, a expressão, um milhão, ou 40%, 90% tem um 40 batendo no coração, mas sim todo mundo, o que confirma uma adesão geral da Paraíba, que mostrou **que não se rende, não vende e não se deixa enganar** e que as pesquisas que davam a vitória de Maranhão como certa já desde o primeiro turno eram falsas **A verdadeira pesquisa é a da urna e a das ruas** (R1) e por fim **vencemos o medo, pode abrir seu melhor sorriso, todo mundo tem um 40 batendo no coração. Muito obrigada.**

Continuamos a análise pelos demais enunciados do discurso, tendo ainda no E3, a fala do próprio candidato Ricardo Coutinho, resumindo o que já foi exposto até agora, o qual havia um discurso político que reforçava que a Paraíba inteira havia votado em Ricardo e que a vitória dada a Maranhão era um recurso estatístico e manipulado,

Essa ideia aqui é reforçada e junto dela acrescentados outros dizeres, a noção de unidade em torno de sua vitória pode ser percebida em: **Minhas primeiras palavras, neste segundo turno, refletem meu maior sentimento: gratidão a toda a Paraíba, por todo o seu apoio e empenho. Pela confiança dos paraibanos chegamos ao segundo turno e chegamos na frente. Muito obrigado por esses votos, que são o aval de uma nova Paraíba. Vencemos mentiras e desconfianças **A esperança venceu o medo.** (R3). Como dito vemos aqui a confirmação de tudo o que foi mostrado até agora em torno de Ricardo e sua campanha, os grifos feitos apontam as palavras, que funcionam como entremeio para localizarmos o efeito de sentido presente nessa fala do candidato.**

Na mesma fala e mais à frente vemos o acionamento do interdiscurso, nesse caso o discurso religioso bíblico do Evangelho quando Ricardo diz: **Nossa caminhada em busca de uma nova Paraíba continua, com desafios ainda maiores, mas com a certeza de que a verdade libertará a Paraíba da opressão e do medo, da perseguição e da retaliação.** Vemos que nesse caso é acionado o texto do Evangelho de São João 8,32. “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Os grifos acima como sempre funcionam como entremeio, para os efeitos de sentido sustentados nesse caso, vemos, por exemplo, em: **Nossa caminhada em busca de uma nova Paraíba continua** que a ideia de continuidade e de um caminho abre espaço para mais a frente ser garantido a sustentação do sentido e da “ligação” com o discurso de Jesus no Evangelho de São João 14,6 “Eu sou o caminho a verdade e a vida”. Ora, se Jesus é o caminho e a verdade, e se a verdade nos libertará, logo vemos **que a verdade libertará a Paraíba da opressão,** essa libertação será feita com a vitória de Ricardo.

Portanto essa é a verdade, Ricardo libertará a Paraíba e se quem liberta é a verdade, ele é a verdade, nesse caso, o que claramente remete a uma associação entre a figura de Cristo, redentor da humanidade e a de Ricardo, redentor da Paraíba.

Nesse processo de assimilação entre Ricardo e Jesus, vemos que como Cristo redimiu a humanidade e pela sua redenção toda a humanidade foi renovada, podemos dizer que surgiu um novo estado de coisas, tudo novo, um homem novo, que no caso de Ricardo seria uma Paraíba nova. **Nossa caminhada em busca de uma nova Paraíba continua,** salientado aqui a NOVA PARAÍBA, como resultado da redenção pela verdade, ou seja, por Ricardo.

Temos uma comparação entre Ricardo Coutinho e Jesus, logo Zé Maranhão é associado pelo interdiscurso em questão ao Império, que perseguia, era opressor e retaliador, vemos isso em: **a verdade libertará a Paraíba da opressão e do medo, da perseguição e da retaliação. E Vai chegar o dia em que o nosso povo caminhará livre, independente e seguro, de cabeça erguida. Sem precisar olhar pro lado ou pro chão,** é claro aqui o acionamento de um discurso político opressor, relacionado a Maranhão, esse período será superado com a vitória de Ricardo, que nos libertará, tal como Cristo nos libertou do jugo do Império Romano e do mal.

Após acionar o discurso religioso percebe-se que ainda é mencionado, ou melhor, acionado um interdiscurso político que vem a reforçar a ideia de Ricardo como um redentor. Vejamos que se diz: **Quero retribuir tanta confiança com muito trabalho para apressar o passo de nosso desenvolvimento. Para fazer a Paraíba avançar 40 anos em 4. E sua vida ficar muito melhor.** Sabemos que esse dizer remete ao tema de campanha política de Juscelino Kubitschek, enquanto presidente da república, “fazer o Brasil crescer 50 anos em 05”. Então, temos o reforço de uma imagem de redentor que trará a liberdade e juntamente com ela o desenvolvimento, outro ponto também a ser levado em conta é que temos aqui o acionamento da ideia de antiguidade e antiquado ainda fazendo um paralelo entre Zé Maranhão e o Império Romano e de Ricardo como sendo um novo estado de coisas.

R4. Jingle: O que Ricardo faz, faz de coração, agora o girassol vai brotar lá no Sertão.

Repórter: Aqui em Cajazeiras Ricardo vai construir conjuntos habitacionais, com praça, escola e PSF, também vai fazer o projeto empreender que deu certo em João Pessoa e vai ainda fazer a expansão do Hospital Regional de Cajazeiras.

Repórter 2: Ricardo vai construir a translitorânea norte, ligando Mataraca aqui a Lucena, vai construir o hospital regional do vale e também vai estimular, aqui na região, a irrigação para a agricultura familiar.

Repórter 3: Aqui no Cariri, Ricardo vai incentivar a caprinocultura e a agricultura irrigada.

Jingle: É trabalho de verdade, é trabalho de fato, Ricardo vai fazer 40 anos em 4.

No R4 vemos que é acionado um efeito de sentido relacionado a desenvolvimento e ligado a ideia de produtividade, que se relaciona com as obras que ele promete realizar, mesmo aqui começando a haver uma mudança no direcionamento dos discursos percebe-se que ainda não foi abandonado por completo o interdiscurso religioso ao ser mencionado dentro da fala o elemento “Girassol” essa palavra é um ponto de entendimento e balanço entre esses dois

discursos o primeiro relacionado a ideia de plantar e colher, presente nos **40 anos em 4** do E3, como já dito a produtividade e as obras para fazer o estado crescer, e ainda o Girassol remete ao sol, trazendo a imagem de Jesus como o Sol da Justiça, que antes já foi dentro do discurso, equiparado com o papel de Ricardo no processo político em questão.

Agora definido no R4, o discurso passa a ser relacionado à produtividade se distanciando do interdiscurso religioso. Entre as linhas são mencionadas várias obras que serão feitas pelo novo governo e ainda o projeto “Empreender”, criado na administração de Ricardo na Prefeitura de João Pessoa, pelas Condições de Produção do discurso, fica claro que a intenção aqui é acionar o “sucesso” da administração na Prefeitura o que fez a cidade “mudar a cara” se transformar, dando ao mesmo uma boa aceitabilidade e agora essa inovação chega também ao Governo do Estado e se expande para todas as áreas da Paraíba.

Repórter: Aqui em Cajazeiras Ricardo vai construir conjuntos habitacionais, com praça, escola e PSF, também vai fazer o projeto empreender que deu certo em João Pessoa e vai ainda fazer a expansão do Hospital Regional de Cajazeiras.

O R4 aborda ainda na fala do repórter acima e antes de citar o empreender, a tríplice EDUCAÇÃO, LAZER A SAÚDE. Quando se diz: **Aqui em Cajazeiras Ricardo vai construir conjuntos habitacionais, com praça, escola e PSF**, vejamos aqui as três palavras que remetem a tríplice mencionada, ou seja, PRAÇA como sinônimo de lazer, ESCOLA, como educação e PSF, saúde.

Nos dizeres seguintes vemos reforçada a ideia de desenvolvimento e crescimento: **Repórter 2: Ricardo vai construir a translitorânea norte, ligando Mataraca aqui a Lucena, vai construir o hospital regional do vale e também vai estimular, aqui na região, a irrigação para a agricultura familiar.**

Repórter 3: Aqui no Cariri, Ricardo vai incentivar a caprinocultura e a agricultura irrigada. Nessas falas, nada mais claro do que a produção e o desenvolvimento que são trabalhados com as obras consideradas e mencionadas como importantes para o desenvolvimento do Estado. A última frase no Jingle reforça tal ideia quando diz: **Jingle: É trabalho de verdade, é trabalho de fato,**

Ricardo vai fazer 40 anos em 4. Percebamos que é mencionado como fim de reforçar essa ideia o interdiscurso de JK com, 40 EM 4.

R5. Testemunho popular: Meu nome é Luzia Ferreira Cavalcanti. Eu vim do Sertão pra cá né! Eu vim em busca de uma vida melhor. Foi difícil, trabalhei nas cozinhas de empregada doméstica. Conheci meu marido aqui, me casei, pagava aluguel de casa, um sofrimento daqueles. Tinha dia que tinha o café, e não tinha o açúcar, tinha dia que tinha o açúcar e não tinha o café, até que nós conseguimos nossa casa, porque depois de 26 anos de aluguel. Ah... foi uma vitória! Porque quando eu olhei pra minha casa... ele chegou e disse: filha olha a chave da nossa casa, eu comecei a chorar. E quando a gente chegou com a mudança que eu olhei, eu vi a minha casa, quando eu vim lavar aliás, quando eu vim lavar a minha casa que eu peguei a chave que eu entrei eu disse meu Deus muito obrigada, me ajoelhei, juro por Deus... e chorei. Meu Deus muito obrigado pelo lar que o Senhor me deu. E agradeço a Deus, tudo por tudo, e ... e a nosso futuro governador, porque ele batalhou muito, ele conseguiu, porque se não fosse através dele, ninguém tinha sua casa própria hoje, e o nosso futuro governador, ele conseguiu. Ele vai cuidar melhor do estado do que eu cuido da minha casa. Isso eu tenho certeza.

No R5 temos a história de uma senhora sertaneja que se mudou para João Pessoa e construiu sua história de vida lá, e graças ao trabalho de Ricardo conseguiu sua casa própria depois de passar 26 anos morando de aluguel. Aqui vemos que é novamente e remetendo ao E3 acionado o discurso religioso.

No R5 confirmando o que acabamos de dizer vemos: **Meu nome é Luzia Ferreira Cavalcanti. Eu vim do Sertão pra cá né! Eu vim em busca de uma vida melhor.** Continua o testemunho de Luzia: **Tinha dia que tinha o café, e não tinha o açúcar, tinha dia que tinha o açúcar e não tinha o café, até que nós conseguimos nossa casa, porque depois de 26 anos de aluguel. Ah... foi uma vitória!** O fato de ela pagar aluguel dificultava suprir as necessidades básicas como a alimentação. A expressão final **“Ah... foi uma vitória!”** é uma memória clara ao discurso religioso, para deixar mais claro prossigamos: **quando eu vim lavar a minha casa que eu peguei a chave que eu entrei eu disse meu Deus muito obrigada, me ajoelhei, juro por Deus... e chorei. Meu Deus muito obrigado pelo**

lar que o **Senhor me deu. E agradeço a Deus, tudo por tudo.** Os grifos são nossos e estão dispostos nas palavras que reforçam e deixam claro o acionamento de um discurso religioso, tal como no R3, temos aqui uma equiparação entre Ricardo e Deus, no mesmo Enunciado vemos o seguinte dizer: **E agradeço a Deus, tudo por tudo, e ... e a nosso futuro governador, porque ele batalhou muito, ele conseguiu, porque se não fosse através dele, ninguém tinha sua casa própria hoje, e o nosso futuro governador, ele conseguiu.** Ou seja, não foi com a ajuda de Deus, ou graças a Deus que as pessoas têm casa própria hoje, mas foi Ricardo quem fez, e a senhora Luzia agradece a Deus e a Ricardo, pois foi **nosso futuro governador / ele batalhou, / ele conseguiu / se não fosse através dele, / ninguém tinha casa própria hoje / ele conseguiu.** Ricardo fez, e não com a ajuda de Deus, esta ajuda foi apenas para a senhora Luzia conseguir a casa, Ricardo fez sozinho, pois ele como está no E3, é o novo.

O R5 no final do enunciado aciona o discurso feminino: **Ele vai cuidar melhor do estado do que eu cuido da minha casa. Isso eu tenho certeza.** Pelas Condições de Produção do discurso contrário ao discurso feminista sabemos que quem é responsável por cuidar da casa é a mulher. Sua feminilidade, geralmente é relacionada à ideia de simplicidade, sensibilidade, ternura, etc. Apontam que aquilo que a mulher cuida é muito bem cuidado e Ricardo fará dessa mesma forma com a Paraíba, **Isso eu tenho certeza.**

R6. Jingle: Abra a porta da casa, abra o seu coração, abra um sorriso sincero, cante essa nova canção.

Apresentadora 1: Antes da eleição de 2002, o governador da época, Maranhão, autorizou inúmeras obras em todo o estado, a maioria delas foi paralisada ainda na campanha, ou logo depois, assim que o PMDB perdeu a eleição para o governo. A pressa no início e a pressa ainda maior na paralisação deixaram a impressão de que essas obras eram puramente eleitoreiras. A prática de ontem se repete hoje, será mera coincidência? Vamos ver alguns casos.

Locutor: Aduora de Acauã: Início autorizado, dezembro de 2001. Paralisação: Agosto de 2002; Barragem Capivara, Início: Junho de 2001. Paralisação: Setembro de 2002; Aduora Coremas – Sabugi, início: Outubro de 2001. Paralisação: dezembro de 2002. Oito anos depois o governador-candidato adota a mesma prática inicia as

obras e logo depois as paralisa. Em João Pessoa o Centro de Convenções que já tinha até data de inauguração, também parou. Em Campina Grande um conjunto popular foi iniciado, mas também foi abandonado e o mato está cobrindo as paredes. E em Patos, a ponte do Jatobá foi iniciada e anunciada antes da campanha, mas também já parou. A construtora chegou a montar o canteiro de obras, mas como não recebeu nenhum pagamento, abandonou o serviço, até a areia comprada para fazer a ponte foi recolhida. Nada, nada feito aí, nem começaram ainda... tem nada aí feita. Prometer é uma coisa e fazer é outra né?

Apresentadora 2: Fica no ar uma pergunta não respondida. Porque o início atabalhado dessas obras? Falta de planejamento, incompetência, ou seria pra enganar o eleitor? No final o PMDB deixou mais de mil obras paralisadas. Quantas deixará dessa vez?

No R6 o uso, de palavras relacionadas à ideia de paralisação: “Paralisa, parou” despertam um efeito de sentido de estagnação, antiguidade, o enunciado fala da paralisação e traz dados estatísticos das obras com o intuito de corroborar essa ideia. A noção desse efeito de sentido, é que ao parar, as coisas não evoluem, ficavam da forma que estão e essa ideia é diretamente ligada ao discurso político opositor. Já a presença da frase: **Fica no ar uma pergunta não respondida** aponta que nesse caso existem perguntas que Zé não sabe, ou não pode responder, pelo discurso o efeito de sentido é que não há resposta para as mesmas.

Outro efeito de sentido sustentado é que as obras são meramente eleitoreiras, e a noção junto a isso, é que esse discurso opositor de fazer obras é mentiroso. Ao acionar as Condições de Produção do discurso em atuação, localizamos que é lugar comum no Brasil a ideia do “político que promete e não cumpre”, que cria, inicia obras com o intuito de apurar votos, mas que não as conclui, não é necessário muito esforço para percebermos que a imagem de Maranhão aqui é ligeiramente relacionada com os dois efeitos de sentido sustentados e expostos neste enunciado (O mentiroso / O Arcaico).

Apontamos ainda, uma última observação sobre o E6. Temos aqui o uso da expressão arcaico em dois sentidos, o primeiro como já apontado, é de Maranhão como uma pessoa, antiga, parada, estagnada e antiquada, o segundo está relacionado a ideia de suas práticas políticas enquanto “mentiroso”, ou seja, essa

forma de fazer política também é antiquada, em oposição a figura de Ricardo tido como o novo. Essa prática de prometer e não cumprir é antiga então logo se liga a Maranhão e não a Ricardo. Vejamos agora a continuidade do Discurso no R7.

R7. Locutor: E no hotel Garden em Campina, centena de líderes da Paraíba inteira, reafirmaram seu apoio a Ricardo e celebraram os sinais de uma nova Paraíba. A euforia e emoção marcaram no encontro, mostrando que está próximo o dia em que a Paraíba se libertará do medo e da perseguição. Ricardo foi saudado como o condutor da unidade da Paraíba e da vitória da nossa terra.

Fala de Ricardo: A Paraíba não se arrepende de me eleger o próximo governador desse estado.

Voz de multidão: Ricardo governador!

Apresentadora 1: Vencemos e vencemos muito bem as primeiras batalhas, mas foi só um primeiro passo. Para a vitória final da Paraíba, muitos outros passos serão necessários. Temos ainda muitos desafios a vencer.

No R7 vemos a reafirmação de tudo o que foi dito nos enunciados anteriores. De que há uma adesão da Paraíba a Ricardo, e da construção de um Novo que está a caminho. Além do uso de Campina como memória a união com Cássio e como importante colégio eleitoral: **E no hotel Garden em Campina, centena de líderes da Paraíba inteira, reafirmaram seu apoio a Ricardo e celebraram os sinais de uma nova Paraíba.** Os grifos são nossos e como da mesma forma que nos enunciados anteriores apontam as “chaves” para entendermos o efeito de sentido do Enunciado.

Na sequência, ainda do R7, vemos: **A euforia e emoção marcaram no encontro, mostrando que está próximo o dia em que a Paraíba se libertará do medo e da perseguição.** Novamente é acionado o efeito de sentido de Maranhão como perseguidor e autoritário, em paralelo à imagem do Império Romano (Interdiscurso religioso). Lembremos que no acionamento desse interdiscurso Ricardo foi enquadrado como o redentor, paralelo a Jesus Cristo, e vemos isso novamente agora quando se diz: **Ricardo foi saudado como o condutor da**

unidade da Paraíba e da vitória da nossa terra. Na sequência a fala de Ricardo remete as promessas de campanha e a relação da imagem de Maranhão com o que é antigo: **A Paraíba não se arrependerá de me eleger o próximo governador desse estado.**

Na fala da apresentadora colocada após a fala do próprio Ricardo vemos que é acionado um interdiscurso, a saber: **Vencemos a primeira batalha, mas restamos vencer a guerra.** A expressão original provém de: Charles De Gaulle que pronunciou a celebre frase “A França perdeu a batalha, mas não perdeu a guerra”. No uso cotidiano da língua e em sua constante evolução a frase foi adaptada para o ditado popular “perdemos a batalha, mas não perdemos a guerra”, que no contexto em questão a batalha ao invés de ter sido perdida foi ganha, mas era apenas uma de muitas outras que viriam, em uma guerra.

Nesse caso a batalha, faz referência ao primeiro turno e a guerra a eleição de forma geral. O uso do termo batalha aciona um discurso de relação de Maranhão como um ditador, opressor e relação muito próxima com a imagem que se tem em torno de um militar.

R8. Apresentadora 2: Mas nós podemos e vamos vencer, já vencemos o medo, e depende só de nós, só de você construir essa nova Paraíba. E libertar nosso estado da opressão e da perseguição vamos nos manter unidos e mobilizados, vamos sim, abrir o nosso melhor sorriso, nos dar as mãos, e independentes e livres, vamos deixar bater ao ritmo da esperança, o quarenta que todos nós temos aqui, bem dentro do coração.

Jingle: Abra a porta da casa, abra o seu coração, abra um sorriso sincero, cante essa nova canção. Solte esse grito do peito. Que ele vem do coração... Vamos juntos, vamos fortes, é agora a vitória de Ricardo agora ta na sua mão. Já da pra ver nos olhos da pra ver em cada esquina. Pode perguntar ao povo do Sertão, pergunte a João Pessoa e ao povo de Campina cada um tem um 40. Batendo no coração.

Jingle: Eita ! Do litoral ao sertão, cada um tem um 40 batendo no coração. Vem cá, vem me dar sua mão, cada um tem um 40 batendo no coração. (bis).

Voz do locutor: Vote 40. Ricardo Governador.

No R8 vemos que a fala da apresentadora começa evocando o que acabamos de dizer no enunciado 07, ou seja, o acionamento de um discurso militar em relação à imagem de Maranhão. Os termos usados **vamos vencer, libertar nosso estado, perseguição, vamos nos manter unidos e mobilizados**, evocam o que foi dito nos enunciados anteriores, e como é perceptível essa tenha sido a lógica de ação desde o R7. Reforçar tudo o que foi dito, o que se torna algo lógico tendo em vista ser uma conclusão do programa.

Ao dizer: **Mas nós podemos e vamos vencer, já vencemos o medo, e depende só de nós, só de você construir essa nova Paraíba**, fica que, tal como no R3, a vitória de Ricardo estava ligada a sua inexperiência com o Governo e isso foi superado, daí o simbolismo da expressão. E a “nova Paraíba”, evoca a ideia relacionada ao “novo” encarnado por Ricardo como Redentor.

Sobre a presença do discurso militar, vejamos em: **vamos nos manter unidos e mobilizados (...) vamos sim, abrir o nosso melhor sorriso, nos dar as mãos, e independentes e livres, vamos deixar bater ao ritmo da esperança, o quarenta que todos nós temos aqui, bem dentro do coração**. As expressões “**vamos nos manter unidos e mobilizados**” (ordem e disciplina) e “**independentes e livres**” (soberania) são o ponto de partida para a percepção do discurso militar nesse enunciado, nesse caso especificamente para a comparação com a atitude do opositor. Faz-se necessário frisar que esse militar não necessariamente diz respeito a uma opressão, mas ao discurso da militância política.

O Jingle que encerra o programa reforça a ideia de Ricardo com o novo e conclui o programa dizendo que está próximo o dia do nascer de uma nova Paraíba e, portanto, da redenção e conclui convocando a população: “Vote 40. Ricardo Governador”.

Com essas referidas análises concluímos o primeiro programa de Ricardo Coutinho no guia eleitoral do segundo turno. Começamos agora a análise do guia de Zé Maranhão. Exibido no mesmo dia:

Z1. Locutor: Começa agora o programa Zé Maranhão Governador.

Jingle: Com força e fé eu vou.

Jingle 2: Quem quer o melhor para o seu lugar. Sabe que é preciso trabalhar, com muita honestidade, coragem e amor pelo chão. E a nossa gente sabe o que quer, a Paraíba ta com Zé.

Refrão: Eu vou com, Zé. Eu vou, com força e fé, eu vou. A Paraíba não pode parar.

(Bis 3x) “Quinzé!”

Apresentadora: A Paraíba é um estado de gente simples e trabalhadora e o nosso povo sabe que o trabalho é a principal ferramenta para se construir um estado melhor e de prosperidade. Nessas eleições temos a oportunidade de fazer a opção entre dois projetos. O projeto daqueles que se portam de forma arrogante, prepotente e que fazem tudo de forma impositiva, sem respeitar a vontade da população. Do lado de cá temos o projeto de Zé Maranhão, um homem sensível que tem experiência pra dialogar com o povo. Que conhece a Paraíba e respeita a todos.

No Z1, temos a presença de termos que surgem aparentemente com uma ideia de vocação ao discurso religioso da mesma forma que vemos anteriormente na propaganda de Ricardo, porém a presença de termos como: **trabalhar, honestidade, amor pelo chão**, tomam a ideia de trabalho e a presença da metáfora “**Quinzé**”!¹¹ relaciona com simplicidade o que caracteriza um discurso que apela para a normalidade, proximidade, simplismo, perto do comum. O discurso da humildade.

A evocação do trabalho como uma marca da simplicidade de Zé Maranhão é reforçada na fala da apresentadora quando vemos: **A Paraíba é um estado de gente simples e trabalhadora e o nosso povo sabe que o trabalho é a principal ferramenta para se construir um estado melhor e de prosperidade.** As palavras grifadas são justamente a confirmação dessa noção de simplicidade e proximidade atribuída a Maranhão, e são usadas como caracterização do povo paraibano, daí a relação de proximidade entre o povo e Maranhão.

¹¹ A expressão Quinzé, surge da junção do Número 15 com o nome Zé.

Após essa comparação de características entre Zé Maranhão e o povo paraibano, a apresentadora em seu texto diz: **Nessas eleições temos a oportunidade de fazer a opção entre dois projetos. O projeto daqueles que se portam de forma arrogante, prepotente e que fazem tudo de forma impositiva, sem respeitar a vontade da população.** A presença dessa fala aciona o interdiscurso, evocando o discurso político que diretamente ligado as Condições de Produção trazem uma descrição, mesmo que implícita, da figura de Ricardo, que ao surgir neste momento, se coloca como uma comparação diretamente oposicionista a Maranhão, que acaba de ser apresentado como um homem simples.

Olhando pelas Condições de Produção, podemos dizer que era próprio e ficou como marca do governo de Ricardo Coutinho na prefeitura de João Pessoa sua forma de administrar seguindo uma lógica diferente daquela a que culturalmente o povo e os próprios grupos políticos estavam acostumados. A indiferença para com as alianças políticas e a aos interesses de alguns grupos eram deixados de lado prevalecendo nos seus atos administrativos sua fidelidade a um projeto político e não a uma aliança, o que o colocava acima, muitas vezes, das pequenas divergências partidárias, típicas de uma república que sobrevive à custa de articulações políticas como é o caso da República brasileira.

Essa forma de comportamento foi e ainda é relacionada à personalidade de Ricardo como autoritário e intransigente, fato que é evocado na fala da apresentadora quando ela diz: **O projeto daqueles que se portam de forma arrogante, prepotente e que fazem tudo de forma impositiva, sem respeitar a vontade da população.** É interessante observarmos que reforçando o perfil de Maranhão temos agora na fala seguinte e de forma clara, essa comparação de oposição entre a figura de Zé e Ricardo como foi dito mais acima: **Do lado de cá temos o projeto de Zé Maranhão, um homem sensível que tem experiência pra dialogar com o povo. Que conhece a Paraíba e respeita a todos.** Temos acionada não somente uma comparação, mas também a evocação a experiência de Zé como administrador, já que estava à frente de seu terceiro mandato no governo estadual, diferente de Ricardo que não tinha ainda administrado o estado, mas somente João Pessoa. Por outro lado Zé é conhecido pelo povo paraibano que é retratado como um povo humilde, simples, que tem a sua fé, que é trabalhador,

diferente de Ricardo, retratado como arrogante e que não sabe **respeitar a vontade da população** ao contrário de Zé **Que conhece a Paraíba e respeita a todos**.

Z2. Clipe com a letra da música em grandes caracteres: Eu vou com Zé, Zé é trabalhador. (bis).

Fala de Zé Maranhão: Meus amigos e minhas amigas, iniciamos uma nova etapa nessa eleição, fizemos uma campanha muito bonita no primeiro turno com grandes manifestações de carinho e apoio. Em todas as cidades e por onde passamos fomos recebidos com empolgação. Apresentamos propostas para todas as áreas e debatemos com diversos segmentos da sociedade. O povo da Paraíba, sabiamente, entendeu que era preciso aprofundar o debate sobre nosso estado. Vamos mostrar que a Paraíba é um estado próspero e que temos projetos para crescer e avançar. Vamos poder debater de maneira tranqüila, agora teremos oportunidade de mostrar quem é verdadeiro e quem apenas está fazendo promessas para se eleger. Tenho certeza que a Paraíba não vai aceitar que a arrogância se instale no Governo do Estado. Quero contar com o seu voto, para continuar essa luta. Quero a oportunidade de concluir os grandes projetos que iniciamos. Confio na Paraíba, e sei que estaremos juntos nessa caminhada.

Na fala de Maranhão no enunciado (Z2), vemos a continuidade desse discurso de proximidade, a própria fala do candidato começa com uma saudação cordial que diz: **Meus amigos e minhas amigas**. Ou seja, não é o candidato e seus eleitores ou o governador e os cidadãos, mas sim amigos.

Surge o termo “tranqüilo” quando o candidato diz **Vamos poder debater de maneira tranqüila, agora teremos oportunidade de mostrar quem é verdadeiro e quem apenas está fazendo promessas para se eleger**. A presença desse termo aponta ainda para a proximidade, e mais ainda similaridade entre Zé e o povo, ou seja, essa tranqüilidade que o candidato menciona só existe entre ele e o povo porque o povo o conhece e por isso está tranqüilo, é essa proximidade que traz essa tranqüilidade, em outras palavras é como se o próprio Zé Maranhão faria o que qualquer outro paraibano faria se estivesse no Governo.

Ainda é possível perceber nessa fala de Zé, que é acionado, até mesmo pelas Condições de Produção, o dilema verdadeiro – falso, que se mostra na expressão **mostrar quem é verdadeiro e quem apenas está fazendo promessas para se eleger.** E o uso da expressão “a arrogância” pra remeter a Ricardo ao reafirmar a sua forma de governo funciona ainda como categorização desse dilema. A presença dessa fala de Maranhão aqui vem justamente questionar a credibilidade da campanha de Ricardo. As Condições de Produção nos permitem afirmar que durante o processo eleitoral de 2010, um dos fortes da campanha da coligação “Uma nova Paraíba” foi justamente apontar a paralisação de algumas obras no governo Maranhão. Essa resposta por parte da oposição é dada agora, ou pelo menos em parte, na própria fala de Zé quando diz: **Quero a oportunidade de concluir os grandes projetos que iniciamos**, remetendo novamente aos mandatos anteriores e sua experiência e liderança a frente do governo estadual e indiretamente as referidas obras.

Z3. Clipe com a letra da música em grandes caracteres: Eu vou com Zé, Zé é trabalhador.

Locutor: Zé maranhão é o governador que, mas fez pela Paraíba, foi Zé Maranhão quem levou água a todas as regiões da Paraíba, construiu adutoras e barragens. Zé foi o governador que construiu o canal da redenção e transformou as várzeas de Souza em realidade. Zé maranhão construiu o Hospital de Trauma de João Pessoa está recuperando a rede hospitalar da Paraíba e concluindo o Trauma de Campina Grande. Zé maranhão acabou com a fila da morte, criou serviços de cardiologia e neurologia. Foi no seu governo que todas as crianças cardiopatas tiveram tratamento adequado. Zé maranhão também é o responsável pelo programa segundo lar, que atende as crianças com carinho. A pessoa com deficiência e a pessoa idosa são prioridades no seu governo. No governo Zé Maranhão o desenvolvimento econômico e social andam juntos.

Jingle: Eu vou com Zé

Testemunho de popular: Eu estou com Zé, porque Zé é uma pessoa simples, popular, honesto.

Testemunho de popular: Como gestor, pra mim não tem outro.

Testemunho de popular: Eu gosto de Zé, porque ele é trabalhador.

Testemunho de popular: Visita casa a casa, tanto faz um gari, como um médico ou um juiz pra ele, trata todo mundo na mesma igualdade,

Testemunho de popular: Zé maranhão é um homem simples e honesto, e é com Zé Maranhão que nós vamos no dia 31 de Outubro.

Testemunho de popular: Vamos rumo a vitória se Deus quiser.

Jingle: Zé é trabalhador.

No Z3 encontramos um reforço em relação ao que já vem sendo sustentado ao longo do discurso que se apresenta como um discurso simplista tradicional, sendo esse tradicional tomado do campo da experiência tanto enquanto gestor quanto em relação a própria experiência de vida, tal reforço é perceptível por meio de expressões como **Eu vou com Zé, Zé é trabalhador**. Na fala do locutor que vem logo na sequência dessa expressão vemos a relação de experiência de mandato que é atribuída ao candidato por meio da apresentação de várias obras de cunho social, e que indiretamente remete ao campo das políticas sociais voltadas para as classes menos favorecidas. Essa atitude favorece a ligação de Zé com o povo por ser um homem simples e humilde, honesto, etc. atitude essa que se reflete nas obras de seu governo, que visam a dignidade dessas pessoas que são como ele, simples e trabalhadoras.

Na sequência das falas, os testemunhos populares apresentados não deixam passar essa relação entre ambas as partes. Vejamos: **Eu estou com Zé, porque Zé é uma pessoa simples** (proximidade) / **Como gestor, pra mim não tem outro** (reforça a experiência no mandato e na gestão do governo) / **ele é trabalhador** / **Vamos rumo à vitória se Deus quiser** (próximo a realidade do povo, retratado nesse discurso como trabalhador e que tem sua fé).

Esse testemunho que pode ser tomado como um resumo e uma afirmação direta de relação de simplicidade que apresentamos até aqui: **Visita casa a casa, tanto faz um gari, como um médico ou um juiz pra ele, trata todo mundo na mesma igualdade**. Um discurso que até então se mostra muito típico de uma

pessoa comum, próxima da realidade de cada pessoa. Essa proximidade se daria com o povo e também os funcionários como se apresenta no enunciado seguinte:

Z4. Fala de Zé: Neste momento quero reafirmar alguns compromissos com os paraibanos. Todos os funcionários públicos terão aumento salarial, já fizemos a previsão no orçamento de 2011 que já está na assembléia. Vou implantar a PEC 300, da mesma forma que fez o Estado de Sergipe, além de contratar os 1.600 concursados da polícia. A segurança terá ainda mais investimentos. Além disso, será implantada a rede de ensino profissionalizante com 19 centros em toda a Paraíba. O pólo eco-turístico Cabo Branco será concluído e vai gerar milhares de empregos, a economia da Paraíba terá outra dimensão com o porto regional de águas profundas, o ramal da transnordestina e o petróleo de Souza. Os jovens terão oportunidade e a Paraíba será muito melhor.

Jingle: Eu vou com Zé, Zé é trabalhador.

No Z4, vemos o surgimento de uma aproximação com o povo por meio de uma classe específica e que está diretamente ligada ao governo, que é o funcionalismo público. Essa forma de aproximação também continua sendo, como tem acontecido ao longo do discurso, uma relação de aproximação simplista já que o funcionário público é retratado dentro das Condições de Produção do discurso acionadas nesse caso, como um homem simples, trabalhador, que tem sua família e que é sustentado diretamente pelo salário que recebe do poder público, uma realidade não muito longe do que temos identificado até aqui.

Vemos na fala de Zé neste enunciado a promessa: **Vou implantar a PEC 300, da mesma forma que fez o Estado de Sergipe.**¹² Dadas as Condições de Produção do discurso essa promessa de implementação da PEC 300 na Paraíba, trata de uma forma de aproximação com esse ramo específico do funcionalismo público que no seu governo já havia feito greves e logo após isso, foi desenvolvida uma forte política de aumentos salariais para militares, que fez com que Zé

¹² A PEC 300 é uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) de nº 300 que propõe equiparar os vencimentos das Polícias Militares e Bombeiros Militares de todas as unidades da federação com os que são praticados hoje pelo Distrito Federal.

Maranhão, outrora rejeitado por essa classe, agora em termos eleitorais tivesse uma boa aceitação.

O restante da fala de Maranhão continua reforçando a questão do trabalho como forma de aproximação com o povo: **Além disso, será implantada a rede de ensino profissionalizante** (Capacitação para geração de empregos) / **O pólo turístico Cabo Branco será concluído e vai gerar milhares de empregos** / **Os jovens terão oportunidade e a Paraíba será muito melhor.** (Capacitação para emprego nas classes em situação de risco, remetendo às políticas sociais como vimos mais acima). Neste enunciado Z4, portanto, o que podemos perceber é uma preocupação com o trabalho, no sentido de geração de empregos para todos os níveis de classe, e Zé é colocado como a pessoa certa para isso.

Z5. Locutor: A Paraíba é o estado brasileiro com mais projetos em andamento no país. No governo Zé Maranhão, já estão encaminhados o Porto Regional de águas profundas, que vai modernizar a economia do estado. O ramal da ferrovia transnordestina vai viabilizar grandes projetos de mineração e a exploração do petróleo. A Paraíba terá 1.500 km de novas estradas. O binário de Jacumã, o binário de Bayeux, e a via Jaguaribe vão melhorar o trânsito na grande João Pessoa. Em Campina Grande está em conclusão o Hospital de Trauma e a alça noroeste será construída. A duplicação da BR 230 Campina/Cajazeiras e a duplicação da BR 104, a estrada do Forró, que liga Campina a Caruaru vão trazer desenvolvimento para a região. Cajazeiras terá seu aeroporto para receber grandes aviões e a pista já está pronta. A Paraíba é um estado com obras e trabalho em todo lugar.

Apresentadora: Zé Maranhão é um homem de muita determinação, e capacidade de trabalho. Essa energia que tem para realizar obras, prestar serviços e melhorar a vida dos paraibanos empolga e contagia muita gente.

Na continuidade do discurso vemos agora no Enunciado 05 uma quebra momentânea, antes tínhamos observado que somente foram elencadas obras de caráter social. No Z5, porém vemos surgir uma parte do discurso reservada a obras de caráter de infra – estrutura: **A Paraíba é o estado brasileiro com mais projetos em andamento no país. No governo Zé Maranhão, já estão encaminhados o**

Porto Regional de águas profundas, que vai modernizar a economia do estado. O ramal da ferrovia transnordestina vai viabilizar grandes projetos de mineração e a exploração do petróleo. A Paraíba terá 1.500 km de novas estradas (...). O que temos nesse caso é um deslizamento de sentido tendo em vista que essas obras, por algum motivo foram citadas apenas para cumprir um programa político de governo, mas essas expressões se esvaziam dentro do próprio enunciado que na fala da apresentadora logo na sequência da fala do locutor volta ao mesmo rumo que o discurso tinha tomado até então: **Zé Maranhão é um homem de muita determinação, e capacidade de trabalho.** (simplicidade e proximidade com o povo por meio do trabalho). **Essa energia que tem para realizar obras, prestar serviços e melhorar a vida dos paraibanos empolga e contagia muita gente.** O termo grifado aponta uma característica de Maranhão como Altruísta, ou seja, um homem simples, prestativo, que trabalha, é honesto, tem fé e quer ajudar, novamente confirmando a caracterização de Zé no discurso. E a expressão essa energia remonta a vigor, dinâmica, apesar da experiência e do muito tempo ativo.

Z6. Continuação da fala da apresentadora no E5: É por isso que as principais lideranças da Paraíba estão com Zé e fazem questão de declarar o seu apoio. A Paraíba está com Zé com força e fé.

Jingle: Eu vou com Zé.

Deputado Manoel Junior: Eu vou com Zé pela sua sensibilidade pela forma simples de tratar as pessoas, e os problemas da Paraíba.

Líder Jovem do PMDB : Mestre de Obras, mestre de todos nós, o governador da juventude, do jovem, de mim, de você. Todos nós queremos o melhor para o futuro da Paraíba.

Líder do governo na Assembléia: Desenvolvimento a partir da educação da ciência e da tecnologia. Inclusão social, Esta é a Paraíba que estamos construindo com Zé

Senador Wilson Santiago: Aprendeu a trabalhar desde cedo, tem dado exemplo como se faz o melhor, na administração pública. Por isso voto em Zé.

Líder da Força Jovem da Campanha: Vamos invadir as ruas, vamos vestir o vermelho, vamos participar de manifestações, manifestações de amor pela Paraíba.

Veneziano, ex - Prefeito de Campina Grande: É fundamental que nos unamos ainda mais com a certeza de que o melhor projeto para a Paraíba é, Zé Maranhão, o nosso governador.

Senador Vitalzinho: Vamos as ruas, se vista de vermelho, mostre a Paraíba que Zé Maranhão, será o nosso governador. Porque Zé é a garantia do futuro do nosso estado.

Dep. Manoel Junior: Voto em Zé pelo seu trabalho na saúde, por resgatar o direito dos pessoenses, de terem saúde de qualidade.

Líder do governo na Assembléia: Eu vou com Zé, a juventude vai com Zé, pra que a Paraíba possa avançar.

Senador Vitalzinho: Chegou a hora da Paraíba, Zé Governador.

Veneziano: Pelo bem da Paraíba, pelo bem dos paraibanos, vamos com Zé.

Jingle: O dia que sonhamos, logo chegará, com verdade confiança e paz. Firmes vamos juntos, todos a vencer, a nossa gente sabe escolher, a mudança continua, crescimento é o que a gente quer, a Paraíba é coração e fé.

Todos unidos, todos com Zé, todos com força, todos com fé.

A Paraíba já mudou e precisa continuar seguir em frente com confiança pra avançar

Todos unidos, todos com Zé, todos com força, todos com fé.

Todos unidos, todos com Zé, todos com força, todos com Zé.

No último enunciado do discurso vemos a apresentação do apoio político e a apresentação da aliança em torno de Zé, reforçando suas características de simplicidade, por exemplo, na expressão “Mestre de Obras”, presente na fala do Líder Jovem do PMDB, o surgimento dessa expressão no discurso traz à tona um efeito de sentido que como sempre, corrobora a imagem construída em torno do candidato, nesse caso em específico como um homem com experiência suficiente para administrar, mas nem tanto a ponto de ser longe da realidade, por tanto um meio termo. Afinal o Mestre de Obras é um trabalhador da construção civil que tem um pouco de conhecimento a mais que o do pedreiro que está na base do processo de trabalho nessa área, mas nem tanto para ser um engenheiro, ou seja, um meio termo dentro desse campo específico tal como Zé qualificado neste momento.

Na fala do Senador Vital do Rêgo Filho (Vitalzinho) vemos a declaração “aprendeu a trabalhar desde cedo”, nesse caso a presença dessa declaração sustenta um efeito de sentido, como sempre, de proximidade, afinal pelo contexto cultural e político – econômico do estado, portanto, tendo por base as Condições de Produção do discurso, as pessoas mais simples em sua maioria começam a trabalhar desde cedo para poder ganhar seu salário como forma de sustento, ao contrário das pessoas mais abastadas que podem por, exemplo, escolher trabalhar depois de formadas em uma Universidade, etc.

Vamos invadir as ruas, vamos vestir o vermelho, vamos participar de manifestações, manifestações de amor pela Paraíba, discurso típico dos movimentos sindicais, uma das bases políticas de apoio a coligação Paraíba Unida do candidato Zé Maranhão, **Vamos às ruas, se vista de vermelho.**

O Z6, portanto corrobora a imagem construída em torno do candidato ao longo de todo o guia eleitoral e afirma tudo por meio da fala das principais lideranças políticas envolvidas na campanha e dos representantes das principais classes e grupos de apoio a coligação Paraíba Unida, a presença da fala destes personagens no enunciado final, Z12 que está mais a frente, vem justamente dar credibilidade a tudo o que foi defendido até então no discurso do Guia de Zé Maranhão e parte como um resumo final do que foi exposto ao longo deste.

Considerando o Guia Eleitoral exibido posteriormente voltamos a fazer a análise dos enunciados a partir do dia 10 de Outubro partindo do Guia de Ricardo Coutinho e seguindo a mesma sequência de análise do programa de número 01 de cada um dos candidatos no dia anterior em 09 de Outubro.

R9 Locutor 01: Maranhão é bom de promessas às vésperas da eleição. Em 2002, antes da eleição, ele assinou a ordem de construção da estrada Mamanguape, Itapororoca, Aracagi, Guarabira. Mas foi só o PMDB perder a eleição para o governo que a obra foi paralisada. A estrada de Cuité de Mamanguape foi outra que parou logo depois da eleição. A reforma do Hospital Clementino Fraga em João Pessoa também parou.

Nesse enunciado vemos a frase **Maranhão é bom de promessas às vésperas da eleição**. Como uma recusa irônica, ou seja, o locutor não assume essa colocação como uma verdade, mas dentro desse contexto evoca uma ironia para afirmar que – Maranhão faz promessas, mas não cumpre, reproduzindo o efeito de sentido presente em R6, neste caso se o político não cumpre o que diz, pelas Condições de Produção sabemos que essa é uma afirmação tida como certa por grande parte do eleitorado, então ser bom nisso não é algo positivo.

No R9 o candidato opositor é relacionado à ideia de arcaísmo e de algo retrógrado e estagnado, por meio do uso de vocábulos, como PARA, PARALISA, PARALISOU, etc. conforme vimos anteriormente, termos estes que também estão presentes neste enunciado.

A presença da oração **Mas foi só o PMDB perder a eleição para o governo que a obra foi paralisada** chama a atenção por não especificar, que governo é referido pelo locutor e o porquê do uso da Sigla PMDB, para substituir o nome de Maranhão. A razão disto está nas Condições de Produção do Discurso vigentes à época, quando ocorreram as eleições de 2002. Naquele ano Maranhão era governador e pediu afastamento do cargo para disputar uma vaga no Senado e quem assumiu o governo paraibano em seu lugar foi o vice Roberto Paulino, que encarou a disputa contra Cássio Cunha Lima, então prefeito de Campina Grande, o resultado da eleição foi à vitória de Cássio no primeiro turno e também no segundo com uma diferença ainda maior no número total de votos válidos.

Como Maranhão não chegou a terminar o mandato no referido período, e foi seu partido, ou, seu vice Roberto Paulino, que era também do PMDB, que perdeu a eleição, por conta disso o Locutor diz **foi só o PMDB perder a eleição para o governo**, para não se referir diretamente a Maranhão, já que ele estava ausente e sim o seu partido, que de certa forma e pelas Condições de Produção vigentes, representava seus planos, como também o uso do termo **o governo** remete indiretamente a Cássio. Na época em que esse guia foi produzido, Cássio estava, como ainda está, com seus direitos políticos suspensos devido a uma decisão Judicial do STF que decidiu caçar seu mandato como governador.

Para evitar uma ligação direta entre Ricardo, e sua imagem como redentor; a imagem de Cássio, então ainda muito fatigada pela cassação, o termo usado é “o governo”. Indiretamente liga-se essa lacuna deixada no enunciado com a colocação de “o governo de Cássio”. Em outros termos a oração adequada seria “Mas foi só Maranhão perder a eleição para Cássio...” porém, como pelas Condições de Produção, conforme acabamos de explicar, essa ideia não poderia ser exposta diretamente, a própria Formação Discursiva política coloca os termos PMDB, e governo, para indiretamente se referir a Maranhão e Cássio.

R10. Voz de Multidão: Ricardo Governador !

Jingle: Eita ! Do litoral ao sertão, cada um tem um 40 batendo no coração. Vem cá, vem me dar sua mão, cada um tem um 40 batendo no coração.

Apresentadora 01: Olá, os resultados da eleição do dia 03 deixaram muitas lições. Uma delas foi que pela primeira vez na história da Paraíba, João Pessoa e Campina Grande se uniram para eleger o governador. São os sinais alvissareiros de uma nova Paraíba.

Locutor 02: Em João Pessoa Ricardo obteve 213.811 votos, uma diferença de 75.035 votos. Em Campina Grande Ricardo obteve 130.157 votos. Uma vantagem de 61.373 votos. Só essas duas cidades deram a Ricardo uma vantagem de 136.408 votos

No R10, vemos uma confirmação das ideias presentes em vários enunciados do primeiro programa, a saber: a evocação da unidade da Paraíba, de todos como um Todo, do novo pela primeira vez na história. Vemos também em R10, a presença da frase: **pela primeira vez na história da Paraíba, João Pessoa e Campina Grande se uniram para eleger o governador**. Tal colocação reforça o que acabamos de abordar, como também traz à tona um cenário que pelas Condições de Produção, fazem, ou melhor, remetem a seguinte situação. Cássio, na mesma época em que Maranhão governava a Paraíba, era prefeito de Campina Grande, e pelas mesmas Condições de Produção, tinha uma maciça aceitação na cidade, era como se Cássio representasse a cidade e fosse o porta voz de Campina.

Desse modo, a rivalidade entre Maranhão e Cássio, presente desde o “racha do PMDB” em 1998, conforme abordado no Capítulo 01 pg. 27, deste estudo acabou se transformando numa oposição entre Campina e Zé Maranhão. Conseqüentemente, o governador tinha por sua vez, uma boa aceitação em João Pessoa e aí a rivalidade se deslocou entre os dois colégios políticos de ambos os candidatos, a disputa Campina e João Pessoa tinha por trás a rivalidade apenas entre grupos políticos com bases eleitorais divergentes. Daí o uso dessa colocação no R10 de **que pela primeira vez na história da Paraíba, João Pessoa e Campina Grande se uniram para eleger o governador**. Em outras palavras, era como se as duas cidades tivessem finalmente feito as pazes e o responsável por isso seria Ricardo, colocado, como o Redentor, aquele que trouxe paz e harmonia.

Outro ponto também a ser observado é uso do termo “sinais”, que vai reforçar o efeito de sentido. Evoca-se ainda nesse caso, a presença do misticismo religioso. Levantado nos enunciados do programa anterior, o sinal aqui vem trazer à tona este mesmo significado. Seria uma marca, um indício, uma prospecção, por fim, um, Presságio, portanto uma prefiguração de um novo tempo que está por vir e que já começa com essa união de João Pessoa e Campina, um sinal deste novo tempo inaugurado por Ricardo. A presença dos dados estatísticos na seqüência vem apenas confirmar numericamente esse apoio de João Pessoa e Campina. unidos em torno de Ricardo como podemos ver em R11.

R11. Ricardo Coutinho: João Pessoa e Campina Grande se uniram para unir a Paraíba. Nossa terra não suporta mais as divisões, que nos prendem ao passado, atrasando nosso desenvolvimento. Essa briga política que não acaba nunca não interessa a você nem a Paraíba. Só interessa a quem depende dessa divisão para viver ou para sobreviver politicamente. Quero, e com a graça de Deus, eu vou unir a Paraíba. Porque só unida a Paraíba vai avançar 40 anos em 4. E sua vida vai ficar muito melhor.

Em novo enunciado assistimos a mesma lógica de trabalho que vem sendo adotada desde o programa anterior, emite-se uma ideia e em seguida passa a ser reforçada com outras a medida que poucos acréscimos vão sendo feitos, neste enunciado temos a confirmação novamente da ideia de unidade, paz, tranqüilidade,

evocada por Ricardo como podemos perceber em: **João Pessoa e Campina Grande se uniram para unir a Paraíba.** (Unidade, tranquilidade, e Paraíba como um todo). **Nossa terra não suporta mais as divisões, que nos prendem ao passado, atrasando nosso desenvolvimento** (Caracterização de Maranhão como retrógrado, antiquado, remetendo a ideia de estagnação). **Quero, e com a graça de Deus, eu vou unir a Paraíba.** (Interdiscurso religioso, redenção “vou unir a Paraíba”) **Porque só unida a Paraíba vai avançar 40 anos em 4,** (Interdiscurso político, evocando JK e mais uma vez a ideia de unidade da Paraíba como um todo). Vejamos o próximo enunciado.

R12 Jingle: Vamos juntos! Vamos fortes, é agora a vitória de Ricardo agora tá na sua mão.

Apresentadora 02: Até há pouco tempo, a Paraíba era um dos estados mais tranqüilos do Brasil. Hoje, em termos proporcionais, infelizmente é o recordista brasileiro de assaltos a bancos. Além deste triste recorde de Governo. Maranhão conquistou também, em dez anos como governador, um recorde pessoal muito dele. É o governador que menos contratou policiais na história da Paraíba.

Locutor 01: A polícia está sucateada e o resultado é o aumento da violência com mais homicídios e assaltos em toda a Paraíba. Faltam, armas, munição, viaturas e pessoal. Onde tem delegacia falta delegado. É o caso de Esperança e Areial.

Repórter 01: O delegado tem que se dividir entre duas cidades. Aqui em Areial ele passa apenas dois dias da semana. O resto do tempo ele trabalha em Esperança.

Testemunho popular: Não existe delegado, não existe policial, existe aqui, muito, é bandidagem.

Repórter 02: Um homem foi assassinado a tiros, na madrugada deste domingo, durante assalto aqui no bairro de Manaíra. O crime aconteceu em frente à 12ª delegacia distrital, que estava fechada no momento do assalto.

Ricardo: A política de segurança da nova Paraíba que vamos construir, começa pela valorização do policial, com salários dignos para a PM e a polícia Civil. Vamos apoiar a aprovação no congresso Nacional da PEC 300, que fixa um piso nacional para o policial.

Abriremos novos concursos para a PM e a Polícia Civil, e todos os atuais concursados serão chamados. Vamos criar uma polícia de fronteiras para acabar com a farra da bandidagem, que sai dos estados onde tem segurança e vem para a Paraíba, onde não são incomodados. No atual governo o sistema de segurança pública não utiliza como deveria a tecnologia como instrumento fundamental para o trabalho dos policiais e a tranquilidade das pessoas. Por exemplo: A Prefeitura da Capital tem mais câmeras de segurança do que todo o Estado. Vamos instalar Câmeras de vídeo para proteger a sociedade 24 horas por dia. Fiz na prefeitura, vou fazer no estado. Vamos criar a Polícia Cidadã.

Repórter 03: A polícia cidadã vai fazer com que a polícia conheça o cidadão e o cidadão conheça a Polícia, e com isso estabeleça uma relação de confiança, entre ambas as partes, aumentando assim a segurança.

Ricardo: Quero estabelecer a articulação das ações envolvendo Polícia Militar Polícia Civil, Corpo de Bombeiros e até a Polícia federal. Hoje é cada um por si. No nosso governo trabalharão integrados para gerar mais proteção a sociedade.

Locutor 01: A violência atinge também as Agências dos Correios

Repórter 04: Em 2010 já são 35 assaltos e 06 arrombamentos de Agências dos Correios na Paraíba. Em 09 dias foram assaltadas 04 agências. Congo, Pedra Lavrada, Barra de São Miguel e Puxinanã.

Locutor 02: Sem condições de trabalho, os policias terminam o expediente logo que começa a noite.

Repórter 05: Nós estamos no Conde, mais uma cidade paraibana vítimas dos Assaltos a Lotéricas e caixas eletrônicos. Enquanto a população sofre nas mãos dos bandidos, a delegacia da cidade fecha as portas logo no início da noite.

Ricardo: No nosso governo, pretendo estabelecer, um sistema de metas de redução dos índices de criminalidade e violência em todo o estado e dessa forma, premiarei o empenho dos policiais. É o pagamento da produtividade no trabalho policial. Em Jacaraú a população está com medo. Os bandidos usam explosivos para roubar dinheiro dos caixas eletrônicos.

Repórter 06: Aqui em Jacaraú na Zona da Mata, foram três assaltos a banco apenas este ano. O último aconteceu a menos de uma semana.

Cidadão: O comércio está com medo. Tá fechando as portas a partir de 05 e 30. Escureceu você tem medo de andar na cidade porque não tem quem lhe proteja.

Ricardo: Atualmente, o cidadão de bem, o trabalhador, o jovem, é que ficam presos em casa, cercados de grades. Os bandidos ficam na rua, soltos e livres sem serem incomodados. Essa situação vai acabar. Vamos dar um choque de tranqüilidade no Estado. A Paraíba vai avançar 40 anos em 04 e sua vida vai ficar mais segura e melhor.

Como nos enunciados anteriores a presença da expressão **a Paraíba era um dos estados mais tranqüilos do Brasil**. Remete a mesma ideia de Paz e o R12 traz mais à frente uma posição contraposta a essa noção de tranquilidade: **Além deste triste recorde, de Governo, Maranhão conquistou também, em dez anos como governador, um recorde pessoal muito dele. É o governador que menos contratou policiais na história da Paraíba**. A ideia sustentada é que nesse caso a responsabilidade pelo índice de violência na Paraíba não é por uma condição política-social brasileira, mas sim responsabilidade de Maranhão **um recorde pessoal muito dele**, pois foi **o governador que menos contratou policiais na história da Paraíba**. Portanto, segundo a fala da apresentadora, é de responsabilidade do governo de Maranhão a crescente onda de violência na Paraíba. Lembremos aqui os efeitos de sentido de “história da Paraíba” Ricardo é tido como aquele que nesse contexto traz o novo “primeira vez” e Maranhão coisas ruins **“governador que menos contratou policiais na história da Paraíba”**.

Na sequência a presença do termo **sucateada** desperta um novo efeito de sentido referente a essa palavra, uma sucata é algo que em termos de equipamento está abandonado, inutilizável, e que por sua natureza mostra-se inoperante e sem condições para tal, no caso referido essa instrumento é a polícia conforme afirma o locutor ao dizer **A polícia está sucateada**, reforçando o discurso apresentado de que essa responsabilidade compete a Maranhão, pois ao caracterizar a polícia como uma sucata, isso a refere como um instrumento abandonado, e como vimos o enunciado já no seu início afirma o total abandono do estado nas mãos dos bandidos por parte de Maranhão.

O locutor ainda afirma **Onde tem delegacia falta delegado. É o caso de Esperança e Areial**. Tal afirmação provoca um efeito de sentido de inoperância por parte da Polícia que não tem tempo de cuidar da população, ao dizer isso o locutor aponta que ao ter que se deslocar entre duas cidades o delegado acaba não fazendo o trabalho em nenhuma das localidades, o que remete ao abandono da polícia por parte de Maranhão conforme já abordado (omissão e descaso) na sequência na fala e Ricardo, vemos a retomada do discurso político eleitoreiro em torno do funcionalismo público. Conforme explicamos anteriormente, Maranhão tinha durante o período de campanha uma enorme aceitação junto ao funcionalismo público, o que tenta ser retomado por Ricardo nessa fala.¹³

A presença da frase: **Vamos criar uma polícia de fronteiras para acabar com a farra da bandidagem** retoma o efeito de sentido anterior de que o estado está abandonado pelo governador e a polícia esquecida, sucateada, o que gera espaço para a atuação dos bandidos na Paraíba, conforme é afirmado pela moradora de Areial quando diz: **Não existe delegado, não existe policial, existe aqui, muito, é bandidagem**. Esse mesmo efeito de sentido (desordem) é retomado agora com essa frase na fala de Ricardo e é confirmado quando ele diz: **a farra da bandidagem, que sai dos estados onde tem segurança e vem para a Paraíba, onde não são incomodados**.

A mesma fala retoma o efeito de sentido já presente ao longo do discurso de Ricardo que faz a comparação entre o novo e o velho, nesse caso tal comparação se faz presente na frase: **No atual governo o sistema de segurança pública não utiliza como deveria a tecnologia**. A tecnologia aqui remete a aparatos modernos, inovação, termos não muito relacionados com a imagem de seu opositor em comparação a Ricardo, que sempre traz o novo, inclusive nas suas ações de governo. Desse modo, Ricardo promove um discurso político coma quebra de paradigma do governo anterior. Novo x Velho (Arcaico).

Posteriormente na fala de Ricardo a presença do termo “articulação” remonta ao discurso de Maranhão que caracteriza Ricardo como uma pessoa que não se abre e é maleável a articulações políticas. Nesse caso, vemos justamente a relação oposta de Ricardo ao dizer: **Quero estabelecer a articulação das ações**. É

¹³ (vide páginas 83 - 85).

interessante observarmos que neste caso a articulação proposta por Ricardo remete ao efeito de sentido já muito presente em seu discurso, de união, redentor, o responsável pela união da Paraíba.

As articulações de Ricardo aqui apontam também para uma união entre polícia e cidadão, reforçando o discurso de que em seu governo que é o novo, as ações serão unidas, articuladas, e governo e cidadão estarão juntos, mais uma vez abordando a ideia de Ricardo como o homem que une a Paraíba.

Nas falas seguintes dos repórteres vemos a presença de várias cidades sendo apresentadas como vítimas da violência numa tentativa de apontar que o abandono do governo abrange toda a Paraíba e o caos toma conta de todo o estado. Na sequência Ricardo exhibe o discurso típico da administração privada que remete a capacidade de administração, de gerenciar despertando o efeito de sentido de que Ricardo inaugura e traz um novo governo, tal efeito se mostra pela presença de termos como: **metas, produtividade**. E novamente na sequência da fala dos repórteres retoma a ideia do medo em todo o estado (Pg. 92) devido à falta de ação policial, “culpa” do governo de Maranhão.

R13. Locutor 02: E em João Pessoa, mais de 15 mil lideranças se reuniram para reafirmar seu apoio a Ricardo. O deputado federal Luís Couto do PT, fez questão de levar seu apoio a construção da Nova Paraíba. O entusiasmo marcou o encontro. E ecoou o grito que se levanta das ruas da Paraíba inteira.

Voz de multidão: O futuro já começou, Ricardo Governador !.

Jingle: Eita ! Do litoral ao sertão, cada um tem um 40 batendo no coração.

Locutor 02: Na Paraíba toda, por onde Ricardo passa multidões que nunca se viram proclamam que a esperança venceu o medo. Em todo canto se repete o coro que toma conta da Paraíba.

Voz de multidão: Ricardo Governador !

No R13 vemos o afastamento do discurso de segurança e a retomada de um discurso político, temos novamente a presença da Paraíba como um todo com o acréscimo de um detalhe que se mostra na seguinte frase: **E em João Pessoa, mais de 15 mil lideranças se reuniram para reafirmar seu apoio a Ricardo**, o detalhe é que até então o único apoio político presente no discurso foi o de Cássio, agora, porém, vemos a presença de um grupo de lideranças que dão seu apoio a campanha.

Na continuidade da fala do locutor, temos a presença da afirmação: **O entusiasmo marcou o encontro. E ecoou o grito que se levanta das ruas da Paraíba inteira**. A expressão **ecoou o grito**, aciona um interdiscurso histórico – social, pois a ideia de gritos ecoados remete a sociedades oprimidas, realidade muito próxima da Paraíba como é apontada no enunciado R3 pg. 71, mostrada no discurso de Ricardo. Na fala seguinte mais um feito de sentido é acionado com a expressão: **O futuro já começou**. Interdiscurso presente na música tema da apresentação de fim de ano da TV Globo. A letra da música diz:

(Hoje é um novo dia / De um novo tempo / Que começou / Nesses novos dias / As alegrias / Serão de todos / É só querer / Esses nossos sonhos / Serão verdade / O futuro já começou /.)¹⁴

Nas festas de final de ano proclama-se uma virada nas más condições da vida. Uma nova vida. Ao construir discursivamente o guia eleitoral, aciona-se pelo interdiscurso esse dizer de Ricardo que é comparado a Jesus Cristo. A letra remete a ideia de unidade, de novo, do futuro, que já começou e que é preludiado por Ricardo.

Sendo assim ao usar essa música que fala “que o futuro já começou” o discurso político presente no guia aponta para a vitória de Ricardo que já é o novo à frente da Paraíba.

¹⁴ "Um novo tempo (Hoje é um novo dia)" é um jingle lançado em 1971 que tem sido o tema musical mais recorrente das mensagens de fim de ano exibidas pela Rede Globo e uma das canções mais célebres do gênero no Brasil. Composta por Marcos Valle, Paulo Sérgio Valle e Nelson Motta, foi interpretada originalmente pelo elenco da Rede Globo; essa versão foi lançada em compacto de vinil em 1971 e 1973 e foi incluída no CD Tudo a Ver de 2001

E proclama o interdiscurso do PT retomado quando diz: **Na Paraíba toda, por onde Ricardo passa multidões que nunca se viram proclamam que a esperança venceu o medo**. Além disso, o discurso de totalidade é colocado, a palavra multidões na paráfrase discursiva vai remeter ao discurso da totalidade, Paraíba, tal como nas demais afirmações temos aqui a parte que forma o todo, multidões, portanto todos, ou melhor, toda a Paraíba proclama que **a esperança venceu o medo**.

R14. Apresentadora 02: Ricardo foi duas vezes prefeito de João Pessoa e a cada eleição obteve aqui, um dos percentuais mais altos do Brasil. Na eleição do dia 03 João Pessoa deu a Ricardo 213.811 votos de confiança e de aprovação. Uma diferença para Ricardo de mais de 75 mil votos. A explicação é simples João Pessoa, conhece Ricardo e aprova a administração dele. E conhece Maranhão também, por isso sabe escolher e votar.

Apresentadora 01: A escolha fica fácil de um lado um candidato que quer mais quatro anos pra fazer o que já não fez em 10. E do outro Ricardo que mudou a cara de João Pessoa e quer a chance de fazer pela Paraíba toda o que fez na capital. Quem conhece Ricardo, vota em Ricardo e confia nele. Ricardo não é de prometer. É de fazer.

No R14 vemos a presença de um discurso estatístico que nesse caso vem funcionar como uma forma de trazer à tona a experiência de Ricardo com conhecimento administrativo, em oposição às afirmações de Maranhão. Ricardo tem experiência administrativa embora não tenha sido governador, os números dizem que Ricardo foi duas vezes prefeito, então logo tem experiência, e se foi reeleito é porque a população aprovou sua administração, afirmação corroborada com a frase: **obteve aqui, um dos percentuais mais altos do Brasil**. Como também o uso da frase que está na sequência: **Na eleição do dia 03 João Pessoa deu a Ricardo 213.811 votos de confiança e de aprovação**. Além de ter uma boa aprovação como prefeito quem reelegeu Ricardo foi João Pessoa, em outras palavras, tal como na afirmação de que toda a Paraíba estava unida e apoiava Ricardo, em um todo,

aqui ocorre à mesma comparação, não são os eleitores de João Pessoa, isolados, mas toda a cidade que elegeu Ricardo.

Na fala da apresentadora 01, que aparece já no fim do programa, ressurgem o discurso político que se constrói a imagem do arcaico, de estagnação quando ela diz: **de um lado um candidato que quer mais quatro anos pra fazer o que já não fez em 10**. Como também de oposição ao discurso de avanço, Ricardo vai fazer 40 anos em 04 e Maranhão quer 04 para fazer o que não fez em 10. A fala da apresentadora diz que o candidato opositor, está estagnado, é inoperante há 10 anos à frente do governo e não fez nada, querendo agora mais 04 anos o que fará a Paraíba permanecer estagnada. Ricardo ao contrário é o “novo” e irá salvar a Paraíba dessa estagnação fazendo 40 anos em quatro.

Em sequência, como foi estabelecido na metodologia da análise, fazemos novamente as considerações sobre o programa do Guia eleitoral de Zé Maranhão. Ficando a análise dessa forma entre o enunciado de Ricardo e Zé Maranhão e novamente nos segundos guias da mesma forma. Diante disso, o próximo enunciado a ser analisado é o Z7 exibido em 10 de Outubro, primeiro do segundo guia de Zé Maranhão, mas o sétimo na sequência discursiva. Nesse enunciado há a mesma identificação com o Z1, em sua primeira parte, Maranhão é apresentado como um homem simples honesto e trabalhador.

Por se tratar de uma repetição do Z1, não transcrevemos a primeira parte do Z7, até porque além de repetir os mesmos efeitos de sentido, o Z7 é idêntico literalmente, ou seja, a transcrição é a mesma do Z1, que já foi vista nas páginas 76/77. Assim segue a parte seguinte do enunciado:

Z7. Apresentadora: Quando Zé Maranhão assumiu o governo em 2009 a saúde passava por grandes problemas. Hospitais fechados, falta de medicamentos, crianças sem atendimento e a fila da morte era sempre notícia. Hoje, a saúde na Paraíba está transformada. Em pouco mais de um ano o governador Zé Maranhão conseguiu recuperar diversos hospitais, garantiu medicamentos, criou novos serviços e todas as categorias da saúde, voltaram a ser tratadas com respeito. Zé Maranhão trabalha pela saúde, porque sabe que a

vida é o maior valor que nós temos. Zé Maranhão faz bem pra saúde,

Clipe com a letra da música em grandes caracteres: Eu vou com Zé, Zé é trabalhador. (bis).

Locutor: Em pouco mais de um ano muito já foi feito pela saúde. O Hospital Arlinda Marques é um modelo de atendimento a criança. Lá foi criado o serviço de cardiologia infantil, que já realizou mais de 80 cirurgias, que salvaram a vida de muitas crianças. O Hospital Clementino Fraga é referência no tratamento de doenças infectocontagiosas e disponibiliza tratamento especializado em diversas áreas. Os hospitais de Itabaiana, Itapororoca e Queimadas foram inaugurados e a população conta com serviço de qualidade e modernos equipamentos. Campina Grande vai receber em breve o Hospital de Emergência e Trauma, que será o maior da Paraíba e o mais moderno do Nordeste. Zé Maranhão também fez convênio com o Hospital Universitário e diversas cirurgias são realizadas. No Trauma em João Pessoa a população encontra agora estrutura de qualidade e não faltam medicamentos. Zé Maranhão trabalha pela saúde.

Clipe com a letra da música em grandes caracteres: Zé é trabalhador.

Fala de Zé: A saúde na Paraíba está vivendo um novo tempo. Estamos recuperando e reconstruindo novos hospitais em todo o Estado. Além disso, fizemos agora diversos serviços especializados que funcionam perfeitamente. Cajazeiras conta hoje com um hospital estruturado e os serviços de hemodiálise atendem aos pacientes que antes precisavam se deslocar para outras cidades. Nós fizemos também um convênio com a Universidade Federal de Campina Grande que viabilizou o curso de medicina em Cajazeiras. Em Patos, Sousa, Pombal, Monteiro, Sumé, João Pessoa, Guarabira investimos na saúde e os resultados já podem ser vistos. Mas vamos fazer muito mais.

Clipe com a letra da música em grandes caracteres: Eu quero mais saúde, eu vou com Zé.

Neste enunciado vemos e identificamos uma antítese entre Cássio e Maranhão, quando este assumiu o governo em 2009, devido à cassação. A apresentadora traz uma série de problemas com a saúde antes de Maranhão

reassumir o governo, na época de Cássio como gestor. O enunciado aponta um mal e esse mal é atrelado a Cássio, tal percepção se dá nas expressões: **grandes problemas, Hospitais fechados, falta de medicamentos, fila da morte**. Para esse “mal” o mesmo enunciado aponta para uma oposição entre mal / bem, onde Cássio é relacionado ao mal (doença) e Maranhão o remédio, o que se percebe na afirmação: **Zé Maranhão faz bem pra saúde**, tal colocação é típica do discurso médico e está relacionada à prescrição de medicamentos por parte destes profissionais.

O discurso não remete diretamente a Ricardo, mas só indiretamente, pois pelas Condições de Produção, neste momento tínhamos uma situação particular na política local, Ricardo que tradicionalmente era aliado de Maranhão estava agora contra ele e junto de Cássio que outrora foi seu adversário político enquanto era prefeito de João Pessoa e Cássio governador.

Tudo isso se explica da seguinte forma: neste contexto, com a cassação do mandato de Cássio como governador, o PSDB paraibano ficou sem um nome de relevância política que estivesse à altura de Cássio, o mais próximo disso era Cícero Lucena, ex – prefeito de João Pessoa e Senador na época. Porém Cícero também estava envolvido em recentes casos de corrupção assim como Cássio, o que junto com seu “capital eleitoral” dificultou a aceitação do seu nome junto ao PSDB para uma chapa para disputar o governo do Estado. Em paralelo estavam os planos do PSB tanto na executiva estadual como Nacional de que o partido crescesse e conquistasse cada vez mais espaço, mesmo que para isso algumas alianças polêmicas precisassem ser feitas nos dois níveis, e esse foi o caso paraibano, o PSB com aval da diretoria Nacional do partido, inclusive com a presença do presidente Nacional da legenda, o ex - governador de Pernambuco Eduardo Campos na campanha de Ricardo reconhecia e apoiava a união com Cássio a fim de chegar ao governo do Estado por meio de uma aliança entre as duas correntes políticas.

É por isso que vamos ver a menção durante o enunciado a Cássio e a seu governo, pois Ricardo estava aliado a ele e nesse caso, aliado e junto ao mal que afetava a Paraíba e do qual Maranhão era o remédio.

Ao longo do enunciado, primeiro vem à tona uma série de problemas na saúde presentes na gestão anterior e que Maranhão muda o quadro: **Hoje, a saúde na Paraíba está transformada**, confirmando o que se acaba de dizer. Outro efeito de sentido despertado também é a categorização da Paraíba como um paciente sofrendo com uma enfermidade. (ocasionada por um mal, que é Cássio). Zé Maranhão diante disso é relacionado a um remédio para esse mal.

Outro efeito de sentido que fica implícito é a referência ao funcionalismo público na frase: **e todas as categorias da saúde, voltaram a ser tratadas com respeito**. Nesse caso a menção de **voltaram a ser tratadas com respeito**, remete a ideia de que antes isso não acontecia o que se refere aos funcionários estaduais que foram obrigados a contrair empréstimos para poderem receber seus vencimentos mensais e que foi uma das características da relação entre Cássio e eles.

Na seqüência do enunciado, na fala do locutor temos mais uma vez Zé como um homem trabalhador: **Em pouco mais de um ano muito já foi feito pela saúde**, de trabalho feito em um curto espaço de tempo. Vemos também que é referenciada uma série de atitudes, obras de unidades de saúde por várias regiões do estado. Por exemplo: **O Hospital Arlinda Marques; O Hospital Clementino Fraga; Os hospitais de Itabaiana, Itapororoca e Queimadas; Campina Grande vai receber em breve o Hospital de Emergência e Trauma; Hospital Universitário ; No Trauma em João Pessoa**. O efeito de sentido despertado com isso é a associação entre a Paraíba como uma pessoa, conforme foi explícito anteriormente e um corpo enfermo.

Nesse caso o corpo é a Paraíba, ou o corpo da Paraíba enquanto uma pessoa que vê a cura se espalhando por várias regiões do corpo, nesse caso por meio da construção de hospitais em várias partes do estado, é uma ação de abrangência geográfica transpõe a uma abrangência física num corpo principalmente dentro dos limites dessa comparação. As unidades de saúde sendo construídas nas várias regiões do estado seriam as ações de cura nas várias regiões de um corpo.

A mesma comparação poderia também ser feita em um hospital, já que são mencionados vários que estão sendo construídos pelo estado. Assim a mesma associação seria feita, sendo que aqui vemos a cura espalhando-se por vários setores daquela unidade de saúde e chegando a todos os pacientes.

Sempre lembrando que Zé Maranhão é colocado como o responsável por todo esse processo. Quando o locutor diz: **Zé Maranhão trabalha pela saúde**, além de retomar seu papel como aquele que traz o remédio, reforça sua imagem como um homem trabalhador (**Trabalha + saúde = trabalha pela saúde**).

Com essa construção da imagem de Zé e com a citação do nome de várias cidades que receberam o “trabalho na saúde” o Z7 chega ao fim trazendo do discurso médico as afirmações de Zé como um remédio para a Paraíba, por exemplo, na frase no final no enunciado: **investimos na saúde e os resultados já podem ser vistos**. Todo tratamento médico tem resultados, tal como no caso da Paraíba. Vejamos agora os efeitos de sentido nos próximos enunciados:

- Z8. Locutor:** Zé Maranhão vai ampliar a rede de bancos de leite na Paraíba. A Paraíba terá 12 centros de alta complexidade e as pessoas não terão de sair de suas regiões para tratamentos mais complexos. As UPA’S, Unidades de Pronto Atendimento, serão instaladas nos municípios e as novas unidades do SAMU atenderão todas as regiões da Paraíba. Zé também fará um novo hospital entre Bayeux e Santa Rita que vai melhorar o atendimento de mais de 500 mil pessoas. É muito trabalho pela saúde da Paraíba.

Neste novo recorte do discurso vemos a presença de um alinhamento ao Governo Federal demonstrado por meio de ações de parceria entre os poderes. Tal questão deve-se ao fato de que pelas Condições de Produção o contexto político local, de forma natural é influenciado pelos rumos da política na esfera nacional. Em 2010 o ex – presidente Lula havia encerrado seu mandato com uma enorme aceitação entres os setores mais emergentes e menos abastados da sociedade brasileira e também entre alguns setores da classe média e classe média alta e do próprio capital privado nacional. Isso levou a uma boa aceitação da candidata de

Lula a sucessão, Dilma Rousseff. Devido a isso, era de extrema importância para ambos os candidatos das bases de sustentação do PT demonstrar que estavam do lado de Lula. Daí a presença deste alinhamento com o governo Federal neste enunciado por meio de obras como o Banco de leite¹⁵, o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) as unidades da UPA (Unidade de Pronto Atendimento), entre outras.

Z9. Clipe com a letra da música em grandes caracteres: Eu quero mais saúde, eu vou com Zé.

Fala de Zé: Sempre tratei a saúde como prioridade e sempre investi acima dos limites estabelecidos pela lei. Já estamos com grandes investimentos na saúde em todo o Estado e em todas as áreas da medicina. Tenho orgulho de ver a saúde melhorando e as pessoas tendo um bom atendimento. Mas quero fazer muito mais. Vamos criar um plano de progressão funcional que vai valorizar o profissional da saúde e incentivar a capacitação. Vamos também aumentar o investimento na saúde e ao final de quatro anos atingir a meta de 16% da receita corrente líquida, portanto, 4% acima do limite constitucional. A Paraíba será o Estado com maior índice de investimento do país e a população será beneficiada com tudo isso.

No Z9, sequência de enunciado é acionado um discurso típico das políticas públicas e de Zé como um governante preocupado com a saúde e que como dito mais acima “trabalha pela saúde”, tal efeito de sentido se mostra em frases como: **Sempre tratei a saúde como prioridade e sempre investi acima dos limites estabelecidos pela lei.** Ainda assim o efeito de sentido é retomado em: **Vamos também aumentar o investimento na saúde e ao final de quatro anos atingir a meta de 16% da receita corrente líquida, portanto, 4% acima do limite constitucional.** Além de fazer políticas voltadas para a saúde vemos que Zé Maranhão é mostrado como o homem que investe até acima dos limites constitucionais nessa área. No texto do candidato emerge um discurso político

¹⁵ O Banco de Leite Humano é uma rede coordenada pela Fundação FIOCRUZ e está ligado ao Ministério da Saúde. A Rede BLH tem por missão a promoção da saúde da mulher e da criança mediante a integração e a construção de parcerias com órgãos federais, a iniciativa privada e a sociedade. (www.redeblh.fiocruz.br).

familiar pois ao investir além dos limites, fazer um esforço acima do normal é peculiar ao comportamento de quem é pai.

Z10. Jingle: Eu vou com Zé!

Fala de Ítalo Kumamoto (médico): É fundamental que a gente tenha um governo comprometido, responsável, envolvido com a saúde do nosso povo.

Ciro Leite (Médico): Em menos de um ano foram operados mais de 140 pacientes que estavam na fila de cirurgia e que não tinham condições de serem operados.

Maurílio Onofre (Médico): É fundamental que você que está em casa no dia 31 de Outubro vote no governador José Maranhão, no 15, para que possamos não só dar continuidade, como ampliarmos essa rede de cardiologia, para que possamos atender de forma plena as cardiopatias do Estado.

Elsie Deninger (Médica): Pra que a saúde no estado continue melhorando cada vez mais, votemos no 15, no dia 31.

Ítalo Kumamoto (médico): Eu quero fazer pra você, uma prescrição de uma medicação para os males da saúde, e essa prescrição de um medicamento para os males da saúde se chama José Maranhão, 15, em 31 de Outubro.

Jingle: Zé é trabalhador!

Nas falas do Z10 vemos o testemunho de vários médicos aconselhando a população a votar em Zé Maranhão. Pelas Condições de Produção podemos explicar que a presença do testemunho de vários médicos está relacionado ao fato de que o discurso do profissional de saúde é geralmente detentor de muita credibilidade por parte da população. Outro ponto a se relacionar também é o fato de que se Zé Maranhão é um remédio, então ninguém melhor do que um médico para receitar a Paraíba (enferma), votar em Zé como remédio contra o Mal (Cássio e indiretamente seu aliado Ricardo). Essa colocação fica clara pela presença da expressão final na fala do médico Ítalo Kumamoto ao dizer: **essa prescrição de um**

medicamento para os males da saúde se chama José Maranhão. Na mesma linha vemos a colocação: **dar continuidade**, que remete a ideia de que o trabalho continua e que no caso contrário os serviços parariam.

Z11. Apresentadora: O candidato Ricardo Coutinho é sempre muito arrogante nas suas afirmações. Promete que vai melhorar a saúde, mas a sua prefeitura é marcada por problemas na saúde. Ninguém esquece do sofrimento das grávidas, nem da precariedade dos PSFs. Muito menos da falta de medicamentos. Talvez se o candidato adversário fosse mais sensível, a saúde em João Pessoa seria mais parecida com o que ele diz. Mas o povo que sofre, sabe do que estou falando.

Locutor: Existem dois tipos de governantes, os que planejam ações e obras para o povo e realizam. É o caso de Zé Maranhão que trabalha para todos os 223 municípios. E existem os que prometem e ainda fecham o que está funcionando. Ricardo Coutinho promete construir uma maternidade em cada município. Mas fechou a maternidade De Mangabeira, quando era prefeito de João Pessoa. O que Ricardo diz, ele não faz.

Apresentadora: Zé Maranhão tem a marca da sensibilidade em tudo aquilo que faz. É por isso que tem tantos apoios e as pessoas acreditam nele. Quem não lembra de como era a saúde em João Pessoa sem o Hospital de Trauma? Certamente, a população reconhece que quando Zé Maranhão governa a saúde é sempre melhor. Em Campina Grande, também será assim. Zé está concluindo e equipando o maior hospital da Paraíba e o mais moderno do Nordeste. Quem tem compromisso com o povo, faz sem fazer alarde, com tranquilidade e sem prepotência. Faz por respeito e sensibilidade.

No Z11 há o retorno de uma paráfrase discursiva entre os estilos de governo tal como mencionados e analisados no Z1. Nesse caso essas paráfrases se mostram presente em expressões como: **O candidato Ricardo Coutinho é sempre muito arrogante nas suas afirmações.** (É prepotente e não sabe articular) **sua prefeitura é marcada por problemas na saúde; Talvez se o candidato adversário fosse mais sensível, a saúde em João Pessoa seria mais parecida**

com o que ele diz. Novamente Ricardo é comparado a uma pessoa arrogante, quando é colocado como um mentiroso que não cumpre o que diz.

Em contrapartida, a afirmação da apresentadora em sua fala, no mesmo enunciado, deixa claro que estamos diante de uma paráfrase discursiva e que temos dois modelos opostos retratados como um homem arrogante e fechado (Ricardo) e outro de um homem simples e honesto (Maranhão), além de Ricardo está ligado ao mal (Cássio). Diz a apresentadora: **Zé Maranhão tem a marca da sensibilidade; É por isso que tem tantos apoios e as pessoas acreditam nele; Quem tem compromisso com o povo, faz sem fazer alarde, com tranqüilidade e sem prepotência.** A disputa entre bem e mal se encaixa muito bem nessa situação e reforça o resultado mostrado até então com as análises.

3.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos na pesquisa o discurso tanto de Zé Maranhão quanto de Ricardo Coutinho seguem um caminho linear colocando, um como um homem semelhante a um pai, outro como o redentor da Paraíba. Diante disso, as próprias análises mostram que essas caracterizações discursivas dos dois candidatos se apresentam bem firmadas desde o primeiro enunciado e são corroboradas nos demais.

No primeiro discurso de Ricardo, vemos a construção de uma imagem do mesmo como o redentor. A construção dessa imagem e sua razão podem ser entendidas olhando as Condições de Produção do discurso. Na política local deste os tempos da República Velha houve uma disputa entre dois grupos políticos que se perpetuavam no poder durante ciclos de administração, terminando alguns desses ciclos por meio de mudanças de rumo da própria política nacional que faziam com que o antigo grupo voltasse ao poder, ou o mesmo se mantivesse e se firmasse fazendo com o grupo adversário se dividisse ou se extinguisse, o que logo fazia surgir um novo grupo.

Com a intervenção do Regime Militar de 1964 não foi diferente, como apenas passaram a existir dois partidos no Brasil, os grupos Adversários se organizaram de um lado ou de outro. Com a queda do regime em 1985, muitos dos grupos políticos que foram forçados a se amotinar sob o guarda – chuva do MDB começaram a “renascer” e se firmar aos poucos na cena local. No nosso caso especificamente as duas principais correntes políticas a época estavam todas dentro do PMDB paraibano que internamente tinha duas linhas distintas. Em 1998 o episódio conhecido como o “Racha do PMDB” ¹⁶ levou que um dos grupos abandonasse o partido e se ligasse ao PSDB, o que fez com que a Paraíba se alinhasse a mesma linha da política nacional que tinha o PMDB e o PSDB como os dois maiores grupos políticos e em oposição, o mesmo se deu internamente levando o grupo de Maranhão no PMDB e a família Cunha Lima no PSDB.

¹⁶ (Vide pg. 28 – 30).

Essa divisão criou uma série de discórdias e conflitos políticos em torno de alianças e apoios. E durante quase duas décadas os rumos da política paraibana foram ditadas em torno de Mariz / Maranhão (PMDB) e Ronaldo / Cássio (PSDB). Com a cassação do mandato de Cássio Cunha Lima como governador em 2008 a estrutura já tão estabilizada dessa divisão política viu-se abalada, e junto dela o surgimento de novos nomes de destaque no contexto político local e de uma nova corrente dissidente do PMDB e que se firmava tanto na Paraíba como nacionalmente e que era encabeçada pelo PSB abriu os caminhos para uma mudança. No nosso caso Ricardo Coutinho então prefeito de João Pessoa era esse nome e destaque no âmbito local, este trazia uma nova forma de administração e tinha junto uma grande aceitação por parte da população pessoense tendo sido reeleito com um dos maiores índices do Brasil nas eleições para prefeito em 2008.

A cassação de Cássio e a falta de um nome de relevância no PSDB para disputar a eleição de 2010 quase que forjaram a aliança com o PSB a fim de que o partido que almejava o governo do estado pudesse apoiar-se na consolidada base tucana para chegar a tal objetivo. O que de fato aconteceu.¹⁷ Essa aliança inédita aliava dois nomes políticos rivais com o objetivo maior: derrotar nas urnas um adversário político que agora se colocava como adversário para os dois. Para Cássio por ter através de uma ação judicial tirado o mandato de governador, e para Ricardo por impedir que esse chegasse ao mesmo cargo. Diante disso o nome de Coutinho surge como alguém que está acima desse problema de divisão e que desejava unificar a Paraíba, unir todos os grupos ao contrário de Zé Maranhão que dentro do contexto se colocava em oposição a isso.

O discurso sustentado por Ricardo abre uma nova proposta política chamada de a “Nova Paraíba”, na qual tudo será unificado e haverá o novo, onde tudo será melhor e tranquilo. Quanto ao candidato opositor, este é traçado por um perfil totalmente diferente, como se quisesse deixar de forma clara a diferença entre ambos.

No discurso de Ricardo vemos a construção da figura de Maranhão como um líder antiquado, imperialista, que causa medo e é administrador de uma “velha Paraíba”. O sentido de arcaico, por exemplo, se percebe em expressões como:

¹⁷ (Vide p. 102).

Paralisação, paralisa, parou presentes em R6.¹⁸ A ideia de imperialista se mostra em: **a esperança venceu o medo, sem precisar olhar pro lado e pro chão** (R3). A Velha Paraíba, por exemplo, é identificada quando se fala da construção de uma “coisa nova”. Se é novo então está em oposição ao que é velho. Como mostra seu discurso em R7: **centenas de líderes da Paraíba inteira reafirmaram seu apoio a Ricardo e celebraram os sinais de uma nova Paraíba**. Como também das promessas não cumpridas, das obras paradas de um político que não cumpre o que promete presente o longo do R6, e tem assim uma forma antiga de administrar.

Dentro dos enunciados de Ricardo Coutinho, conforme mostrou a análise, identificamos uma associação entre seu discurso e a mística cristã de Jesus Cristo como o Redentor da Humanidade, no caso em análise, vemos que ao trazer o novo, conforme mostram os recortes acima, Ricardo se coloca como o responsável pela mudança dos rumos da Paraíba, conforme explícito em R11 literalmente ao dizer: **Eu vou unir a Paraíba**.

O discurso no guia de Zé Maranhão vem justamente em oposição a isso, o que mostra e corrobora que são as próprias Condições de Produção que dão o rumo dos discursos, pois ao tratarmos, por exemplo, do primeiro guia, não tinha como saber que o programa de Ricardo traria esse perfil sobre Maranhão ou vice – versa. Sobre o primeiro guia eleitoral da chapa do PMDB vemos a imagem de Zé Maranhão como um homem simples, honesto, trabalhador, que possui experiência para administrar, é sábio, simples, próximo do povo, se importa com o funcionalismo público. Como se percebe nas expressões presentes em Z3: **Eu estou com Zé, porque Zé é uma pessoa simples, popular, honesto; Eu gosto de Zé, porque ele é trabalhador; Visita casa a casa, tanto faz um gari, como um médico ou um juiz pra ele, trata todo mundo na mesma igualdade; Zé maranhão é o governador que, mas fez pela Paraíba**.¹⁹

Um homem que faz um esforço de pai pelo seu povo investe até acima do previsto em lei na saúde. **Sempre tratei a saúde como prioridade e sempre investi acima dos limites estabelecidos pela lei**. (Z9) O discurso no guia de Maranhão é centrado entre vida / morte; bem / mal. Tendo Zé Maranhão como um

¹⁸ (vide pg.76).

¹⁹ (Vide Pg's. 84 – 85).

remédio para um mal que a Paraíba sofre. Vemos isso pro exemplo em: **Quando Zé Maranhão assumiu o governo em 2009 a saúde passava por grandes problemas; Hoje, a saúde na Paraíba está transformada; todas as categorias da saúde voltaram a ser tratadas com respeito; Zé Maranhão faz bem pra saúde.**²⁰

No que tange ao discurso político opositor temos Ricardo Coutinho como um homem autoritário, arrogante, que não se abre para o diálogo, não sabe articular, e trazia o mal pois estava junto dele (Cássio). Como se mostra em Z1: **Nessas eleições temos a oportunidade de fazer a opção entre dois projetos. O projeto daqueles que se portam de forma arrogante, prepotente e que fazem tudo de forma impositiva, sem respeitar a vontade da população.**²¹ Conforme nos mostrou a análise temos o apelo ao modo de fazer política de Ricardo presente nos enunciados de Maranhão e que firmam a imagem deste como um homem autoritário e fechado ao diálogo, típico de um ditador, as próprias Condições de Produção levam neste caso a uma reação de réplica entre ambos os discursos.

Se vemos nos enunciados de Ricardo a construção de Zé Maranhão como uma figura retrograda, presa ao passado e típica de um ditador, temos nos enunciado de Maranhão a Resposta de que o ditador seria aquele que não se abre para o diálogo e se porta de forma arrogante e prepotente. Conforme mostra a seqüência dos enunciados ao dizer: **Agora teremos oportunidade de mostrar quem é verdadeiro e quem apenas está fazendo promessas para se eleger (Z2) O candidato Ricardo Coutinho é sempre muito arrogante nas suas afirmações; Existem dois tipos de governantes, os que planejam ações e obras para o povo e realizam. É o caso de Zé Maranhão; E existem os que prometem e ainda fecham o que está funcionando. Ricardo Coutinho (Z11).**

Diante do exposto não restam dúvidas sobre cada um das imagens construídas através de cada discurso sobre os dois candidatos. Temos aqui a conclusão em torno de todo este processo, do histórico e do comportamento dos dois candidatos que participaram do segundo turno das eleições de 2010 na Paraíba. Como também temos um paralelo desses dois indivíduos com os

²⁰ (Vide pg. 101 / 102).

²¹ (Vide pg's. 81-82).

personagens políticos trabalhados anteriormente segundo o pensamento de Schwartzberg.

Vimos que herdeiros de uma tradição política atuante na sociedade paraibana desde a década de 1980, esses personagens nada mais foram do que adaptações feitas pelos indivíduos (Ricardo e Zé) ocasionadas pelas próprias Condições de Produção e do próprio desenrolar da história, movida segundo o pensamento de Marx pela luta das classes, subtraídas aqui em torno de grupos políticos. Não se despreza aqui o papel da mídia e da assessoria de cada um dos candidatos em torno das peculiaridades culturais e político – culturais da realidade paraibana, a fim de que tenhamos visto ao longo dos guias os dois candidatos aparecerem agradáveis e úteis ao seu eleitorado “o público consumidor” do espetáculo político.

Após analisar cada um desses papéis e observar a realidade paraibana, é possível traçar uma breve comparação dos dois discursos em questão a um desses papéis, como dito Ricardo estaria aqui muito próximo do Herói, mas como visto no Capítulo 01 as identificações deste tipo de personagem percebe-se que apenas um pouco de sua identidade se encontra no “discurso ricardista” que não se identifica, mas apenas assemelha a um deles que seria o Herói e como vimos se mostra como um discurso político – religioso em oposição a Zé Maranhão mais próximo e parecido ao personagem do Homem Comum e do Pai e tem um discurso simplista – tradicional.

As peculiaridades de cada um desses indivíduos, o contexto em que se deu a eleição de 2010 em especial o segundo turno e a carga histórica, que os Partidos, as coligações, os próprios candidatos, os demais atores desse processo e principalmente o povo traziam, levam a construção de personagens adaptados e necessários a cena local.

Faz-se necessário lembrar como dito no Capítulo I,²² Que esses papéis abordados por Schwartzberg não são tipos fixos e imutáveis que qualquer político em qualquer parte do mundo tem de assumir. Dessa forma, é possível identificar políticos assumindo um desses papéis tanto na França, na Espanha, nos Estados Unidos. No Brasil e em especial também aqui na Paraíba. Esses papéis, porém, não

²² (Vide pg. 35 / 36)

são fruto da imaginação do autor, mas sim do próprio sistema, é ele quem os criou, os nutre e os modifica, como também pode criar outros papéis, tendo em vista que eles são fruto da realidade e a realidade varia de país para país, de continente para continente e de região para região.

Dessa forma, o que ocorre na Paraíba é um esboço de um personagem, que aparentemente teve vida curta que seria o Redentor personificado por Ricardo Coutinho e o já conhecido Pai, na figura de Zé Maranhão. Porém, isso é apenas um esboço feito a partir da Análise do Discurso sustentado pelos dois candidatos e que foi identificado neste trabalho. De forma que somente a conjuntura político – histórico - cultural e sua análise detalhada é que podem garantir se estes personagens realmente se mantiveram “vivos” ao longo do decorrer da história política paraibana e se o discurso de ambos os candidatos assim se mantiveram após 2010. O que podemos afirmar após a análise é justamente um paralelo de ambos como o Redentor e o Pai da Paraíba, juntos apenas na corrida eleitoral, mas em disputa pelo Palácio da Redenção, o que pode até ser motivo de conforto para os paraibanos, pois mesmo que estivessem numa disputa, um redentor e um pai apenas querem o bem de seus filhos e seus redimidos. A Paraíba teria assim um ponto forte de manutenção de seu crescimento, pois os dois candidatos que estão na disputa são conforme vimos na análise ótimos administradores e até mais que isso, são um Pai e um Redentor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Émerson Aroldo Rodrigues de. **As peculiaridades da política na sociedade atual: as razões da espetacularização**. Campina Grande, ECOM 2012

BALANDER, Georges. **O poder em cena**. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília- DF: Universidade de Brasília, 1982.

BRASIL. Decreto Lei 4.737 de 15 de Julho de 1965. Institui o Código Eleitoral. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 19/7/1965, Página 6746. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4737-15-julho-1965-356297-norma-pl.html>. Acesso em 22 jun. 2014.

Biografia de Georges Balander. Disponível em: http://fr.wikipedia.org/wiki/Georges_Balander.

Biografia de Roger Gerard Schwartzernberg. Disponível em: http://wikipedia.org/wiki/Roger-G%c3%A9rard_Schwartzernberg.

Biografia de José Maranhão. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Maranh%C3%A3o

.

Biografia de Ricardo Coutinho. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/RicardoCoutinho>.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Escola Francesa de análise de discurso. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/An%1lisedo_discurso.

<http://-pbjusbrasil.com.br/noticias/2288121/corregedoria-eleitoral-sorteia-emissoras-de-radio-e-tv-para-gerar-o-guia-eleitoral>.

Lista de emissoras de televisão da Paraíba. Disponível em:
http://wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_emissoras_de_televis%C3%A3o_do_Brasil.

Lista de Governadores da Paraíba. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_governadores_da_Para%C3%ADba.

MAQUIAVEL, NICOLAU. **O Príncipe**. Tradução de Aurora Pereira de Carvalho. Rio de Janeiro: Rio, 1979.

MELLO, JOSÉ Octávio de Arruda. Da **resistência ao poder: o PMDB na Paraíba (1965/99)**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

_____. **Conflitos e convergências nas Eleições paraibanas de 1982, 2002 e 2006**. João Pessoa: Sebo Cultural, 2010.

O que foi o AI2. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/AtoIntitucionalN%C3%BAmeroDois>.

Segundo turno. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistemaeleitoralduasvoltas>.

SCHWARTEZENBERG, Roger Gerard. Personagens. In: **O Estado Espetáculo**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro- São Paulo: Difel, 1978.